﻿The Project Gutenberg EBook of Carlota Angela, by Camilo Castelo Branco

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.net

Title: Carlota Angela

Author: Camilo Castelo Branco

Release Date: July 10, 2008 [EBook #26025]

Language: Portuguese

\*\*\* START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK CARLOTA ANGELA \*\*\*

Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed

Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This book was

produced from scanned images of public domain material

from the Google Print project.)

CARLOTA ANGELA

CARLOTA ANGELA

Romance Original

Por

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Terceira Edição

PORTO

Em casa de A. R. da Cruz Coutinho--Editor

Rua dos Caldeireiros, 18 e 20

1874

Typographia do Jornal Do Porto

Rua Ferreira Borges, 31

CARLOTA ANGELA

I

Se a natureza formou uma bella creatura, não póde a fortuna

precipital-a n'um incendio?

Shakspeare. (\_Como vós o amaes.\_)

Cette douce ivresse de l'âme devait être troublée.

Balzac. (\_Albert Savarus.\_)

Norberto de Meirelles e sua mulher D. Rosalia Sampayo, ricos

proprietarios, moradores, em 1806, na rua das Taipas, da cidade do

Porto, viam crescer prodigiosamente os seus cabedaes, e, com elles, uma

filha unica, tão encantadora para os paes como a riqueza com que a iam

enfeitando para seduzir o mais medrado capitalista da terra.

Tolerem-me a singeleza com que se começa a narrativa.

Eu tinha á minha disposição quatro exordios bonitos, que escrevi em

quatro tiras, e rejeitei com desdem.

Era assim o primeiro:

«Diz-me tu, amor, que magos philtros insinuaste no coração da virgem de

olhos negros, que lêda e melancolica, lagrimosa e risonha, te está

enamorando na lua, d'onde lhe sorris em noites calmas de estio, na

floresta, onde lhe cicias palavras nunca ouvidas, na fonte, onde lhe

murmuras a tua linguagem do céo? Que ambrozia inebriante déste á

doudinha que, tão requestada e alheada de brinquedos pueris, se vae, só

e destemida, a buscar-te, por entre myrtos e rosaes, perseguindo-te como

lasciva borboleta de flor em flor, sobre alfombras de verdura, por onde

volitam lucidos phalenos?»

Segundo exordio:

«Á viração da tarde tremulava ligeiramente a folhagem do renque de

alamos que cintavam uma pintoresca vivenda do Candal. Um repuxo de

crystallina limpha trepidava na cascata com soidoso rumor, donosa

musica, ao som da qual se espertam amores em peito virgem, e adormecem

mágoas em coração atribulado. Morbidamente recostada sobre um banco de

cortiça, por onde trepava um jasmineiro em flor, via-se, como engolfada

em alegrias intimas das que o rosto esconde ao invejar de estranhos, uma

graciosissima donzella... etc.»

Terceiro:

«Onde vae este gentil mancebo, tão á pressa e offegante pela calada da

noite, subindo a collina do Candal, em cujo tôpo alveja uma casa, onde

elle parece mandar adiante o coração em cada suspiro que o cansaço lhe

tira do peito arquejante? Que visão alvissima, que fada ou sylpho é esse

que desliza, rapido e volatil, por entre os alamos, e vem ao peitoril do

muro, como a anciada Hero, restaurar o vigor do extenuado Leandro?...

etc.»

Quarto, e ultimo exordio:

«Vou contar-vos uma historia que verifiquei nas fieis narrações de mais

de vinte pessoas vivas. Ides ver até que ponto os paes podem infelicitar

os filhos; até que ponto a missão augusta do segundo creador póde ser

fementida e insidiosa; até que ponto o amor paternal é amor, e d'onde

começa a ser deshumanidade. Se alguma confiança devo ter na justiça

congenial do coração humano, espero carear graça e indulgencia para uma

filha que se rebella primeiro contra um pae, depois contra o falso deus

que lhe impozeram como verdugo de mais alta e temerosa categoria,

arbitro e claviculario das sempiternas moradas do inferno... etc.»

Ahi está o que eu tinha escripto. Tudo rejeitei, contra a opinião de um

congresso de homens de delicado gosto, que votaram por qualquer dos

quatro preludios, chasqueando-me a simpleza com que escrevi o quinto,

acanhado e pêco como historieta sem nervo, nem imaginação.

E, portanto, desde já me desquito com os leitores se no decurso d'este

romance me apodarem de insulso e desimaginoso.

VERDADE, NATURALIDADE, E FIDELIDADE

é a minha divisa, e sel-o-ha emquanto este globo se não reconstruir á

feição do disparate com que uns o alindam e outros o desfeiam.

Quem desde já sentir azias de bôca, deixe isto, e desenfastie-se com as

conservas irritantes da França, e até das nacionaes, que tambem as

temos, curtidas em vasilhas, francezas. Embora travem á hervilhaca, é o

que temos, e o que nos dão os Watteis dos fricassés litterarios, em

menoscabo do classico cozinhado de Domingos Rodrigues.

Atemos o fio, e a graça de Deus nos assista, para que a benevolencia do

leitor se compraza com o alinho desaffectado e lhano d'este conto.

A filha unica de Norberto de Meirelles e D. Rosalia Sampayo chamava-se

Carlota Angela, e tinha dezesete annos, em 1806.

Não era formosa; mas exquisitamente engraçada sim.

Norberto, filho de lavradores transmontanos, era campezino, rustico, e

desageitado; Rosalia, com quanto procedente de progenie já cidadã desde

seu avô, havia muito ainda que desbastar, e quatro gerações não tinham

adelgaçado nada a raça originaria de Covas de Barroso.

Ora, a vergontea de troncos ou cepos taes não podia sair de compleição

tão fina e delicada, como se usa liberalmente com as heroinas dos

romances.

As feições de Carlota eram sêccas e trigueiras; mas a magreza não era de

debilidade ou doença. O ligeiro toque de escarlate nas faces era a

transparencia de sangue rico de toda a seiva dos dezesete annos. Tinha

uma bonita fronte, e abundantes cabellos pretos, que ella enfeitava sem

esmêro, mas com desalinhada graça, conservando-os, até essa idade, em

tres tranças, que um laço de setim encarnado prendia na cintura em duas

roscas. Á custa de importantes admoestações da mãe, Carlota reformou o

penteado, em conformidade com a moda, que era ennastrar trancinhas de

cabellos em dois grandes corações que ladeavam a cabeça, desde o vertice

até ás orelhas, com matiz de lacinhos de varias côres: bonita cousa,

antes da restauração das troixas contemporaneas, restauração, digo,

porque as malas, no cucuruto da cabeça, começavam a decair do gosto em

1806.

O que fazia engraçadissima Carlota eram as espessas sobrancelhas, que

formavam apenas um crescente das duas arcadas ciliares: tão

imperceptivel era a cisura que as estremava na base do nariz. Bem sabem

que olhos costumam ser os que reinam sob tão magnifico docel: grandes, e

negros, entre longas pestanas que, ao mais ligeiro languir das

palpebras, se ajustavam n'um amortecer de tanta volupia, que mais não

podia ser, sem feitiçaria!

Ainda não sei descrever narizes, e por narizes comecei a pintar. O de

Carlota era irregular, talvez, ao contrario dos narizes de passaporte:

era um nariz adunco, longo de mais para aquelle rosto; mas esta

incongruencia, impressionando aos que a viam pela primeira vez, á

segunda, não havia que desdenhar-lhe. Singular e desusada era a bôca.

Cada commissura ou canto dos labios terminava em dois vincos, um

subindo, outro descendo, mas tão pronunciados, que pareciam um

permanente riso sardonico, um não sei quê que fazia desconfiar as

pessoas menos habituadas á sua convivencia.

Carlota era alta e gentil. Não se affectava para ser garbosa, que lhe

sobejava graça e donaire nos naturaes meneios. O braço era incorrecto,

fornido de mais em carnes, e de pelle trigueira; a mão longa e magra; e

o pé proporcional á corpulenta haste.

Já agora, diga-se o porquê do cuidadoso recato em que a filha do snr.

Norberto de Meirelles tinha os braços; não era a grossura do pulso, nem

a pujança carnosa do ante-braço; era uma espessa camada de buço,

lanugem, ou cabello, que a frenetica menina cerceava desde os quatorze

annos, á tesoura, porque as amigas e parentas a aperreavam, chamando-lhe

«pelluda».

Basta de materia: fica-se sabendo que não se trata de uma mulher

formosa; deram-se, porém, os traços principaes de Carlota, e são esses

os que, na maioria dos casos, fascinam, apaixonam e enlouquecem o homem

de trinta annos, gasto de queimar incenso ás bellezas correctas, a cuja

desanimação de commum accordo se chama «lindeza».

Vejamol-a espiritualmente.

Carlota Angela foi creada com descuidado mimo. Seus paes reviam-se

n'ella, desculpavam-lhe todas as perrices, e fariam-a incorregivel, se a

natureza se não corregisse a si propria.

Aos quinze annos, a folgazã menina mudou para triste; de garrula e

traquina que era, fez-se taciturna e indolente. Maneiras de senhora,

conversações com pessoas de idade, onde estavam moças; entremetter-se em

cousas domesticas, a que a não chamavam; desligar-se das companheiras do

collegio, desdenhando a frivolidade de seus passatempos: tal foi a

reforma repentina de Carlota Angela.

Alegravam-se-os paes, felicitando-se por a não terem contrariado em

pequena, contra as admoestações dos parentes, entre os quaes havia um

tio materno, de cuja calva ella mudava o chinó para a cabeça de um gato

maltez, ou em cujos oculos ella bafejava para lh'os embaciar. Esta

victima, no auge da sua angustia prognosticara aos paes de Carlota

grandes dissabores, consequencias funestas da liberdade que davam á

condição ferina da moça.

Depois da mudança inesperada, Norberto e Rosalia, todos os dias, diziam

ao homem dos oculos:

--Vê como se enganou? Ahi a tem agora mais ajuizada e mansa que as

meninas creadas debaixo da disciplina e da palmatoria...

--Veremos...--redarguiu o velho advogado--veremos quando ella tiver uma

vontade opposta á vossa qual das duas é a que vence.

--Vontade opposta á nossa!--replicava Norberto--Isso havia de ter que

ver! Como acha o mano que ella se possa oppor á nossa vontade?

--Facilmente; e para não ir mais longe, ides vós ter uma occasião de a

experimentar.

--Qual?--atalharam ambos.

--Eu vos digo; mas, se Carlota entrar emquanto eu fallo d'ella, fica

para ámanhã o que hoje vos não disser.

--Carlota está no seu quarto a ler, e não vem cá tão cêdo--disse

Rosalia.--Podes fallar á vontade, Joaquim.

--Quando me notastes a mudança rapida de Carlota, fiquei mais admirado

que vós. Entrei a scismar até que ponto se podia aceitar a naturalidade

da transfiguração moral, e vim a suspeitar que a causa estava na

natureza, mas fóra da natureza de Carlota. Ora, eu sei mais do mundo que

vós, haveis de conceder-me isto, e vós tendes mais boa fé que eu: fica

uma cousa pela outra, e acho que a vossa é bem mais agradavel á vida que

a minha.

Sabeis o que me lembrou? Se Carlota estaria namorada.

--Olha que lembrança!--atalhou D. Rosalia.

--Essa é das suas, doutor!--disse Norberto--Está a sonhar... deixe-se

d'isso.

--Seria sonho;--disse o doutor severamente--mas já ágora deixem-me

contar o sonho até ao fim, e guardem para o remate as admirações. N'esta

suspeita, comecei a limpar os oculos para examinar as caras masculinas

que entravam aqui, e não achei alguma duvidosa. As vossas relações são

pouquissimas, e n'essas não ha alguem que possa despertar no coração de

Carlota um sentimento novo. Continuei as minhas averiguações fóra de

casa. Fui ás poucas casas onde vós ieis; segui todos os olhares de

Carlota, e achei-os sempre indistinctos e indifferentes. Descorçoei um

pouco; mas não desisti.

Um dia do anno passado, estavamos nós no Candal, e passeiava eu e ella

sósinhos na estrada. Dizia-me a pequena que tinha lido umas novellas de

cavallarias, de que gostara muito, posto que não acreditasse nas

historias. Contou-me algumas passagens de \_Paulo e Virginia\_ e de

\_Menandro e Laurentina ou os amantes extremosos\_, que vós não sabeis o

que é, mas lembrados estareis de me perguntardes se eram livros de boa

moral. Notei que a moça, quando me fallava no amor das damas e

cavalleiros, empregava mais vivacidade do que convinha a uma menina

innocente de sentimentos amorosos. Fiz-lhe algumas perguntas com

intenção de a surprender; mas ella jogava commigo tão habilmente, que

venceria a partida, se eu não tivesse cincoenta e cinco annos, e não

tirasse da habil escapula o mesmo que tiraria, se ella se deixase

apanhar.

N'outro dia estavamos nós sentados no mirante, conversando em cousas que

me não lembram, e vimos apparecer no alto da estrada um cavalleiro.

Olhei casualmente para Carlota, e vi-a córada, e inquieta. Disfarcei o

reparo, e vi-a erguer-se e voltar as costas para o cavalleiro, dando

alguns passos com certo ar de indifferença, e tornou logo, girando entre

os dedos uma flor que cortara.

O cavalleiro passou e cortejou-me: era meu conhecido. Esperei que ella

me perguntasse quem era; nem uma palavra. Perguntei se o conhecia,

ergueu os hombros, e fez com os beiços um gesto, que parecia dizer: «não

sei, nem me importa saber».

N'outro dia, fui eu ao Candal, e no alto das Regadas ouvi tropel de

cavallo, que me seguia, subindo a calçada. Escondi-me na esquina de uma

travessa, e vi passar o cavalleiro: era o mesmo da cortezia. Fui-o

seguindo de longe; e, ao chegar á collina d'onde se avista o mirante,

vi, primeiro, Carlota debruçada sobre o parapeito da varanda, e, depois,

o cavalleiro parado debaixo do mirante.

--Credo!--exclamou D. Rosalia, erguendo-se branca como cêra.

--E esteve até agora calado com isso!--disse Norberto, erguendo-se

tambem.

--Nada de espantos!--respondeu o bacharel, sem se descompor na cadeira,

onde se refestellava, fallando com a sua costumada solemnidade

oratoria.--Logo se diz quem é o homem; mas ha de aqui fazer-se o que eu

aconselhar, senão desconfio muito que minha irmã experimente mais cêdo

do que espera a vontade de Carlota.

Escondi-me alguns segundos, e appareci no momento em que vossa filha

entregava um ramo ao cavalleiro.

Ella deu fé de mim, e sumiu-se; e elle seguiu a estrada, depois que me

viu. Carlota recebeu-me com a certeza de que eu era sufficientemente

cego para a não ter visto: não deu o menor indicio de susto. Convidei-a,

como sempre, a passeiar no jardim, e disse-lhe: «Quando houver alguma

novidade na tua vida, has de contar-m'a, menina. Se ella te parecer tão

agradavel, que a queiras só para ti, não cuides que lhe diminues o

valor, dizendo-m'a. O coração de teu tio ha de sentir o bem do que for

bom para o teu. Ora, conversemos: diz-me lá, Carlota, se sentes alguma

inclinação que não sentias ha um anno, quando os meus oculos e o meu

chinó eram o teu regalo.

--Eu não, meu tio... sinto o que sentia--respondeu ella; mas a

innocencia protestou contra a mentira, mostrando-se no rosto: córou e

gaguejou de um modo que me fez pena e contentamento. Quando assim se

córa, o coração está puro.

Para acudir á vossa impaciencia, dir-vos-hei, em resumo, que obriguei

suavemente Carlota a confessar-me que amava Francisco Salter de

Mendonça.

Já sabeis quem é.

--Eu não!--disse D. Rosalia. E voltando-se para o marido:--E tu?

--Conheço de vista,--respondeu Norberto--é um militar, creio eu...

--Francisco Salter de Mendonça--continuou o doutor Joaquim Antonio de

Sampayo, sorvendo uma pitada pela venta direita, e comprimindo a outra

com o dedo indicador da mão esquerda--é um tenente da brigada real de

marinha, é natural de Lisboa, e está aqui ha dois annos a bordo do

brigue \_Audaz\_. É um moço que vive do seu soldo, e está por ahi

relacionado com os rapazes nobres da cidade. É o que posso informar

ácerca de Mendonça.

Agora vou responder á pergunta de Norberto. Admirou-se de eu estar

calado com isto? Calei-me, porque receiava muito que alguma imprudencia

vossa irritasse o amor de Carlota. Calei-me, esperando que Mendonça

fosse chamado a Lisboa, e nos deixasse o campo livre para

despersuadirmos Carlota. Ainda assim, fiz tenção de vos avisar, logo que

julgasse necessario empregar medidas promptas. Eu sei que o rapaz

tenciona vir pedir-vos Carlota, e sei tambem que em poder de um meu

collega está um requerimento d'ella para ser tirada por justiça no caso

de que negueis o vosso consentimento.

--Santo nome de Deus! valha-me nossa Senhora!--exclamou, com as mãos na

cabeça, D. Rosalia, emquanto seu marido resfolegava arquejante,

passeiando acceleradamente na sala.

--Não comecem a fazer doudices!--tornou o doutor--Se gritam, se põem

fogo de mais ao pucaro, entorna-se tudo. Aqui ha de fazer-se o que eu

disser; mas mudemos de conversa, que ahi vem Carlota.

II

Os tigres são menos sanhudos contra o homem que o proprio homem.

Phocion. (\_Instrucção a Aristias.\_)

Les parents en effet ont cela de admirable, et je parle des

meilleurs, que vous ne pourrez jamais, ni par plainte, ni par

raison, leur faire comprendre qu'il vient un moment où l'oiseau

essaie ses ailes et quitte son nid; qu'ils n'ont d'autre mission

que de faire et d'elever leur petits jusqu'á l'âge où ils quittent

le nid.

Alphonse Karr. (\_Sous les Tilleuls.\_)

Quaes fossem os conselhos do ornamento dos auditorios portuenses,

teremos occasião de avalial-o opportunamente.

Oito dias depois de planisada a conspiração contra os amores reservados

de Carlota Angela, foi procurado Norberto de Meirelles pelo tenente de

marinha.

Francisco Salter de Mendonça era um rapaz da boa sociedade de Lisboa, um

dos mais distinctos alumnos do collegio de marinha, reformado pelo

intelligente ministro Martinho de Mello e Castro. Tinha dotes corporaes

que o distinguiam, e virtudes que os seus amigos avaliavam como raras.

Amava com verdade Carlota Angela, posto que, no principio, o ser ella

filha unica de um abastado commerciante encarecesse mais o galanteio.

Sentiu, depois, que o seu amor se purgara da ignominia do calculo, até

preferir que fosse pobre Carlota, para que, pobre, se igualasse a elle.

Longo tempo a cortejara sem revelar-lhe as intenções honestas do namoro,

esperando que fosse ella a que o auctorisasse a pedil-a a seus paes.

Certeza tinha elle de que lh'a negavam, porque então, como hoje, um

noivo era pesado na balança do negociante rico, e o contrapeso do

coração não fazia oscillar o fiel. Pedil-a sem predispor o auxilio da

lei invocado por Carlota, nunca Mendonça quizera até ao momento em que

ella prometteu fugir de casa, se seu pae não consentisse.

Traçado o plano, Mendonça, como dissemos, procurou Norberto de

Meirelles, e foi urbanamente recebido. Disse o motivo da sua visita, e

não divisou na physionomia do ricasso o menor signal de espanto, nem

sequer surpreza. Acabou de fallar, e ouviu, com estranho jubilo, a

seguinte resposta:

--Se minha filha é contente com o marido que se lhe offerece, eu não me

opponho a que ella seja sua esposa. Ella que o ama, é que v. s.ª é

digno d'ella.

--Espero--atalhou Mendonça--merecer a v. s.ª o conceito que mereci á

snr.ª D. Carlota.

Norberto não soube responder convenientemente a isto, porque dissera

parte do que o doutor lhe ensinara nas poucas palavras com que embriagou

o radioso genro, e, receioso de que lhe esquecesse o resto, continuou:

--Fique v. s.ª na certeza de que a vontade de minha filha é a minha;

tenho, porém, a pedir-lhe um favor que v. s.ª não recusará ao pae de

Carlota.

--Oh! senhor! que me pedirá v. s.ª, que eu não receba como ordens da

pessoa que prézo desde já como pae?!

--Minha filha faz annos de hoje a um mez, e eu muito desejava que ella

festejasse na minha companhia os seus dezesete annos, ainda solteira.

--Pois não, snr. Meirelles! Exija v. s.ª de mim todos os sacrificios

que se podem humanamente fazer, que eu nunca pagarei o regosijo d'este

momento decisivo para a felicidade de toda a minha vida.

--E v. s.ª--proseguiu o fiel repetidor do bacharel, contentissimo de

não ter trocado uma só palavra, apesar das interrupções do

interlocutor--poderá, se assim lhe aprouver, honrar com a sua presença

os annos de Carlota, que se festejam, ha dezeseis annos, na minha quinta

do Candal.

Esgotara-se o peculio. Norberto fez menção de erguer-se. Salter notou a

grosseria; mas desculpou-a ao pae de Carlota. Retirou-se acompanhado até

ao pateo, honra que tres vezes recusara, mas, á quarta, o negociante

disse que ia para o escriptorio \_tratar da labutação dos arrozes que

estavam á descarga\_. Isto é que era legitimamente d'elle.

Carlota, emquanto a visita esteve, não obstante o grande espaço que a

distanciava da sala, apurava o ouvido na extrema de um corredor por onde

poderia embuzinar a voz do pae, se elle a engrossasse, como costumava,

nos agastamentos.

Ouvindo rumor de passos na saída, correu ao seu quarto, e sentiu-se

desanimada para receber a visita colerica do pae. Até então dera-lhe o

amor afouteza para responder ás iras paternaes; e a risonha esperança de

permanecer poucas horas em casa, depois da expulsão de Mendonça,

afigurava-se-lhe agora uma tenção criminosa. Era o mêdo que a

transtornava assim; logo, porém, que o sobresalto se desvanecesse, viria

a reacção do amor restituir-lhe o vigor de um proposito, cuja firmeza as

ameaças do pae não abalariam.

Pouco depois, Carlota foi chamada ao quarto da mãe, e achou-a

prazenteira e jovial. O pae entrou após ella, e fingiu o mais lhano e

caricioso semblante. Carlota estava espantada, e não podia crer o que

via.

--Diz-me cá, menina,--disse Norberto--já sabes... ora se sabes!...

--O que, papá?

--Faz-te tolinha, minha serigaita! Arranjaste um marido, sem dizer agua

vae, assim do pé p'ra mão como quem se casa por sua conta e risco...

Carlota baixou os olhos com humildade. Norberto perdeu um pouco do seu

caracter artificial, e proseguiu:

--Ora, sempre tenho uma filha como se quer! Posso-me gabar!... Nem eu

nem tua mãe valemos nada, Carlota! Vê-se um troca-tintas, e não ha mais

que dizer-lhe: Se quer casar commigo, estou aqui ás suas ordens; vá

pedir-me a meu pae, e diga-lhe que me dê o dote que elle me ganhou a

trabalhar trinta annos. Isso é bonito, Carlota?

D. Rosalia pizara rijamente o pé do marido, e conseguira recordar-lhe a

traça combinada com o doutor. Carlota começava a sentir a reacção, ia

erguendo a cabeça abatida para repellir a grosseira invectiva do pae,

quando este, com velhaca subtileza, mudou para brando aspecto a severa

carranca, e proseguiu:

--Emfim, quem casa és tu; o mal e o bem para ti o fazes. Se queres casar

com esse rapaz, casa. Eu disse-lhe o que um bom pae deve dizer.

Consenti, com tanto que a vontade de minha filha seja essa. Que dizes a

isto, Carlota? Estás decidida a casar com o tal snr. Mendonça?

--Visto que meu pae não se oppõe á minha vontade...

--E, se eu não quizesse, casavas do mesmo modo?... Diz lá!

--Se o pae não quizesse, eu havia de pedir-lhe tanto que me deixasse ser

feliz, que o meu bom pae... consentiria...

--Lá isso é verdade...--replicou o negociante, obedecendo á terceira

pizadella da irmã do bacharel--eu o que quero é a tua felicidade... Bem

sabes que sou teu amigo como ninguem, ainda que te pareça que lá o teu

namorado te quer mais que eu... É boa asneira a das raparigas, que

trocam pae e mãe pelo primeiro perna-fina que lhe empisca o olho ao

dote!... (\_Quarta pizadella de Rosalia, e mutação de cara e diapasão de

voz em Norberto.\_) Está dito! Casarás com o homem; mas já agora hão-se

de festejar os teus dezesete annos em casa. Eu já lhe disse a elle que

esperasse um mez, e depois arranja-se isso, e está acabado o negocio. O

rapaz, pelos modos, é pobre; mas o teu dote, se Deus quizer, chegará

para tudo. Estás contente, Carlota?

--Oh meu querido pae!--exclamou ella, beijando-lhe afervoradamente a

mão--eu sabia que era muito meu amigo; mas não esperava tanto da sua boa

alma. Fui má filha em ter guardado este segredo; perdôem-me, por quem

são; é que eu tremia só da ideia de os desgostar, não podendo suffocar o

amor que lhe tenho... a elle...

--Não chores, Carlota, que não tens por que chorar...--disse D. Rosalia.

--Eu choro de contentamento, minha mãe, por ver que a minha ventura é

possivel sem desgostar meus paes... Sou a mulher mais feliz da terra.

Queria que toda a gente soubesse agora os bons paes que o Senhor me deu.

Tomara eu ver o tio Joaquim para o despersuadir de um mau juizo que elle

fazia do meu querido pae, quando, faz agora um anno, me disse que eu não

alcançaria o seu consentimento para casar com Francisco de Mendonça; e

tambem queria abraçal-o, porque respeitou a minha paixão, e nunca mais

me contradisse.

A alegria dava a Carlota uma ousadia enthusiastica, que espantava

Norberto, e tinha semi-aberta a bôca de Rosalia.

--Se a minha mãe conhecesse a nobre alma d'elle!--proseguiu ella--havia

de amal-o tambem.

--Eu?... ora essa! tu és maluca!--atalhou Rosalia, comprehendendo á

lettra a palavra \_amal-o\_.

--\_Maluca!\_ porque, minha mãe?

--Pois tu disseste ahi que eu havia de amar o tal homem!

--Pois se elle tem um coração tão bem formado! Esteve mais de um anno

sem me dizer que queria ser meu esposo, para que eu não pensasse que

elle namorava a minha riqueza. Foi preciso dizer-lhe eu que a minha

maior ambição n'este mundo era fazel-o senhor do meu coração para toda a

vida. Quando eu disse isto, até chorava de alegria elle!...

--Está bom, está bom, estamos decididos--disse Norberto, receiando que

os diques da ira se esboroassem.--Logo que o tio doutor venha de Lisboa

trata-se d'isto. Ámanhã vamos para o Candal. Lá é escusado andar com

fallatorios do mirante para a estrada. Cá não se usa as noivas andarem a

namoriscar á surdina. Já se sabe que elle ha de ser teu marido; o tio

doutor quando vier, ha de convidal-o para nossa casa, e então

conversarão á sua vontade.

Norberto saíu com as faces incendiadas, como se a raiva abafada

respirasse por ellas. D. Rosalia, porém, menos firme no fingimento,

apenas o marido saiu, começou a pingar dos olhos umas lagrimas baças e

granulosas como camarinhas.

Carlota acudiu a enxugar-lh'as com meiguice, consolando-a com a

esperança de viverem sempre juntos, como até então. Rosalia, se a boa fé

nos não engana, chorava com pena da filha, por ver que todo aquelle

contentamento se havia de mudar em amargura, se não falhasse o

estratagema do doutor.

Deixal-a chorar, que o seio de Carlota parece alargar-se ao pulsar

vehemente do coração. Essa immensa alegria, que lhe deram, leal ou

traiçoeira, ha de produzir a bemaventurança ou o inferno d'aquella

familia.

Carlota tem a alma briosa e amante de mais para transigir com a

perfidia.

A obediencia filial, mascara de corrupção com que algumas donzellas se

disfarçam para abjurarem sem pejo ligações \_inconvenientes\_, é uma

«virtude» dos nossos dias, importada... da America. Em 1806 não havia

d'isso cá.

III

Tu me matas, meu pae! Quem tal pensara?

Eu beijo a mão que o golpe me prepara.

Marqueza de Alorna.

A traça do bacharel Joaquim Antonio de Sampayo era afastar Mendonça de

Portugal, repentinamente.

Aconselhara elle a mentira, para evitar o escandalo de um rapto, ou a

saida judiciaria de Carlota.

Ausentar Mendonça para alguma das colonias, ou para os estados

barbarescos, sob pretexto de guerra á pirataria, que infestava então o

Mediterraneo; e prolongar essa ausencia até dissuadir Carlota,

cortando-lhe os meios de se escreverem, era a trapaça do habil

jurisconsulto. Norberto, pasmado de tamanho ardil, fez tão estremado

conceito do doutor que, no expandir-se da sua admiração, exclamou:

--Ó cunhado! vossê é homem de todos os diabos! Quem sabe, sabe!

--Mas, Norberto,--disse o doutor--sabe que sem dinheiro nada se faz?

--Saque o que quizer, cunhado!

--Eu tenho talvez de comprar muito caro o pretexto para a saída de

Mendonça. Não sei se me verei a braços com os protectores e parentes

d'elle na côrte, e as nossas armas são o dinheiro.

--Pois é dizer o que quer. O doutor leva ordem franca; não poupe

dinheiro, e ponha-me o homem fóra da nação.

Assim armado com o invencivel dinheiro, o tio de Carlota Angela chegou a

Lisboa, em fins de 1806, levando cartas de apresentação para o ministro

da marinha, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, para D. Catharina Balsemão, e

para o intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina Manique.

A materia que então mais se discutia era a demencia do principe regente,

causada por soffrimentos dos que tornam ridiculo um marido, ainda que o

motivo seja mais para compaixão que riso. Fallava-se na morte violenta

de José Anastacio, em Mafra, empeçonhado por ter sido o espia e delator

da conspiração urdida contra o principe, em Arroios, n'uma casa da

condessa de Alorna, que emigrara para Inglaterra, descoberta a

conjuração. Os rumores surdos contra os pedreiros-livres indicavam os

individuos suspeitos, mórmente depois que o escriptor publico Hippolyto

da Costa fugira dos carceres da inquisição, que lhe foram abertos pelo

braço poderoso da maçonaria. Hippolyto, auctor, depois, do \_Correio

Braziliense\_, devia a liberdade á embriaguez dos guardas e á astucia

d'elle; convinha, porém, ao governo simular-se assustado do poder da

maçonaria para encruar contra os suspeitos a sanha da plebe. É, porém,

certo que a maçonaria, em Portugal, entrara em 1797, com os emigrados

francezes, e podera a muito custo implantar-se n'uma pequena sociedade

ou loja denominada \_Fortaleza\_, quasi desconhecida e despercebida até

1806. Só depois que o ministro do reino entregou á inquisição um

pedreiro-livre, e o impio fugiu do carcere do Rocio, levando nos canos

das botas os «Regimentos da Inquisição» reformados pelo marquez de

Pombal, dos quaes publicou, em ar de zombaria, curiosos extractos no

jornal que, depois, redigiu em Londres--só depois desses nescios mêdos e

estupidas perseguições do governo, sempre providenciaes para acordar os

povos do lethargo, é que a sociedade maçonica em Portugal se radicou,

floresceu, e deu fructos bons e maus. (Os de hoje apodrecem todos antes

de madurar.)

A questão dos pedreiros-livres revirou os projectos do bacharel

portuense. Nova ideia lhe acudiu, quando principiava a mortifical-o o

receio de não poder supplantar um frade benedictino bem aparentado, que

se dizia ser pae de Francisco Salter de Mendonça. Essa ideia era

denunciar o tenente de marinha como encarregado de fundar no Porto uma

loja maçonica, para o que tratava de intimidade com Jeronymo José

Rodrigues, arcediago de Barroso, o primeiro liberal que teve a cidade

eterna, antes de pregoar-se a liberdade em Portugal.

Francisco Salter de Mendonça conhecia o arcediago, era sua visita,

sympathisava com as suas doutrinas politicas, e deixara-se eivar do

espirito de vaga novidade que os principios de liberalismo balbuciavam

ainda então confusamente. Não era, todavia, pedreiro-livre, porque

venerava o frade que o adiantara na carreira das armas, e queria cumprir

o juramento que fizera, nas mãos do monge, de jámais se associar á seita

dos inimigos de Deus, com quanto conhecesse a inepcia dos pharisaicos

amigos do altar.

O tio de Carlota apresentou-se a D. Catharina de Balsemão, ouviu-lhe

dois sonetos, applaudiu-lh'os até chorar de terno enthusiasmo, e disse,

depois, o fim a que ia. Pintou com negras côres o roer profundo do

cancro da maçonaria no seio da sociedade; lastimou a inevitavel quéda

dos fóros e prerogativas da classe nobre, se a média se incorporasse

para desarreigar a arvore de seculos; disse que a maçonaria fizera

Silla, e Robespierre, e Bonaparte; ajuntou outras muitas tolices em

linguagem garrafal, até incendiar a combustivel D. Catharina, que logo

alli lhe deu carta de mui especial recommendação para Manique.

O intendente ouviu com attenção e mêdo o bacharel. Soube que Francisco

Salter de Mendonça, mancommunado com o arcediago de Barroso e outros,

tratava de fundar uma loja maçonica no Porto, convencendo os timidos

«com a sua eloquencia revolucionaria, e promettendo aos illusos a

restauração dos direitos dos povos, victimados que fossem os reis e os

grandes. Acrescentava o bacharel que Salter de Mendonça traduzia e

espalhava os escriptos mais incendiarios dos revolucionarios francezes

em 1791, e propalava que Portugal não podia ser feliz sem mandar um rei

de companhia a Luiz XVI.

Manique estava tranzido! O orador, electrisado com o pasmo do ouvinte,

entrara na sua hora feliz. As imagens mais ensanguentadas, as metaphoras

mais patibulares, os tropos mais coriscantes acudiam-lhe com trovejante

iracundia. Digna de melhor destino, a furia oratoria do lettrado do

Porto conseguira mais que o desejado. Manique susteve-lhe a torrente,

promettendo providencias promptas, e acabou por lhe pedir que ficasse na

intendencia exercendo o logar do ajudante, assassinado em Mafra, José

Anastacio.

Aqui é que o bacharel se achou superior a si mesmo, e deu um mental

adeus ao safado tostão dos conselhos, que raros clientes lhe levavam, no

Porto, ao seu obscuro escriptorio da rua de Santa Catharina.

Confiado na sua estrella, o nomeado ajudante do intendente geral da

policia perguntou ao chefe o que tencionava s. exc.ª fazer a Francisco

Salter. Manique respondeu que o faria conduzir preso a Lisboa, e do

Limoeiro passaria para a inquisição.

--Se v. exc.ª me permitte uma reflexão...--disse o bacharel.

--Diga lá, que eu respeito muito o seu parecer.

--Com o devido respeito e humildade que se deve aos atilados juizos de

v. exc.ª, peço licença para observar que convem obrar com mansidão e

parcimonia, para impedir que uma seita perseguida faça proselytos. Eu

vou, com o maior respeito, lembrar a v. exc.ª trinta e tantos casos da

historia, dos quaes se vê quão imprudente e perigoso é empregar o

cauterio á borbulha que muitas vezes resolve sem medicamento, e quasi

sempre lavra quando a fazem sangrar. Começarei primeiro pela seita

lutherana, a qual seita lutherana...

--Tem a bondade de não exemplificar...--atalhou o intendente, que

detestava cordialmente as novidades tanto em politica como em

historia--Que entende o senhor que se deve fazer? Desprezar? Deixar

rebentar o volcão? Então de que me servem as tristes novas que me

trouxe?!

--Desprezar, não, exc.mo snr.! Que faz o habil agricultor ao galho

sêcco da sua arvore? Corta-o, separa-o das vergonteas vivazes, mas não o

lança á estrada, para que o passageiro o leve como cousa sem dono, nem o

desfaz com o machado como objecto sem utilidade. Leva-o para casa,

lança-o na lareira, e aquece-se a elle. Façamos a applicação: Francisco

Salter é o membro contaminado e damninho: cumpre decepal-o, para que não

empeçonhe os outros; cumpre aproveital-o, a fim de que os inimigos da

ordem se não aproveitem d'elle; cumpre empregal-o em serviço da patria;

mas seja onde as suas tendencias revolucionarias não catechisem

incautos. Mendonça é tenente; promova-se a capitão, e (permitta-me v.

exc.ª o arrojo de dar o meu parecer com a franqueza propria de um

portuguez, homem de bem) seja sem perda de tempo enviado como

commandante do primeiro vaso que sair para o Brazil, dispondo de modo a

sua expedição, que elle só volte á metrópole passados annos. Esta é a

minha humilde opinião.

O bacharel concluiu, dobrando o pescoço até bater com a barba no peito.

Manique redarguiu debilmente em opposição aos principios fabianos do

bacharel. Sampayo replicou, pedindo sempre mil perdões da audacia, e

alfim superou o chefe, fortalecendo-se com a difficuldade de provar a

denuncia, visto que as testimunhas presenciaes das arengas

revolucionarias de Mendonça não jurariam contra elle.

N'esse dia expediu-se ordem para recolher a Lisboa o tenente da corveta

\_Audaz\_, Francisco Salter de Mendonça, no praso de oito dias.

Aprestou-se um brigue, que devia, dois dias depois da chegada do

official, fazer-se á vela para o Rio de Janeiro, capitaneado por Salter,

promovido a capitão.

O ajudante do intendente geral da policia, escrevendo a seu cunhado

Norberto de Meirelles, dizia:

«\_Tenho luctado com enormes difficuldades. Saquei seis mil cruzados, e

venci as primeiras; as outras hão de vencer-se... etc.\_»

D'onde se infere que o agente de Norberto de Meirelles estimara em seis

mil cruzados as duas arripiadas arengas á celebre poetiza e ao

intendente geral da policia.

IV

\_Salada\_

¡Ai! ¡no me dejes nunca!

\_Aden\_

¿Yo dejarte?

¿Y para qué, y porque?! tu mi querida!

¿Ni como, aunc quisiera abandonarte

Juntos tu y yo lanzados en la vida?

Espronceda. (\_El diablo mundo.\_)

Fazia tristeza e saudade a formosa lua de uma noite de agosto n'aquelles

olorosos jardins do Candal.

Era meia noite, e a viração do mar bafejava mansamente as copas dos

arvoredos, que circuitavam a sombria casa de Norberto de Meirelles, o

qual, a essa hora, resonava mais alto que todos os sêres vivos da

natureza em roda.

De mansinho rodou a porta que abria para o jardim. Um vulto deslizou por

entre os myrtos e japoneiras, até ganhar o mirante erguido n'um angulo

do jardim.

--Esperaste muito?--disse ella a Francisco Salter, que lhe saira de sob

a ramagem sombria dos chorões debruçados no muro--Tem paciencia, meu

amigo. Minha mãe deitou-se ha meia hora; não sei que ar de inquieta

alegria ella tinha hoje, que lhe não chegava o somno...

--Seria tão viva a alegria d'ella, como é viva a amargura que me não

deixara dormir a mim?

--Amargura! Que tens, Francisco?

--Não te fallou por mim o meu bilhete d'esta tarde?

--O teu bilhete?... não... Dizias-me que era indispensavel fallares-me

hoje... Não traduzi amargura n'isto... Cuidei que era uma saudade feliz

e serena como a minha...

--Oh! não, minha querida, é uma saudade que me despedaça... é a saudade

que...

--Como?! que linguagem é essa, Francisco! Não me tens agora aqui?! não

sou eu tua para sempre?!

--Sei que serás, Carlota, sei... mas eu preciso que chores commigo para

me ser menos amarga a minha dor... É forçoso que nos separemos por

alguns dias... mezes... annos...

--Jesus! que nos separemos?! Onde vaes tu?

--Sou chamado immediatamente a Lisboa.

--A Lisboa!... para que és tu chamado a Lisboa, Francisco?

--Não sei... é uma ordem terminante do ministro.

--Oh meu Deus!... que lembrança terrivel!--exclamou com vehemencia

Carlota--É impossivel! é impossivel!

--Impossivel o que?

--Nem te quero dizer a horrivel ideia que tive agora...

--Diz, Carlota... vejamos se se encontram duas ideias horriveis.

--Pois tambem suspeitas?... que te lembra, meu amigo?... diz, diz, se

tambem julgas possivel...

--Tambem suspeito que a ida de teu tio a Lisboa...

--Sim, sim, é isso que me lembrou; mas não creias, porque meu tio é um

bom homem. Ha muito que elle dizia que iria a Lisboa requerer um

emprego. É ao que foi; mas... é verdade que...

--Não receies atormentar-me, Carlota; diz tudo que te faz desconfiar...

--É que hoje recebeu-se carta de meu tio, conheci a lettra do

sobrescripto, quiz abril-a innocentemente, e meu pae tirou-me a carta da

mão com grande sobresalto, dizendo que não era boa creação ler as cartas

de outro. Eu disse-lhe que era uma curiosidade filha do desejo de saber

como meu tio passava; e o pae voltou-me as costas, e eu bem vi que elle

estava muito inquieto... mas...

--Duvidas ainda, Carlota, que teu tio foi agenciar a minha saida do

Porto! Duvidas que não foi traiçoeiro o consentimento de teu pae, sem ao

menos me perguntar que familia ou haveres são os meus?

--Isso é horrivel, meu amigo! não me convenças d'essa traição, que me

matas! Elles não podem separar-nos, não! O que a morte póde fazer não o

farão elles. Juro-t'o pela minha alma e por tudo quanto ha sagrado...

--Não jures, Carlota; eu sei o que és para mim; vale mais essa tua

afflicção, que todos os juramentos. Por quem és, não chores assim, meu

querido anjo. Aqui o terrivel mal que nos ameaça é a saudade, a

incerteza não. Se a nossa ventura vier mais tarde do que esperavamos,

resignemo-nos, vençamos a desgraça com a esperança. Teu pae porque será

contra mim? porque eu sou pobre? pois bem, Carlota, irás pobre para a

companhia de teu marido. O meu pão chega para ti, e bastará para mim a

felicidade de t'o alcançar á custa de honrado trabalho. Não aceitaremos

uma moeda de cobre dos cofres de teu pae... Bem basta que esse dinheiro

tenha sido o nosso algoz para o não querermos comnosco. Pobre é que eu

te quero, e, se teu pae me não diz tão depressa que eras minha, ouviria

da minha bôca uma renuncia formal do teu grande dote... Coragem, minha

amiga. Eu vou a Lisboa, conheço logo a causa da minha chamada, desfaço

as intrigas, se ellas lá me esperam, empenho em nosso favor amigos e

parentes, que tenho alguns valiosos ao pé dos ministros. Voltarei para

convencer teu pae de que eu reputei verdadeira a sua palavra, e me

envergonhei por elle, suppondo necessario chamar a lei em nossa ajuda.

Entrarei em tua casa, e dir-te-hei: Vem ser minha esposa! E tu sairás,

pois não, minha Carlota?

--Sim, sim, sairei; e por que não ha de ser já?!

--Já?!

--Sim, leva-me comtigo; não me deixes entregue a esta gente que me quer

matar. Coméço a odial-os, e não poderei mais vel-os sem rancor. Leva-me,

Francisco... Aceita-me assim pobre, e verás que te levo a maior riqueza

d'este mundo, um coração onde eu tenho o segredo de fazer a nossa

felicidade na pobreza. Não me respondes?

--Queria responder-te de joelhos, Carlota! Tu és um anjo, és um bem que

eu não mereço a Deus, e receio desagradar-lhe se faço soffrer teus paes,

que, de certo, te devem amar muito, e cuidam que te fazem bem,

separando-te de mim. Eu se fosse pae, e pae de uma filha assim,

dal-a-hia ao primeiro que m'a viesse pedir, sem me mostrar virtudes

dignas d'ella? Não diria a esse homem perfidamente que sim, para depois

praticar a villania de o afastar, matando-lhe o coração a punhaladas

traiçoeiras... não mostraria ao amante de minha filha o céo, para depois

o despenhar no inferno; mas... custar-me-hia muito a dizer-lhe: Ahi te

dou o thesouro que tive no coração dezesete annos, que guardei para me

dar alegria nas amarguras da velhice... leva-o, e deixa-me só com a

minha saudade irremediavel!... Não, Carlota, é cêdo ainda para dares a

teus paes esse desgosto. O teu amor ensina-me a ser nobre. Ha um amor

que faz tyrannos e crueis; mas esse amor não é o meu. Sou generoso para

todo o mundo, e para os teus mais que para outrem. Ninguem dirá que

calculei com os cem mil cruzados de teu pae, quando eu tiver uma casa

que te offereça, á hora do dia, na presença de quantos quizerem ver como

um homem pobre serve um pobre jantar a sua mulher. Fica, minha querida

Carlota, fica em tua casa. Nós exageramos o infortunio. É proprio do

muito amor que nos temos; mas saibamos empregar as armas da razão para

vencer uma desgraça imaginária. Vou a Lisboa, ouço o que me querem,

volto com licença aqui, apresento-me a teu pae no dia dos teus annos, e

no seguinte venho pedir-lhe o cumprimento da sua palavra. Á palavra

\_não\_, encontro-te ao meu lado... e depois, venham todas as potencias do

inferno contra nós.

--Francisco!--murmurou Carlota, despeitada--tu não me amas... porque não

receias perder-me.

--Perdôo-te a injustiça, Carlota... Diz o que te não vem do coração,

diz, minha amiga, que eu até das injurias, se de ti me vierem, tirarei

provas de que me amas muito, e crês que te amo. Ha dois annos a amar-te

assim! Ha dois annos a respeitar-te como irmã, acarinhando-te como

esposa! Ha dois annos a viver de uma esperança, que só ás tuas palavras

se afoutou a dizer que existia! O homem que assim pensou não podia hoje

aceitar a tua fuga, sem tu me dizeres que é preciso roubar-te para te

merecer. Oh! isso nunca tu m'o dirás, anjo do céo, porque então pouco

apreço daria eu á alma que não tem a intrepidez de dizer «sou livre».

Carlota soluçava com a face apoiada na pilastra da varanda, e os olhos

fitos no céo. O aperto de coração que a suffocava era mais que o

exprimivel e imaginavel. Essas angustias soffrem-se; mas não deixam

reminiscencias aos que as devoraram. São como as agonias do naufragado,

que não preenchera ainda a conta dos seus dias, e quiz em vão contar aos

que o salvaram a suprema afflicção do afogamento. Para as torturas de um

adeus, entre duas almas animadas por um só espiraculo de vida, sei eu

que ha na lingua humana uma palavra, uma só: INFERNO. Isso é peior que o

morrer, porque na morte ha o esquecer graduado por cada estalar de fio

que nos atava aos poucos bens d'este mundo: ha o extremo dom do arbitro

das vidas--a resignação sem lucta, o luzir da estrella esperançosa que

se ergue detraz do tumulo, o recordar-se dos anceios para Deus, quando

as brilhantes illusões da terra se convertiam n'um como tenue vapor de

incenso que nos prendia aos olhos lagrimosos até o vermos entrar no céo.

Mas o adeus de Carlota Angela a Francisco de Mendonça!... Essas

derradeiras palavras, que já não eram mais que um longo gemido,

convulso, suffocado, a cada impeto dos dois corações que rasgavam os

peitos para se juntarem!........................................

Linda expirava a noite. Raiava a aurora, empallidecendo as estrellas.

Uma aureola de frouxa luz cintava os horizontes. Na extrema orla do mar

enrubesciam-se as aguas, e calava-se o rumorejar da vaga, como para

ouvir o hymno matinal dos madrugadores alados.

Era um formoso amanhecer aquelle! Tão donoso, tão alegre, tão radiante

tudo, só tu, Carlota, com os olhos na collina onde viste o derradeiro

adeus do amante, e a mão no seio como a suster a vida que te foge,

perguntas á tua razão se tamanha angustia não é um sonho! Acorda,

martyr, que o teu dia de desgraça amanheceu, e será longo!

V

Sai se o vulto de meu corpo

Mas ei non.

Cá ós çocos vos fica morto

O coraçon.

Egas Moniz Coelho. (?)

... Si notre affection est traversée; si elle rencontre des

obstacles, elle réagit, et cette réaction, impétueuse, convulsive,

comme celle de tout ressort agitée et comprimée, nous porte á des

mouvemens desordonnés, par conséquent accompagnés de souffrance.

Notre affection, alors, devient \_passion\_. Et comme les obstacles

qui l'irritent ne peuvent jamais être placés que par les intérêts

d'autres personnes, elle nous anime d'une violente \_haine\_ contre

ces personnes si offensives, si importunes; elle change notre

douceur en brusquerie, notre générosité en sentimens odieux.

Azais. (\_Précis du systême universel.\_)

Francisco Salter foi, n'aquelle mesmo dia, ao Candal offerecer a

Norberto de Meirelles os seus serviços em Lisboa, onde era chamado

pressurosamente.

O negociante não tinha pratica ou habilidade bastante para simular no

rosto a surpreza ou o descontentamento da inesperada ausencia do genro

apalavrado. Manifestou, em toda a expressiva estupidez com que a

providencia dos grosseiros velhacos lhe dotara a physionomia, a alegria

damnada que lhe não cabia no bojo do peito. Mendonça evidenciou as suas

suspeitas, e arrependeu-se de não ter convertido em peçonha toda aquella

alegria, aceitando a fuga de Carlota, horas antes.

--Desejava despedir-me das senhoras--disse Mendonça.

--Minha mulher--tartamudeou o negociante--foi á missa, e mais a menina,

a uma capellinha á Bandeira, senão com todo o gosto...

Mendonça, quando entrara o portão da quinta, vira Carlota através de uma

vidraça. Carlota, pé ante pé, viera, a occultas da mãe, avisinhar-se da

sala, com o sentido de, caso o pae a não chamasse, entrar na sala onde

Mendonça estava, como de passagem para outra, e fingir-se surprendida do

encontro.

Foi o que ella fez ao tempo em que o negociante acabava de improvisar

uma missa na capella da Bandeira.

--Ai!--exclamou ella--estavam aqui!...

--Acabava eu de pedir licença ao snr. Meirelles--disse Mendonça,

sorrindo ironicamente--para offerecer a v. s.ª e a sua mãe o meu

prestimo em Lisboa, para onde parto hoje ás quatro horas da tarde.

O arrozeiro, em pé, com os braços estendidos ao longo dos flancos

abdominaes, abria e fechava as mãos, como um idiota: não sabia fazer

outra gesticulação mais parva, quando a sua inepcia fosse tal que se lhe

fechassem todas as evasivas de uma posição falsa.

--O snr. Norberto--proseguiu Francisco Salter, cedendo ao prazer de

affrontar a mentira do villão diante da propria filha--disse-me que v.

s.ª e sua mãe estavam na Bandeira ouvindo missa, e eu... retirava-me...

Carlota encarou o velho, e viu um tregeitar de olhos, que a obrigou a

baixar os d'ella, por vergonha de si e de seu pae. Salter teve dó de

ambos, e mudou de conversação.

--Não sei que motivos imprevistos me chamam a Lisboa; talvez as ameaças

de uma nova invasão hespanhola, ou bem póde ser que se tema um

definitivo assalto da França...

--Pois virão cá esses herejes de Napoleão?!--exclamou o negociante, já

transfigurado pelo susto dos francezes, mal incomparavelmente maior,

que destruiu o vexame em que o deixou a apparição da filha.

--Póde ser que venham, snr. Norberto, responder ao desafio que lhes

mandamos pelos nossos soldados do Roussillon, quando a França liquidava

as suas contas com a Hespanha.

Norberto não o entendeu; mas redarguiu:

--Se elles cá vem, é contar que não deixam nada; diz que mettem a saque

tudo quanto topam, pois não mettem?

--É possivel; mas v. s.ª previna-se, escondendo o seu precioso aqui no

Candal, por exemplo, onde de certo os francezes não virão. Ahi está o

inconveniente de ser rico. Já o snr. Norberto está a soffrer com o mêdo

de que o obriguem a uma contribuição...

--Se lhe parece.... o caso não é para menos: quem não tem nada, tanto se

lhe dá como se lhe deu; mas quem lhe custou a ganhar o que tem, pouco ou

muito, quer paz e socego.

--Não se aterre antes de tempo, snr. Norberto,--replicou Mendonça,

sorrindo a Carlota--quando os francezes invadissem Portugal, eu ajudaria

a v. s.ª a defender o que é seu, não só como esposo de sua filha, mas

tambem como seu amigo.

--Isso lá...--regougou o mercieiro--muito obrigado, não me despeço do

favor: mas o senhor é militar, e quando isso for não lhe ha de faltar

por lá que fazer, na guerra do mar.

--Assim aconteceria--tornou Mendonça, enterrando lentamente o estillete

observador--se eu não tencionasse pedir a minha baixa do serviço, para

evitar que as revoluções perturbem a felicidade de minha mulher e a

minha.

--Então que modo de vida queria o senhor ter, se casasse com a minha

Carlota?

--Outro qualquer mais permanente, mais descansado; negociante, por

exemplo.

--E que é dos fundos?

--Fundos?

--Sim, o casco do negocio?

--O casco!... a que chama v. s.ª casco?

--Casco é o cabedal para começar.

--Meu sogro dar-me-hia...

--Dinheiro?! meu amiguinho, está quasi todo empregado em torrões; e eu,

emquanto vivo, não dou nada.

--Mais uma razão--replicou Mendonça, condoido do vexame de Carlota, e

seguro, mais que seguro, do villão caracter do arrozeiro--mais uma razão

para v. s.ª não receiar a invasão dos francezes... Agora tem

logar--proseguiu elle, mudando de ironico para circumspecto e grave--uma

observação que me esqueceu ha dias, quando tive a ventura de pedir-lhe a

snr.ª D. Carlota. Eu, snr. Norberto, pedi sua filha, simplesmente sua

filha; não pedi dinheiro, nem pedirei jámais. Eu conto com recursos

proprios para que ella não sinta falta de commodidades que deixou em

casa de seus paes. O meu patrimonio é a patente que tenho e as bem

fundadas esperanças de me augmentar n'esta carreira. Não me julgue v.

s.ª atido ao dote de sua filha, nem cuide que me affligi com a ameaça

de nada lhe dar emquanto vivo. Póde o snr. Norberto gastar, ou augmentar

o que tem, que sua filha não esperará a morte do pae para poder comprar

mais um vestido. Faça, portanto, justiça ás minhas intenções, e

conceda-me que eu dê liberdade a algumas ideias que me estão inquietando

e magoando.

V. s.ª não procedeu lealmente commigo, quando me deu, sem reparo, sua

filha. Rogo á snr.ª D. Carlota me consinta este desabafo, porque a

clareza, n'este momento, é necessaria a todos nós, e o amor e o decoro

costumam, nas almas nobres, soffrer juntos, quando um d'elles é

offendido... e agora são ambos.

--Eu não entendo o que v. s.ª ahi está a dizer--atalhou Norberto

conscienciosamente.

--O snr. Mendonça...--acudiu Carlota; mas o pejo embargou-lhe a voz.

--Eu queria dizer ao snr. Norberto de Meirelles--tornou Mendonça--que

fez v. s.ª mal em dar uma palavra de que se quer desquitar por meios

menos honestos, e á custa talvez da minha liberdade. A ida de seu

cunhado á capital, e a ordem de eu ir, sem perda de tempo, a Lisboa,

escondem uma trama que eu espero desenredar em oito dias. Se o snr.

Norberto e seu cunhado julgaram que uma intriga basta para aniquilar um

amor de dois annos, uma união de toda a vida já abençoada por Deus, que

vê a pureza das minhas ambições, enganaram-se! Retardar não é destruir.

Eu confio tanto no generoso coração da snr.ª D. Carlota como em mim

proprio; e só o muito amor me podia dar a mim esta franqueza com que

fallo, e a ella a indulgencia com que me ouve accusar o proceder injusto

de seu pae.

--O senhor está a insultar-me!--exclamou Norberto--e demais a mais em

minha casa!

--Eu não insulto, senhor, queixo-me de ter sido ultrajado, e reconheço,

n'esse desabrimento, que é certissima a perfidia com que fui enganado.

Retiro-me, para que v. s.ª não me offenda terceira vez, dizendo-me que

o insulto.

--Pois o melhor é isso--redarguiu Norberto.--O senhor pensava que me

levava á valentona? Eu tambem tenho amigos, e sei o que hei de fazer!...

--Que ha de fazer o pae?--disse Carlota com altivez--O pae não póde

fazer nada.

--Que dizes tu, Carlota?!--trovejou Norberto.

--Digo que não ha forças humanas que me privem de casar com este senhor.

O pae governa no seu dinheiro, e nós nada lhe pedimos. O snr. Mendonça,

se quizesse ser menos generoso com meu pae, estaria já casado commigo,

porque eu o auctorisei a tirar-me de casa por justiça.

Norberto, como todas as indoles abjectas, caira no miseravel da sua

atonia, sob a fulminante coragem de Carlota. Francisco Salter

aproximou-se d'ella, tomou-lhe a mão, como se estivessem sós, e

murmurou:

--A virtude, que Carlota chamou generosidade, continúa. Vou a Lisboa,

porque sou militar, e transgrido a honra e dever não me apresentando.

Mendonça despediu-se de Carlota Angela, que chorava, e de Norberto de

Meirelles, que limpava com o canhão da japona de cotim o suor da brunida

testa.

D. Rosalia faltara a este conflicto, porque, atarefada na cozinha com a

liquidação dos legumes vendidos na manhã d'aquelle dia, não dera fé de

entrar Mendonça.

Carlota Angela, apenas sósinha com seu pae, voltou-lhes as costas, e

saiu da sala.

Norberto ficara de tal modo aturdido com o desembaraço da filha, que

parecia temel-a. Procurou a mulher, e contou-lhe, como elle podia, o

succedido. D. Rosalia benzeu-se tres vezes, e tres vezes levou os braços

em arco á altura da cabeça, acção favorita da grossa matrona, quando

queria exprimir o supremo espanto.

Animando-se mutuamente, entraram no quarto de Carlota, e gritaram ambos

ao mesmo tempo:

--Filha ingrata! nós te amaldiçoamos!

--Para sempre!--disse a solo o snr. Norberto.

--Para sempre!--repetiu D. Rosalia.

--Amaldiçoada!--bradaram em dueto.

--E por que me amaldiçoam?--disse Carlota--que crimes são os meus?

--Ainda perguntas?!--respondeu Norberto, opilando olhos, bochechas,

nariz, e tudo o mais susceptivel de opilação na sua elastica

physionomia--Pois não tiveste o atrevimento de me dizer ainda agora que

eu não podia fazer nada?

--Disse, sim, senhor; disse, porque ha só um meio de me prohibir o

casamento com a pessoa a quem o pae me deu: é matarem-me.

--Isso diz-se a teu pae, rapariga?---bradou a mãe.

--A verdade diz-se aos paes; mentir-lhes é que é crime. Para que hei de

eu dizer que faço a vontade a meu pae, se não sou capaz de cumprir a

minha palavra? Logo que Mendonça voltar de Lisboa, se elle me não

procurar, procuro-o eu. Se elle me quizesse com a mira no dote, faria

todas as diligencias por que me dotassem, ou morreria de paixão por me

não dotarem; felizmente, o homem que Deus me destina é a mim que me ama,

e não ao dinheiro de meus paes; para ser sua mulher basta-me o coração;

pois bem, fique o dinheiro a meu pae, e seja o coração para o homem que

não exige de mim outros thesouros.

Norberto olhava Rosalia, Rosalia olhava Norberto, grotescamente

pasmados. Estranha era para elles a linguagem, o enthusiasmo, a

altiveza, as attitudes de Carlota. Queriam contradictal-a com os

argumentos triviaes de um casamento rico; mas a migalha de bom senso que

tinham ambos, bastava a convencel-os da inutilidade de similhantes

razões. Queriam leval-a pelo terror; mas com tanto mimo a tinham deixado

emancipar-se desde creança, que não sabiam agora com que gestos, com que

palavras, exprimir o agastamento, a admoestação irada, a soberania

paternal.

O coração de Rosalia era bom, e seria ella a protectora do casamento, se

a não tolhessem os prejuizos de classe. A mulher de Norberto cuidava, em

boa consciencia, que sua filha não podia ser feliz, casando sem o

precedente de escripturas de doação, sem a concorrencia de doadores bem

ricos e bem estupidos por parte do noivo. Por mais que ella quizesse

descobrir no official de marinha os encantos que seduziram sua filha, a

tapada creatura o que encontrava era motivo para pasmar cada vez mais.

--Um engarilho de bigode como um chibo...--dizia ella a Carlota, depois

que Norberto se retirara com mêdo de ceder á indignação, que o

enfurecia--um pechibeque que não tem terra, nem leira, nem ramo de

figueira, ó rapariga, que feitiço te fez aquelle patavina? Ha por ahi

tanto rapaz bem azado, com negocio estabelecido, e creditos... se

querias casar, por que o não tinhas dito, que já se tinha escolhido a

flor dos rapazes do Porto? Está ahi o filho do Antonio José da Silva, e

do Joaquim José Guimarães, que por entre os dentes deram a entender a

teu pae que te queriam, e ainda estão solteiros, não tens mais que

fallar... Ó mulher! isso foi enguirimanço do demonio! Por que não casas

tu com um dos outros?

--Perde o tempo, minha mãe--disse Carlota com firmeza.--Esses homens

aborreço-os; o mundo tem para mim um só homem; não vejo, nem quero ver

outro: é Francisco de Mendonça, porque sou d'elle, considero-me já sua

mulher, e...

--Tu que dizes, Carlota!?--bradou apavorada D. Rosalia--És já mulher

d'elle? Pois tu... Credo! tu estás ahi a dizer blasphemias... Ó

desgraçada, pois tu...

--Eu quê! o que está ahi a mãe a fazer uns espantos que não sei a que

vem? Se me julgou culpada de alguma acção indigna de mim, é mais uma

injustiça que faz ao homem que amo. Tenha a segurança de que Mendonça

não me humilha; pelo contrario, eleva-me, ama-me bastante, e é bastante

virtuoso para não querer que a minha consciencia me accuse de alguma

fraqueza.

Oh! ninguem sabe comprehender, como quem ama, uma nobre alma! Tenho eu,

e elle tambem tem a infelicidade de sermos avaliados por pessoas que

adoram o dinheiro sobre todas as cousas, e crêem que fóra do dinheiro

não ha virtudes nem contentamentos. Ó minha mãe, foi uma desgraça

darem-me uma educação differente da que receberam meus paes. Eu vejo as

cousas e as pessoas de um modo diverso. Olho para a riqueza como para um

obstaculo á minha ventura, e não posso deixar de aborrecel-a...

Bem vejo que minha mãe se admira d'esta linguagem, creia que não é falta

de respeito, nem confiança nas minhas fracas forças; é animo que me dá

um amor puro, e digno de mim; é uma força de que eu preciso para

convencer meus paes de que privar-me de casar com Mendonça é o mesmo que

matar-me!

Minha mãe não quer que eu morra, e ha de proteger-me, ha de amollecer o

duro coração de meu pae, ha de lembrar-lhe que o consentimento dado não

póde ser negado sem deshonra para elle, e grandes torturas para mim.

Seja por mim, minha querida mãe, seja boa como tem sido sempre. Tenha dó

da sua filha unica, da filha que nunca lhe desobedeceu, e, se hoje

desobedece, deve ser muito dolorosa a violencia que lhe querem fazer...

Carlota Angela soluçava no seio de D. Rosalia, cujos vasos lacrimaes se

romperam copiosamente.

Eram de bom agouro as lagrimas da enternecida mãe.

As difficuldades, que ella oppunha, eram vencidas por novas supplicas de

Carlota. D. Rosalia acabara por prometter, com o seu silencio, vencer a

resistencia do marido.

Norberto saíra entretanto para o Porto, e fora ao paço do bispo prevenir

a magistratura ecclesiastica contra as diligencias de Francisco Salter

de Mendonça. Alguem o aconselhou que fizesse entrar sua filha n'um

convento, para obviar ao rapto, visto que, dado o passo da fuga, o mais

airoso e honesto era remediar a deshonra irreparavel sem o casamento.

D. Rosalia Sampayo tinha uma irmã freira benedictina, no Porto, senhora

muito reformada, muito rezadeira, e havida em conta de predestinada, lá

dentro, e de religiosa illustrada entre as pessoas das suas relações.

Carlota Angela visitava-a miudas vezes, e entretinha-se longas horas na

grade, e até alguns dias dentro do mosteiro, onde sua tia lhe ensinava

muitas devoções mirificamente salutares, com as quaes Carlota saía

convencida de que, fazendo-as um mez, ganharia indulgencias bastantes

para remir das penas do purgatorio toda a christandade.

A madre Rufina, sem desagradar ao seu director espiritual, frade

carmelita de poucas lettras e muitas virtudes, era uma tolerante

senhora, a quem Carlota confessara a sua inclinação ao official de

marinha, resultando-lhe d'ahi ter de rezar, por conselho da tia, mais

algumas devoções para que a Virgem lhe inspirasse o melhor destino

n'este mundo.

Carlota dizia-lhe que o seu apaixonado era pobre. Madre Rufina replicava

que pobre era quem não tinha a graça de Deus. Carlota redarguiu que

talvez os paes não a dessem a um rapaz sem dote. A benedictina appellava

para a vontade do Altissimo, que fazia tudo pelo melhor. Ora, Carlota

Angela, melhor ou peior avisada, entendia que Deus, na maxima parte dos

actos humanos, e nomeadamente nos casamentos, não punha nem dispunha.

Isto será menos orthodoxo; mas é necessario impor á responsabilidade do

homem, ou do diabo, cousas que por ahi ha que não parecem de Deus.

Norberto de Meirelles foi do paço do bispo ao convento de S. Bento da

Avè Maria, e fez chamar sua cunhada. Contou a desordem em que se achava

sua casa, foi eloquente no seu genero, desafogou a ira abafada em

presença da filha, e terminou dizendo que, o mais tardar no dia

seguinte, Carlota havia de entrar no convento, onde estaria até se lhe

varrer a mania de casar com o tal Pedro-malas-artes.

A madre Rufina respondeu que na casa do Senhor não se recebia ninguem

introduzido á força; que sua sobrinha não estava no caso de aceitar com

prazer o recolher-se a um convento, quando o seu coração propendia e

ligava a outros amores. E concluiu, aconselhando a seu cunhado prudencia

e caridade com as inclinações de Carlota, que, se não eram convenientes

aos olhos do mundo, tambem não eram peccadoras aos olhos de Deus.

E, em resposta ás impertinentes réplicas de Norberto de Meirelles, a

digna esposa do Senhor prometteu chamar sua sobrinha, relatar-lhe as

mágoas de seu pae, tentar demovel-a do seu proposito, e pedir muito,

primeiro, a Maria Santissima que tocasse o coração de Carlota com a

resolução mais conducente ao caminho da virtude n'este mundo, que é o da

salvação no outro.

Norberto saiu pouco contrito, e notou que sua cunhada gosava uma

reputação usurpada. O homem achava aquelles principios irreconciliaveis

com a santidade de que D. Rosalia fazia o panegyrico, todos os dias. Não

obstante, a irritação moderou-se-lhe, na esperança de que, em ultimo

refugio, seu cunhado doutor faria em Lisboa, com o dinheiro, o que a

violencia não conseguisse cá.

A freira pediu ao capellão do mosteiro que lhe acompanhasse sua

sobrinha; e teve com ella o seguinte dialogo, quasi textual dos

apontamentos de Carlota Angela, que devemos á confidencia de uma sua

amiga, de quem logo fallaremos:

--Teu pae, menina, esteve aqui hontem, e fez-me pena. Pediu-me que te

despersuadisse do amor a...

--Pediu-lhe um impossivel, minha tia--interrompeu Carlota.

--Nada é impossivel a Deus, minha sobrinha.

--Deus escuta-se na consciencia, e a consciencia não me condemna o

coração.

--Mas que te diz ella sobre os deveres de uma filha?

--Diz que tenho satisfeito a todos aquelles em que correspondo aos

deveres de pae.

--Não sejas tão absoluta nas tuas respostas, Carlota. A desobediencia é

um crime.

--E o suicidio, minha tia?

--O suicidio é o maior dos crimes, porque é o desprezo do divino remedio

nas dores passageiras d'esta vida.

--Pois creia que obedecer é morrer; se obedeço, se retiro o meu amor...

retirar, meu Deus! eu disse uma loucura! eu não posso retirar o meu amor

a Francisco; o mais que posso é mentir; mas essa mentira custa-me a

morte... é o suicidio, e mais ainda... é um assassinio, porque eu mato o

homem que me é tudo n'esta vida...

Carlota rompeu n'um alto soluçar de lagrimas, que fez chorar a

religiosa.

--É escusado--disse esta, após um longo intervallo de silencio, cortado

de suspiros--é escusado combater a tua paixão. Eu pedi tanto ao Senhor,

em communidade, com algumas santinhas d'esta casa, que te mudasse a

tenção, que já agora não posso duvidar que o céo abençôa a tua união com

esse mancebo. Já não te reprehendo, nem dissuado, minha sobrinha.

Faremos com tua mãe o que não podérmos fazer com o espirito teimoso de

teu pae. Enternece-a com as tuas lagrimas, menina; esperta-lhe a

compaixão de que está cheio um coração maternal.

--Já o consegui; minha mãe chorou commigo, e prometteu alcançar de meu

pae o consentimento que elle já tinha dado.

--Já tinha dado?! a quem?

--A Francisco Salter, quando me foi pedir.

--E depois? desdisse-se!...

--Quando consentiu, foi para dar tempo a meu tio de nos urdir uma

traição. Francisco partiu hontem para Lisboa, chamado a toda a pressa. O

plano é talvez demoral-o lá; mas de que serve a má fé de meu pae, e as

astucias de meu tio? Cá está o meu coração para vencer tudo. Cêdo ou

tarde, Francisco voltará, e depois... e depois, se tanto for necessario,

fujo de casa.

--Santo nome de Jesus! não digas tal desatino, que offendes a Deus. O

teu amor, se tal fizesses, deixaria de ser um sentimento honesto, minha

sobrinha. Ha nódoas que nunca se lavam, e intenções boas que deixam

sempre uma face má voltada para os juizos severos do mundo. Já agora,

filha, esgota todo o teu calix de fel para que se não diga que achaste

doçura no crime. Eu entrei de vinte e dois annos n'esta casa, estou cá

ha vinte e seis, e ainda me recordo do que era o mundo lá de fóra, e o

que lá não aprendi ensinaram-me cá pessoas que entraram para aqui

sangrando ainda das chagas que receberam lá.

Carlota, eu hoje não te fallo a linguagem que me ouviste até aos

quatorze annos. Conheço o teu coração, e acompanhei-lhe o

desenvolvimento mais de perto que teus paes. Tua mãe não te podia

entender, porque tua mãe saiu aos quinze annos da companhia de um tio

abbade para casar com um homem capaz de lhe abafar a intelligencia, se

ella a tivesse. Teu pae é um honrado commerciante, tem sabido augmentar

os seus haveres com a mira de te deixar muito rica, e não entende nada

de coração.

Já vês, minha querida sobrinha, que teus paes ignoram a sua culpa, e não

fazem mais do que julgam ser o melhor para a tua felicidade. Não os

desgostes emquanto for compativel a obediencia com os affectos

invenciveis da tua alma. Teu pae quer que te recolhas a este convento.

Se vieres, se quizeres vir para a minha companhia, não preciso dizer-te

que as tuas acções hão de ser aferidas pelos deveres de uma menina

recolhida n'esta casa. D'aqui diligenciaremos o teu casamento com esse

sujeito; mas as nossas diligencias hão de cooperar todas sobre o animo

de teu pae, até obtermos o consentimento, esquecendo-nos de que elle

procedeu mal, negando o que uma vez tinha concedido. Agora, pensa,

Carlota.

--Tenho pensado.

--Queres, ou não queres entrar no convento?

--Quero sim, minha tia; hoje mesmo, se é possivel.

--É, que eu tenho ainda licença para tu poderes entrar; mas é preciso

que teu pae o saiba.

Carlota Angela desceu acceleradamente as escadas que conduziam da grade

para a portaria. Ia banhada de lagrimas. Ao abrir-se a porta, com o seu

tristonho ranger nos gonzos, Carlota estremeceu, e apoiou a face, como

esvaîda, no cunhal do muro.

--Vem, menina,--disse do interior a madre Rufina.

Carlota Angela pôz o pé no limiar, e exclamou, estendendo os braços para

a madre porteira:

--Disse-me agora o coração que era para sempre!... Que é isto que eu

sinto, meu Deus!

--Se é Deus que t'o faz sentir, minha sobrinha, louvemol-o todas pelo

bello presagio que te inspirou.

A porta fechou-se. Carlota, rodeada de freiras, e nos braços de todas,

soltou um ai que parecia um grito desentranhado do coração.

VI

Qui amans egens ingressus est princeps in amoris vias,

Superavit oerumnis is suis oerumnas Herculis.

Plauto. (\_Persa.\_)

O demonio da ambição...

A. Herculano. (\_Monge de Cister.\_)

Francisco Salter de Mendonça, logo que chegou a Lisboa, procurou o

ministro da marinha, e encontrou-o, contra as suas presumpções, bem

encarado e affavel.

D. Rodrigo de Sousa Coutinho era um astuto politico, sabia conhecer os

parvos pavores do intendente geral da policia, e amava bastante a pasta

para contrariar as suggestões do principe regente, que tremia dos

pedreiros-livres, quando não tremia das conspirações da filha de Carlos

IV.

Ainda assim, o ministro, protector affeiçoado de Salter de Mendonça, e

particular amigo do frade progenitor, que valia muito com Mellos e

Ficalhos, houve-se astutamente na recepção do official de marinha,

mostrando-lhe a ordem do dia, em que era promovido a capitão-tenente, e

dando-lhe os emboras da escolha acertada que o principe regente fizera

dos seus talentos e energia, para, com mais dois officiaes, o enviar ao

Brazil a correr com o apresto de uma esquadra, que as prevenções da

guerra demandavam.

Este gracioso acolhimento desfez, ao primeiro intuito, as suspeitas de

Mendonça. A intriga era incompativel com a mercê do posto, e a honraria

do encargo. A reflexão, porém, sobreveio ao juizo da primeira impressão,

e Salter, recordando o que se passara no Candal, creu de novo que o

bacharel promovera o seu desterro, simulada com a mascara do favor.

A nova de ter sido adjunto ao intendente Manique o tio de Carlota Angela

revalidou a desconfiança.

Mendonça apresentou-se ao ministro, e pediu licença para tornar ao

Porto, onde o chamavam compromissos, do coração em que a sua palavra de

honra se achava empenhada. D. Rodrigo objectou com a necessidade urgente

da partida no praso fixo de quatro dias; discorreu profusamente ácerca

da primazia dos deveres de portuguez em confronto com os particulares do

coração; e encareceu o azedume com que sua alteza, o principe regente»

veria posporem-se negocios do estado ás allianças amorosas de um subdito

que lhe merecera tão relevante prova de real confiança.

Instava, por outra parte, o frade benedictino, e a parentella illustre

do frade, vaticinando ao capitão-tenente um almirantado em poucos annos

de serviço.

Para estes prophetas de glorias ensurdecera Mendonça.

O coração accusava-o de ingrato e vil, se a cabeça se deixava

instantaneamente desvairar com as vanglorias da fama. A imagem chorosa

de Carlota Angela apparecia-lhe como um estimulo de honra, se o fraco

espirito humano inclinava ouvidos aos embaimentos da consideração, do

renome, e dos altos destinos a que o conduzia uma boa estrella.

Mendonça, quando as felicitações de amigos e invejosos pareciam já

galardoal-o das bizarrias previstas, meditava rejeitar não só o novo

posto e a commissão mais valiosa que elle, mas tambem a patente que já

tinha. O tempo urgia, e os aprestos para a saída acceleravam-se com

extraordinaria diligencia. O capitão da real brigada deliberou pedir a

sua baixa, ou, caso lh'a negassem, dar parte de doente. N'este proposito

estava, quando recebeu uma carta de Carlota Angela, datada no convento

de S. Bento da Avè Maria.

Carlota contava-lhe miudamente os successos que a levaram ao convento; o

patrocinio que encontrara em sua tia, as esperanças que esta lhe dava de

docilisar a pertinacia do pae; o contentamento que ella sentia em

esperar no remanso d'aquelle santo asylo o esposo querido; a liberdade

que estava gosando alli de pensar no seu anjo, alli, onde ninguem

tentava desvanecer-lh'o do coração; em resumo, Carlota dizia-lhe que

estava prevenida contra todas as borrascas, assegurando-o de que só

saíria do mosteiro para ser esposa do predilecto da sua alma. Não

ajuntaremos ao conciso extracto da longa carta as meiguices de amorosa

uncção, os enternecidos deliquios da saudade, os azedumes e dulcidão

d'esse agrodoce espinho, que rasga o seio ao mesmo tempo que o balsamo

da esperança allivia a dor, cicatrizando a chaga. Essa carta era o que

devia ser uma carta de Carlota Angela: a alma inteira, no que a alma

n'uma virgem tem de communicativo ao coração estranho, se estranho póde

dizer-se o coração amigo que se sente e escuta dentro do nosso.

Francisco Salter era formado d'este barro humano, contra o qual se tem

vociferado e estampado muita satyra.

A mais suave maledicencia, querendo poupar a natureza humana ás querelas

e libellos da philosophia rixosa, diz que o homem é um mysterio.

A theologia christã, para desencarregar o supremo artifice do desaire da

sua obra, diz que o homem é um ente degenerado da sua primitiva

puridade.

Em boa paz com theologos e philosophos, a mim se me afigura que o homem

é um composto de grandeza e pequenez, uma dualidade de gigante e pygmeu.

Mendonça tinha uma unica macula na sua excellente natureza: era a

imperfeição, era a falha do grande brilhante, que o leitor, de animo

frio e vista clara, vae ver commigo.

A carta de Carlota Angela tranquillisou-o; não disse tudo--alegrou-o,

deu-lhe um ar radioso de confiança e certeza na dedicação, que momentos

antes lhe incutia o receio da mudança.

O homem é assim.

Parece que o amor sem a desconfiança, a esperança sem a duvida, lhe dá

um socego de espirito que não quadra á sua natureza irrequieta. O pungir

de constante espinho é-lhe um necessario estimulo de vida. Se elle sáe

do coração, é forçoso que fira o orgão de outras paixões. Se o amor

prevalece á ambição de gloria ou de riquezas, satisfaça-se o amor, e a

outra paixão resultará com toda a impetuosidade do arco retezado... Não

se tirem já contra Francisco Salter conclusões que o vago d'aquellas

premissas não auctorisa.

A carta não baixou a temperatura, mas mitigou o rescaldo do amor, a

ancia da incerteza, affrontamento das conjecturas que elle formava

ácerca do destino que o irritado Norberto daria a Carlota, depois da

arrojada ameaça do Candal.

Se a levariam fóra do reino:

Se a casariam violentamente com outro:

Se a encerrariam n'um convento, incommunicavel:

Se a despersuadiriam com razões das que vencem o vulgar das mulheres,

quando o amante as não anima com a sua presença:

Se Carlota seria uma mulher vulgar, susceptivel de succumbir ás

contrariedades.

Tudo isto eram hypotheses atormentadoras; mas a carta respondia a todas.

Carlota estava a salvo da perseguição; sósinha com o seu amor, que

ninguem lhe impugnava; nutrindo-o com saudades na solidão do claustro.

Este convencimento aplacou a vertigem de Mendonça.

A ideia de pedir a baixa pareceu-lhe desnecessaria. O espaçar-se o

casamento para mais tarde afigurou-se-lhe racional e necessario aos seus

deveres de militar, e ao cumprimento dos encargos com que o principe

regente o honorificava.

E, depois, dizia n'elle o ente pensante:

«Não será bem decoroso para mim voltar do Brazil com uma posição tão

acrescida em honras, que ninguem possa notar desigualdade entre mim e a

filha do opulento commerciante?

«Como homem brioso, não deverei eu querer que a propria Carlota me

considere um homem disputado por herdeiras iguaes, ou ainda superiores a

ella?

«Os paes de Carlota, quando eu voltar habilitado para entrar no

valimento dos mais poderosos, e igualar-me a elles, não terão pejo,

vendo-me entrar em sua casa a castigal-os com pedir-lhes, segunda vez, a

filha, sem dote?»

Assim fallava o orgulho do espirito; o coração, porém, patrocinando o

anjo puro, a quem similhantes conjecturas injuriavam, tinha

arrebatamentos de tão sentida queixa, ou clamava com tamanha ternura á

consciencia incorrupta do mancebo, que, mais de uma vez, o amor saiu

victorioso, e o projecto de pedir a baixa readquiriu novos estimulos.

E os sonhos de gloria?

E os respeitos do mundo, que não eram, como hoje, restrictos ao

dinheiro?

E o cortar uma carreira, quando a aurora do seu brilhante dia raiava tão

sem nuvens?

E uma longa vida a viver só das commoções de um amor satisfeito?

E o emparelhar com os mais nobres, quando se tem um nascimento obscuro,

ou se não póde, sem desdouro, proferir o nome do pae, que inverga, não a

farda do general, mas o habito dos monges negros?

Replicava assim o orgulho reagente; e o amor supplicante exorava de

novo; a imagem melancolica de Carlota Angela espelhava-se no coração do

moço; resurgia ovante em toda a sua nobreza e isenção a amorosa alma, e

a tenção de não partir reaccendia-se mais calida e inabalavel.

Assim, pois, chegou Mendonça a submetter o seu requerimento ao despacho

do ministro.

Maior seria o pasmo de D. Rodrigo, se não julgasse o capitão da real

brigada de marinha compromettido na maçonaria, onde se pactuara que a

desobediencia implicaria pena de morte, a ferro ou a veneno como a de

José Anastacio de Figueiredo, em Mafra, á sombra das telhas reaes.

O ministro chamou o requerente a uma audiencia secreta, e disse-lhe que

não só lhe negava a baixa, mas até lhe exigia o cumprimento das ordens

regias; que seria mal visto de sua alteza o subdito que tão mal

correspondesse ao regio conceito: que seria degenerado portuguez o que,

no solemne momento de pôr peito em defeza da patria e á remuneração de

patrioticos feitos, se furtasse aos trabalhos e ás glorias: que seria

irrisorio não justificar o requerimento de baixa com mais motivos para

tamanho desconcerto que um pueril amor, que não devia passar de um

incidente de terceira ordem na vida de um homem intelligente, e fadado

para estrondosos destinos: que, finalmente, o valimento se converteria

em castigo, se elle requerente persistisse na disparatada baixa, cuja

concessão lhe grangearia o riso de uns, o odioso de outros, suspeitas

perigosas de muitos, e, mais que tudo, a mal-querença de sua alteza, que

tencionava nomeal-o major da armada, logo que servisse tres mezes no

Brazil.

O remate da allocução era a douradura da pilula. Major da armada! a

aspiração mais vantajosa de tantos, que a não realisavam na velhice!

Voltar, depois de alguns mezes, a Portugal, major da armada,

condecorado, ennobrecido, chamado aos conselhos do soberano, e talvez ao

ministerio!

Mas deixar Carlota no convento, a carinhosa Carlota, amada dois annos,

amada para sempre, votada aos sacrificios, aos desprezos, ás injurias, a

tudo, para lhe merecer a elle a renuncia de glorias que retardavam um

enlace tão suspirado!

Mendonça, na vespera da saida para o Rio de Janeiro, escreveu esta

carta:

«Vê, minha Carlota, que eu choro. A afflicção não me deixa outro

desafogo. Quando receberes esta carta, separam-nos centenares de leguas.

Eu parto ámanhã para o Brazil, obrigado pela minha condição de servo

agaloado. Deram-me o commando de um navio, e mandam-me cumprir serviços

de que eu cobraria esperanças para grandes honras, se a minha gloria

unica não fosses tu, esposa da minha alma. Quiz dar a minha baixa,

requeri, instei, negaram-m'a, e impozeram-me as leis militares. Quiz

dizer-te um adeus por algum tempo; não me consentiram delongas, porque a

corveta \_Amazona\_ esperava-me quasi aprestada para se fazer á vela.

«Mas eu não parto, Carlota. Comtigo fico, anjo. O meu coração ahi fica,

ahi está pulsando no teu. As lagrimas de saudade que choras, choram-as

tambem os meus olhos. Entre nós, n'esta longa distancia que nos separa,

prende-nos a mesma cadeia de dores, de afflicções, de terriveis

presentimentos. Quando te doer no coração o presagio da minha morte,

sentil-o-hei tambem eu lá, e chamarei por ti no silencio da minha alma,

n'este grito surdo da saudade, que é um despedaçar de todos os

ligamentos da vida.

«Por que choramos nós, Carlota? Invoquemos a razão desvairada pela

angustia; suppliquemos a essa filha de Deus, senão remedio, ao menos

conforto ás nossas dores. Deveremos nós chorar como choram amantes

infelizes? Eu creio que não, minha cara esposa. Se hoje nos dissessem:

«a vossa união ha de realisar-se passados seis mezes, ou ainda um anno»,

teriamos justo motivo para nos rebellarmos contra o destino, contra a

Providencia que nos aproximou tão dignos um do outro?

«Não, Carlota, porque o nosso amor não está ameaçado de alguma sinistra

casualidade que o aniquile ou arrefeça. As distancias são impossiveis

entre duas almas identificadas. Para ti no claustro, para mim na

amplidão dos mares haverá sempre o mesmo santuario de fervente amor, a

mesma acção de graças a Deus, que não quer o infortunio dos que o

confessam e chamam nas suas agonias. As nossas lagrimas ha de a

esperança enxugal-as. A esperança nos acordará dos sonhos tristes. A

saudade, que desalenta e cansa, irá ao futuro pedir sorrisos ás risonhas

imagens da nossa ventura de esposos. Oh! nós não temos razão para chorar

uma separação de alguns mezes, quando nos separamos tão confiados, como

se acabassemos de receber a benção no altar, como se, no derradeiro

abraço, sentissemos entre nossas faces o rosto de um filho.

«Que ridente imagem esta, ó Carlota! que estranho palpitar de coração eu

sinto agora! que delicias nos aguardam para o dia immorredouro da nossa

felicidade!

«Animo, minha adorada esposa! Eu careço de imaginar que tens coração

para aceitar, sem fraqueza, esta dor. Preciso alentar-me da tua coragem,

para que o auxilio da razão não esmoreça. Animei-te; mas as lagrimas não

me deixam escrever, nem a ti te deixarão entender estas palavras. Agora

se me cerra em indizivel tortura o coração. Largo a penna, desafógo em

gemidos este aperto de alma, similhante ao impossivel de comparar-se.

Não me venço. Já creio que te perdi. Accuso-me de ingrato por que não

deserto, e calco as leis, e fujo para ti, e te roubo a todo o mundo,

para mendigar comtigo uma esmola em paiz estrangeiro. Eu sou vil, sou

indigno de ti, e rasgarei esta carta, ou ler-t'a-hei de joelhos, para

que tu me perdôes tamanho crime.

«Que digo eu, meu Deus! que penso eu, e que farei da minha vida!

Impossivel, Carlota, impossivel deixar de seguir o meu destino! Agora

mesmo sou chamado á secretaria para receber as ultimas ordens. Este

calix irremediavel ha de ser tragado, ou a deshonra, a perseguição, e o

perder-te... Que horrivel palavra!

«Um juramento, Carlota! Faz-me um juramento, ajoelhada diante de um

crucifixo. Eu não o tenho aqui, mas invoco o testimunho de Deus, porque

o meu coração, quando tu proferires estas palavras, ha de ouvir-t'as, e

recolhel-as. Jura que só sairás do claustro para ser minha esposa; e, se

a morte me colher longe de ti, acabarás ahi teus dias, e nenhum ente

sobre a terra roubará á minha alma a melhor parte que lhe fica no mundo,

esperando que Deus a chame para a acolher ao infinito amor da

bemaventurança.

«Juraste, Carlota? Agora crê que o meu espirito te pediria contas d'esse

juramento, se a perfidia denegrisse a tua alma immaculada.

«Perfida!... tu!... Perdôa-me, anjo do céo, pelas lagrimas que choro,

pelas que tu choras, mais puras, mais angustiosas que as minhas!

«Adeus.....................»

VII

Fiel é Deus, que não soffre termos mais peso do que aquelle com que

podem os nossos, hombros. Delle se devem esperar os verdadeiros

allivios, e nesta fé se acabam os quebrantos.

Fr. Antonio das Chagas. (\_Cartas.\_)

Carlota Angela proferira o juramento, ajoelhada diante de uma cruz;

foram, porém, d'ahi levantal-a os braços de D. Rufina, que, acudindo ao

soluçar dos gemidos, a encontrara esvaida.

Depois que a lançou á cama, a religiosa leu a carta, e disse a uma

noviça que vinha entrando:

--Quando assim se amam duas creaturas, a vontade de Deus está n'esse

amor: tudo que os homens fizerem contra elle é um sacrilegio, é um

attentado contra os designios do Altissimo.

A noviça, depositária dos segredos de Carlota, leu tambem a carta, e foi

sentar-se á cabeceira do leito, encostando ao seio a face desmaiada da

sua amiga.

Os sentidos de Carlota restauraram-se espavoridos. Tremia toda, e fitava

com spasmo e assombro o rosto lagrimoso de Dorothea.

--Chora, chora, Carlotinha--disse a noviça, dando-lhe o exemplo, e

acariciando-a com beijos.

--Se eu podesse chorar...--balbuciou Carlota, encolhendo-se em tremuras

de frio entre os braços de Dorothea.

--E, se elle morresse, não soffrerias mais, menina?!

Carlota fitou-a espantada, e disse com voz rouca pela suffocação:

--Se elle morresse... quem?... pois sabes...

--Sei; li a carta, e tua tia tambem a leu, e chorou. Eu não acho razão

bastante para succumbires assim.

--Eu não succumbo... se succumbisse, estava morta... Ainda vivo; mas,

Dorothea, eu creio que morro, e morro brevemente...

--Arrepende-te, alma de pouca fé!--disse a tia, mostrando a sua nobre

fronte de cabellos brancos, coberta com o magestoso véo negro, por entre

os cortinados do leito--Que fallas ahi em morrer, creança! Vida, muita

vida, e muita confiança em Deus, e esperança em dias melhores, é o que

te ensina esta carta, mulher sem animo. Vamos lel-a de novo: sou eu que

a leio, e veremos se o coração de uma velha sabe melhor que a moça

entender o coração de um mancebo.

D. Rufina, sorrindo com fagueira graça, abriu a carta, sentou-se na cama

de Carlota, e acompanhou a leitura com suas glosas, não deixando sem

ellas a menor phrase esperançosa.

A respiração profunda de Carlota, o convulsivo soluçar, o gemido

indomavel que lhe fugia em agudissimos ais, interromperam, muitas vezes,

a leitora. Era então que as consoladoras annotações de Rufina, e o

assentimento da noviça, redobravam de persuasiva eloquencia, capaz de

maravilhar as freiras, que suppozeram sempre estranha á linguagem das

paixões a austera religiosa.

Terminada a leitura, soror Rufina, descontente com o insensivel

resultado das suas consolações, appellou para o influxo sobrehumano da

religião.

--Venham cá ambas,--disse ella--vamos todas tres pedir de joelhos ao

Senhor, que leve e traga a porto de salvamento o nosso Francisco.

--Sim, sim!--exclamou Carlota Angela, saltando do leito, e seguindo-a

com passos vacillantes.

Ajoelharam, e oraram afervoradamente. Seria difficil estremar entre as

tres qual era d'ellas a que pedia a Deus o salvamento do amante: tal era

a devoção de todas.

--Agora respiremos!--disse, terminada a reza, a freira--Has de vel-o,

has de ser sua esposa, minha Carlota.

Nas grandes agonias, qualquer esperança exalta a crença em agouros, em

presagios, em superstições até. Carlota, pensando que sua tia recebera a

suprema graça da revelação, exclamou com alegria e transporte:

--Que foi, minha tia? Disse-lh'o Deus?

--Deus, filha, não falla a creaturas tão peccadoras e indignas como tua

tia; mas consente que se possa contar com os effeitos da sua divina

misericordia. Tudo o que se pede ao Senhor, com humildade e justiça,

consegue-se. E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará,

será teu marido, e tereis larga remuneração dos soffrimentos que

offerecerdes a Deus em desconto dos contentamentos que sobejam aos

felizes d'este mundo.

Estas palavras soaram tocantes e solemnes como o prophetisar da que a

communidade reverenciava assistida de graça superior. Carlota sentia

alargar-se a golilha de ferro que lhe entalava na garganta o respiro e a

falla. As lagrimas, represadas no coração, rebentaram em torrentes: e o

sangue, que se retivera suspenso, circulava de novo, rosando-lhe a

lividez cadaverica do rosto.

Estava desopprimida; e fora a esposa de Jesus misericordioso que lhe

insuflara alentos. Fora uma freira das que desafiavam o riso dos

incredulos com suas devoções, e austeras impertinencias; fora uma

mulher, das que morreram para o mundo ou o mundo matara, das que se

acolheram a Deus ou Deus tirara do seu inferno em vida, fora essa a que

tirara da cruz, onde expirara o amantissimo redemptor dos homens,

remedio de vida, e esperança para a chaga de um coração de dezesete

annos, ferido de desespêro e morte.

Assim, pois, na cella da rigida religiosa se desafogavam e consolavam

affectos dos que, fóra d'alli, no mundo tolerante e vicioso, são

julgados rebellião contra a vontade paternal, escandalo para filhas

submissas, e peccadora cegueira do coração humano!

Quam inventiva não é a caridade! quam largas bracejam as vergonteas

d'esse tronco evangelico, regado pelas lagrimas d'aquella a quem Jesus

perdoara por ter amado muito!

A desvelada noviça não deixava sósinha Carlota, um instante. Ella e

Rufina revezavam-se ao pé da pensativa menina, que parecia querer

fugir-lhes, já não para se carpir, mas para orar; que, na oração sentia

Carlota outro espirito em si, o murmurio de outros labios supplicantes,

a fervorosa crença de Mendonça inflammar-lhe a fé.

A serenidade viera com a confiança no futuro: do sobresalto, da

afflicção, pouco e pouco socegada, ficara a melancolia suave da

paciencia, essa que só Deus concede aos que á sua misericordia

recorreram na adversidade, e em sua vontade se louvaram.

D. Rosalia visitava a filha miudas vezes, o pae raras; e de breve

demora, porque o silencio de Carlota, que elle julgava desaffeição,

desanimava-o de a ver, e incommodava-o a sós com ella.

Dizia a mãe, nos primeiros tempos, que não havia tirar-lhe o sim para o

casamento; mas que ainda era cêdo para descorçoar. Dois mezes depois,

mostrou-se mais docil a pertinacia, e já elle dizia que, na volta de

Mendonça, tudo se faria pelo melhor: é que o ajudante do intendente

geral da policia, por occasião de lhe pedir mais seis mil cruzados,

explicara o saque, dizendo que esta quantia se fazia mister para crear

novos embaraços ao regresso de Salter, logo que a commissão, a que fora,

estivesse cumprida.

Decorreram quatro mezes. Os navios vindos do Rio, já com a nova da

chegada do \_Amazonas\_, e cartas dos tripulantes, receberam a bordo uma

visita da policia, e entregaram a correspondencia. Entre as cartas havia

uma de grande volume, subscriptada a D. Carlota Angela de Meirelles,

residente no mosteiro de S. Bento da Avè Maria, no Porto.

O bacharel Sampayo deslacrou esta carta, leu oito folhas de papel, e

lançou-as ao brazeiro, aquecendo e esfregando as mãos á lavareda. O

malvado queimara alli o traslado das mais tristes imagens, o desafogo da

mais dorida saudade que ainda apertou coração de homem! O impio não se

amiserara de tantos signaes de lagrimas em que a tinta se apagara! Que

raptos de alegria, e suspiradas consolações aquella carta, que voejava

no ar em faúlas, levaria a Carlota! Que esperanças tão bellas o perverso

queimou com a chamma d'aquelle papel!

Entretanto, Carlota, que contara os dias, e calculara, mil vezes, com

Dorothea, o primeiro em que devia receber novas de Mendonça, mandava

todos os dias de estafeta uma servente para a porta do correio,

esperando a lista, ou interrogando o carteiro. Sempre, em vão! A antiga

dor renascia em cada correio; redobrava a afflicção a cada esperança

frustrada.

Conspiravam em consolal-a Rufina e a noviça, esta com razões mais

carinhosas que persuasivas, aquella confirmando o vaticinio da

felicidade promettida. Os allivios da primeira eram sempre proficuos e

desejados; os da segunda faziam-a proromper em gemidos, que tambem eram

desabafo.

Decorreram tres mezes de afflictivas esperanças, sempre enganadoras para

todas. Nem uma carta, nem duas linhas escriptas no leito da morte!

Carlota Angela tremia de pronunciar uma desconfiança acerba que lhe

trazia o coração em agonias. Soror Rufina rogava incessantemente á

bondade divina que afastasse da sobrinha o temor que a sobresaltava a

ella. Dorothea segredava á freira os seus receios, e esta pedia-lhe

muito encarecidamente que não proferisse uma palavra sobre tal

desconfiança.

Acontecia, porém, que todas suspeitavam o mesmo; a morte de Francisco

Salter.

Carlota receiava que as suas amigas julgassem possivel ter elle morrido;

assentimento tal seria para ella uma especie de evidencia, porque tão

pouco basta para certificar suspeitas entranhadas n'um espirito que a

desgraça fez supersticioso. As outras calavam o presentimento funesto,

cuidando que a matariam.

N'este conflicto, correu no Porto a noticia da morte de Francisco Salter

de Mendonça. Ninguem sabia dizer por onde a noticia viera; os amigos,

porém, do honesto e talentoso official de marinha contavam-se que elle

morrera no Rio de Janeiro, quando a gloria o vinha buscar por uma

carreira esperançosa de grandes destinos.

A noticia chegou ao convento. Souberam-a todas, excepto Carlota Angela.

Rufina caíu doente, e Dorothea denunciava-se á infeliz menina,

evitando-a, quando mais anciosa de compaixão e carinho se sentia

impellida para ella.

As freiras olhavam a pobresinha com mais piedade que nunca; animavam-a

como se quizessem ter parte em seu coração para a salvarem pela amizade,

quando houvessem de revelar-lhe a mortal noticia. Carlota estranhava os

melancolicos olhares, os beijos e caricias de todas, a condolencia terna

com que, as mais afastadas da sua convivencia, a vinham espairecer ao

seu quarto.

Norberto de Meirelles procurara sua filha, n'esses dias em que a noticia

vogava. Soror Rufina estava de cama; recebera primeiro o recado do pae

de Carlota. Esta preparava-se para ir á grade, quando a anciada tia lhe

disse:

--Vou-te aconselhar a desobediencia, minha sobrinha, e Deus me perdôe

por sua immensa bondade. Não vás á grade. Eu tomo sobre mim a

responsabilidade de mais um peccado.

E, voltando-se para a criada, mandou dizer a Norberto que sua filha não

podia fallar-lhe; mas esperasse alguns minutos, que alguem iria em logar

d'ella.

--E por que é isso, minha tia?!--perguntou a sobrinha admirada.

--Porque sim, minha filha. Receio que elle te venha fallar...--continuou

balbuciante--em cousas desagradaveis.

E, sentando-se no leito, a febricitante religiosa, ajudada de Carlota,

vestiu-se, e foi á grade encostada a Dorothea.

--Então a pequena que tem?--perguntou Norberto.

--Está doente.

--Já lhe chegou a noticia! Que tenha paciencia. Deus tudo faz pelo

melhor...

--Tambem digo o mesmo--atalhou Rufina.--E o mano agora que lhe quer?

Consolal-a?

--Quero dizer-lhe que é preciso mudar de rumo, e tirar o sentido do

homem que morreu.

--Isso ha de dizer-se-lhe por outras palavras menos terminantes.

--Isso lá é bom p'rá mana; eu cá digo as cousas como sei.

--Pois sim; mas consinta que eu a disponha para o golpe, e depois tudo

se lhe dirá com prudencia e caridade.

--Pois ella ainda não sabe que morreu o homem?!

--Não, mano; se a noticia fosse alegre, tinha-se-lhe dito; mas eu não

acho necessario dar-se-lhe uma nova que a póde matar.

--Qual matar, nem meio matar!--replicou o brutal arrozeiro, tregeitando

com os beiços carnudos um gesto de incredulidade--Pobre de quem morre,

diz o dictado. Ainda é de bom tempo, cunhada. Isto de raparigas

namoradas, são como as viuvas: choramigam oito dias, e ficam frescas

como se não fosse nada com ellas.

--Está enganado. Pergunte a minha irmã, que tem coração de esposa e de

mãe, se isso assim é. Estou bem convencida que ella fará um diverso

juizo do soffrimento de Carlota. Emfim, mano, eu ergui-me da cama para

vir aqui, e estou a tremer de frio e febre. Conceda que eu me retire,

pedindo-lhe pelo divino amor de Deus que deixe ao meu cuidado revelar a

noticia á desgraçada Carlota. O mais difficultoso é curar depois a

ferida, se o golpe não for de morte: confio em Maria Santissima que não

será.

--Pois então adeus--tornou Norberto, puxando para as orelhas a gola do

capote de quartos.--Arranje cá isso do melhor modo, e diga-lhe que venha

cá p'ra fóra, a ver se ella se tenta com algum de tres noivos, o qual

melhor, que eu trago na mira. Se eu a quizesse casar com um morgado da

provincia, fidalgo, e senhor de casa com capella, já me fallaram para

isso; mas, a fallar a verdade, o que eu quero é homem de negocio, ou

filho de negociante com dote á vista; não faço bem, cunhada?

--O mano lá sabe o que lhe convem; mas nunca faça calculos sem contar

com a vontade de Carlota. Parece-me que lhe posso asseverar que ella não

sairá mais d'este convento. Perdeu um esposo; mas o esposo verdadeiro, o

esposo das almas angustiadas está cá dentro; é Jesus Christo, o unico

bem que ha de entrar no coração espedaçado de Carlota, e cural-o com a

esperança de encontrar na bemaventurança o primeiro que perdeu.

--Pois Carlota ha de ser freira?!--interrompeu com impetuosa grita

Norberto, derrubando a gola do capote, que era de mais na cara afogueada

pela ingrata nova.

--O mano faz um espanto--redarguiu mansamente Rufina--como se eu lhe

dissesse que sua filha havia de praticar um crime!...

--É que eu não quero!...--redarguiu elle, batendo um troante murro na

banqueta.

--O mano não quer; mas a sua vontade agora vae encontrar outra vontade

sem comparação mais poderosa: é a vontade omnipotente do Senhor, que

move os mundos e os corações. Não me disse, ha pouco, que Deus tudo

fazia pelo melhor? Pois bem, póde ser que a divina vontade quizesse para

as suas eternas nupcias a que havia de ser esposa de outro, que Deus

chamou a si.

--Veremos como isso ha de ser. Em todo o caso eu quero minha filha cá

para fóra. Não a creei para freira, tenho muito que lhe deixar.

--Tudo o que o mano tem póde varrel-o um ligeiro sôpro da desgraça.

Modere a sua soberba, que não o castigue Deus, que abate os soberbos, e

exalta os humildes. E, demais, a casa do Senhor não se abre só para as

meninas pobres. Eu deixei um grande patrimonio quando aqui entrei, e vim

achar uma riqueza incomparavelmente maior do que a que deixei: foi o

esquecimento do mundo, e o amor sempre crescente de outro melhor. Ora,

bem póde ser que sua filha se deixe namorar dos anjos, e rompa com os

amores tranzitorios d'esta vida. Em summa, o que eu lhe digo, meu

cunhado, é que minha sobrinha só póde ser salva pela religião; e eu, se

Deus me achar digna, hei de estender-lhe a mão ao abysmo onde a

lançaram, e encaminhal-a por onde eu vir que ella é menos infeliz. Não

posso mais, estou fatigada e angustiada, adeus.

Norberto de Meirelles enfiou de novo a cara oleosa na pelucia da gola,

sobraçou a enorme bengala encastoada de prata, e saíu do atrio do

mosteiro com as ventas fumegantes.

VIII

\_Didone\_

... No mai die fiamma impura

Feci l'are fumar per vostro scherno;

Dunque perché congiura

Tutto il ciel contra me, tutto l'inferno?

\_Osmida\_

Ah! pensa a te non irritar gli Dei...

\_Didone\_

Che Dei? Son nomi vani,

Son chimere sognatte, ó ingiusti son.

Metastasio. (\_Didone.\_)

Norberto de Meirelles communicou, immediatamente, ao cunhado o

acontecido com a religiosa benedictina, pedindo-lhe conselho para evitar

que a filha se fizesse freira.

O bacharel Sampayo chamou a capitulo os seus vastos expedientes de

perfidia, e conglobou-os n'um, do qual ousou afiançar ao cunhado um

exito feliz.

Chamou pessoa idonea para executal-o, e de Lisboa veio ao Porto um

individuo encarregado da seguinte missão:

Entrou, um dia, no pateo do mosteiro de S. Bento esse homem, e perguntou

na portaria, se lhe seria possivel fazer chegar ás mãos da snr.ª D.

Carlota Angela um bilhetinho de sua mãe.

A porteira respondeu affirmativamente, como era de esperar, recebeu o

bilhete, e entregou-o a Carlota, que saia do côro, onde costumava passar

as manhãs em oração.

Era este o conteúdo do bilhete:

\_Uma pessoa quer fallar á snr.ª D. Carlota ácerca de Francisco Salter

de Mendonça; mas deseja estar só com ella em uma grade. A pessoa espera

resposta.\_

Carlota alvoroçada correu ao locutorio, e exclamou:

--Estou aqui.

O enviado do bacharel aproximou-se, e disse:

--Sou eu que a procuro, minha senhora; mas na esperança de ser demorada

a nossa pratica, pedia o favor de me fallar n'uma grade, porque este

logar é improprio para se tratarem cousas de tamanho segredo.

Carlota olhou em redor de si, viu uma criada com uma chave, e disse com

precipitação:

--Empresta-me a grade por um bocadinho? empresta, por quem é?

--Sim, minha senhora--disse a criada.

Carlota indicou ao homem de Lisboa a grade, e correu a encontral-o.

Não tinha ainda elle terminado as formalidades da cortezia, disse

Carlota impaciente:

--Elle já veio? Está em Lisboa?

Estas perguntas eram feitas a tremer. Carlota, não podendo com a

afflictiva duvida da resposta, apressou-se a interrogal-o assim,

cuidando que a certeza com que perguntava por Mendonça vivo a

desopprimia da suspeita de que elle era morto.

O homem não estava preparado para perguntas tão expeditas. Ficou

perplexo, e esta indecisão deu azo a novas perguntas:

--Traz-me cartas d'elle? dê-m'as...

--Não trago cartas, minha senhora.

--Não?!--atalhou ella com vehemencia e sobresalto.

--Não, snr.ª D. Carlota. Francisco Salter não lhe escreveria, ainda que

podesse...

--Como?! não entendo!... Não escreveria... porque?

--Se a menina serenar um pouco, tomarei a liberdade de historiar-lhe

vagarosamente a vida do homem que lhe mereceu um grande amor, digno,

permitta-me dizer-lh'o, de ser melhor applicado.

--Isso é uma calumnia! isso é mentira!--exclamou Carlota, sem pesar a

gravidade das palavras que ouvira, e das que proferira com exaltada

acrimonia.

--Eu desculpo-a das injurias que me dirige, porque avalio a surpreza

dolorosa, que lhe fazem tão horriveis novas. Queira escutar-me.

Francisco Salter saiu do Porto amando-a, como se ama aos vinte e quatro

annos, com esse amor imprevidente, superficial, e arriscado ás variantes

do coração logo que as tempestades de outras paixões se levantam,

sopradas por um casual encontro com outra mulher. Era um rapaz no comêço

de uma bella carreira, com espiritos ambiciosos, sem bens de fortuna, e

descontente da sua sorte... O desengano devia vir, logo que os olhos da

pessoa, que elle amava, deixassem de influencial-o. Chegou a Lisboa,

onde tinha valiosos amigos e parentes, e onde fora chamado para receber

uma honrosa commissão para o Brazil, com augmento na sua carreira, e

promessas seguras de grandes vantagens.

Francisco Salter de Mendonça rejeitaria a gloria, se o amor fosse de

mais rija tempera; renunciaria um almirantado, se o coração de Carlota

Angela saciasse n'elle a louvavel ambição de se fazer grande por

merecimento proprio. Obedeceu ao orgulho, e partiu para o Brazil, como a

menina sabe. Escreveu-lhe, talvez, uma carta muito saudosa, muito

lamuriante, muito esperançosa; mas... partiu.

No Brazil, foi recebido como era de esperar. Encontrei-o na melhor

sociedade, posto que a melhor sociedade de lá só se faça valiosa pelo

dinheiro. As ricas herdeiras olhavam-o como um rapaz distincto, capitão

da real brigada, bem fallante, gentil, bravo, soberbo de si, e

collocaram-o na posição de escolher.

Vejo que v. s.ª está anciada. Se a continuação da minha visita a

molesta, peço licença, e retiro-me.

--Não... não... queira dizer--balbuciou Carlota, tirando com violencia a

respiração do seio convulsivo.

--Os fumos da vaidade e os da ambição--proseguiu o porta-voz do

bacharel--ennevoaram aos olhos de Mendonça a imagem de Carlota Angela.

Eu, que fora nos primeiros dias seu confidente, sabia que a menina

existia n'este convento; recordei-lhe com pezar o indigno perjurio, e

elle respondia-me que a ausencia era o balsamo maravilhoso das chagas

que o amor fazia. Confesso que me angustiou esta baixa condição de alma!

e muito principalmente depois que vi algumas cartas de v. s.ª,

escriptas emquanto elle fazia a viagem.

Passados mezes, dois ou tres, se tanto, Mendonça dá parte aos seus

amigos de que vae tomar estado com a filha unica de um opulento

negociante, dotada com centenares de contos.

--E casou?--exclama Carlota, lançando com vertiginoso impeto as mãos ás

grades.

--Casou--respondeu o homem, friamente.

Carlota soltou um grito, que não tem outro comparavel na expressão da

angustia humana. Era o ruido agudo do estalar de todos os tecidos do

coração, do rasgarem-se todos os vasos de sangue, do embate dos pulmões

lacerados contra as paredes do peito. E, depois, os dedos recurvos nos

ferros da grade, relaxaram-se, hirtos como os de um cadaver, e o corpo

resvalou da cadeira para o chão com estrondoso baque.

O homem horrorisou-se um instante da sua obra, e recuou até á porta para

retirar-se; mas a sua missão não estava ainda cumprida. Relampagueou-lhe

uma ideia lucida. Desceu á portaria, e disse que fosse Alguem á grade,

onde se achava desmaiada a snr.ª D. Carlota.

A este tempo já a madre porteira, alarmada pelo estrondo da quéda,

entrava pressurosa na grade, e vendo Carlota no chão, chamou-a a altos

gritos. Houve grande rumor no convento, e entre as muitas pessoas que

desceram á portaria, vinham D. Rufina e a noviça.

O homem de Lisboa permanecia imperturbavel na grade, esperando que o

interrogassem, já depois que Carlota fora transportada, com frouxos

signaes de vida, ao seu quarto, acompanhada de um medico, que a fortuna

trouxera n'esse conflicto.

--Alguma das senhoras é a tia da snr.ª D. Carlota Angela?--perguntou o

homem.

--Sou eu--respondeu a pavida religiosa.

--Concede-me alguns minutos sem testimunhas?

As outras senhoras deixaram só Rufina; o delegado do bacharel proseguiu:

--Essa menina desfalleceu, quando eu lhe noticiei o casamento de

Francisco Salter de Mendonça.

--O casamento?!

--Sim, minha senhora.

--O que geralmente se diz é que morreu.

--Casou, e morreu, dias depois.

--Oh meu Deus!--clamou a freira, levando as mãos ás faces--oh meu Deus,

o que se passa debaixo de vossos olhos! Francisco de Mendonça casou!...

O senhor tem a certeza d'isso?!

--Como quem assistiu ao casamento e á morte. Esta segunda parte é que

sua sobrinha ignora, porque me não deu tempo. Agora convém que v. s.ª

lh'a diga, para que a morte sirva de perdão ao ingrato, e a ingratidão

lhe converta em quasi indifferença a morte. É assim que essa pobre

menina ha de recuperar a tranquillidade que precisa; e eu, que

espontaneamente aqui vim dar-lhe o golpe, que ninguem lhe queria dar,

com o bom proposito de curar a ferida com o proprio sangue d'ella,

retiro-me, delegando em v. s.ª o complemento da minha obra. Minha

senhora, recebo as suas ordens.

Soror Rufina surgira de uma especie de lethargo, depois que o

desconhecido saíra.

Foi ao quarto da sobrinha, e viu-a sentada no leito, com os cotovêlos

fincados nos joelhos, e o rosto entre as mãos. Saíam-lhe das palpebras

os olhos vidrentos e immoveis como os de um cadaver embalsamado. Parecia

não ver alguem, e a respiração das pessoas, que a rodeavam, nem sequer

se ouvia. O olhar de Carlota fazia terror.

A religiosa chamou-a tres vezes, como a mãe delirante chamaria sua filha

morta; o pavor, porém, d'aquelle olhar sem luz nem movimento, parecia

responder-lhe que estava morto o coração que devia ouvil-a. Rufina

abraçou-a vertiginosamente, agitando-a com desespêro: o corpo obedecia

ao impulso, com a inerte obediencia do cadaver, mas os olhos lá estavam

na sua terrivel immobilidade como que seguindo a alma que lhe fugira

arrancada pelas garras de um demonio.

--Que é isto, snr. doutor! está morta minha sobrinha?--bradou a

religiosa ao medico.

--Não está morta, minha senhora; póde estar demente.

Carlota Angela soltou um profundo grito, ergueu-se sobre os joelhos no

leito, travou das tranças com frenetico delirio, deixou caír os braços

semi-mortos, e recaíu no torpor de momentos antes.

Passado o espanto, todos os corações se derramaram alli em lagrimas. Não

sabiam ao certo que immensa angustia era aquella; mas adivinhavam-a.

Todas se voltaram para Jesus crucificado, de joelhos oraram chorando, e

a oração era a mesma em todos os espíritos:

«Se ella está demente, levae-a, Senhor!»

Aquelle estado era impossivel longo tempo. Durante vinte e quatro horas

succediam-se as syncopes, cada vez mais prolongadas e assustadoras. O

medico, descrido da acção dos antispasmodicos, aconselhou que lhe

fallassem muito na causa d'aquelle accidente, confiado na vitalidade

febril que dão as agonias moraes; e nas lagrimas consecutivas.

Assim o aconselhara; ninguem, todavia, queria encarregar-se de tão cruel

flagellação.

Soror Rufina esperara a saída das incessantes visitas, para, com o

soccorro do céo, executar o duro supplicio de Carlota. O coração

dizia-lhe que tal expediente seria um tormento inutil; mas o medico

ajuntara ao conselho razões que a convenceram.

A sós, Carlota fitou-a com uma turvação de olhar, que deu quebranto á

resolução da freira.

--Se ella está demente, de que serve este triste remedio?!--dizia soror

Rufina--Eu vou verter-lhe fel na chaga do coração, e nem posso ao menos

contar com a intelligencia d'ella para lhe faltar á razão! Se Deus a

chamasse a si, que maior felicidade lhe poderia eu desejar! Minha

filha!--murmurou ella, aconchegando-a ao seio--Tu não me conheces? Sou a

tua boa tia, a melhor das tuas amigas. A tua dor me dóe tambem, Carlota.

É preciso que nos consolemos uma á outra. Diz-me uma palavra só,

anjinho... Conheces a tua tia, menina?

--Se conheço!...--disse com meigo sorriso, Carlota, abraçando-a pelo

pescoço. Rufina estremeceu de alegria, comprimindo com transporte o seio

da sobrinha ao seu, e cobrindo-lhe de lagrimas e beijos a face.

--E és a minha querida filha, pois não és?--proseguiu a freira--É de mim

que esperas allivios d'esta agonia, e amor para toda a vida? Aceitas as

consolações de tua tia, crendo que é ella o instrumento de que a

misericordia de um Deus piedoso se serve?

--Não me falle em Deus!--bradou com impetuosa violencia Carlota Angela.

Rufina tremeu e empallideceu como assombrada de um raio.

--Está douda a infeliz!--disse ella--Agora sim, creio que não ha

valer-lhe! Ó Mãe Santissima, ó Senhor dos Afflictos, levae esta alma

para vós... não consintaes que os labios digam blasphemias, que o

espirito d'esta virtuosa creatura não sente.

--Não me falle em Deus!--repetiu Carlota, esgazeando sinistramente os

olhos--Não ha Deus, nem justiça, nem misericordia. Ha inferno n'este

mundo para os innocentes, para os que, fugindo ao odio humano, se

acolhem ao amparo divino.

--Jesus!--atalhou a religiosa--Que palavras são essas, filha!?

--Eu não merecia esta morte, minha tia. Que fiz eu para morrer assim

desesperada de achar a remuneração de tamanha perfidia?! Abandonada,

esquecida por elle... Que horror!

Carlota Angela tapava o rosto, e arquejava, fugindo impetuosa aos braços

da freira.

--Que horror!--continuava ella, apertando as fontes com as mãos, e

tirando com violencia pela respiração--Trahida por Francisco!... Todo

este amor, a amor de toda a minha vida, calcado, desprezado, ao mesmo

tempo que eu o ia alimentando com lagrimas diante d'aquella cruz, onde

eu cuidei que se encontrava compaixão!...

--E encontra, minha filha; e ainda agora das chagas de Jesus Christo

está correndo o balsamo que te ha de curar, Carlota!

--Curar-me!... A tia não sabe o que eu soffro, não conheceu esta dor,

não sabe que desesperada vae ser a minha agonia! Eu tenho a morte já na

garganta. Era preciso que eu perdesse o juizo para se crer que ha Deus.

Morrer assim, e sentir a causa da morte... isto é mais que

barbaridade... o demonio não póde tanto, e um Deus não consentiria

padecimento tamanho... Oh!... quem me apressasse a morte... quem me

désse um veneno... quem me arrancasse do coração esta agonia!... Oh meu

Deus!...--bradou ella, estendendo os braços para o crucifixo.

Soror Rufina correu a tomar a cruz de sobre a commoda, e aproximou-lh'a.

Carlota cravou-lhe os olhos, um momento humedecidos de lagrimas, e

lançou-a de si com um violento gesto de repulsão.

--É mentira tudo isso!--exclamava ella, agitando as mãos com frenesi,

como se a tia teimasse em dar-lhe a cruz--É mentira tudo! não ha Deus,

não ha nada a que uma desgraçada, como eu, possa recorrer! Deus não

consentiria que houvesse um perverso tal como esse homem, nenhuma

miseravel como eu...

--E, se souberes que foi castigado o perverso que te faz soffrer tanto,

Carlota, crês que ha justiça de Deus?

--Castigado!... não ha n'este mundo castigo para tamanha ingratidão...

Elle é feliz a esta hora, nos braços de outra, com os carinhos de outra

mulher, e eu... aqui, nas agonias da morte, sem poder saber que tempo

hão de durar!... Meu Deus, eu morro arrependida de vos ter negado, se me

levardes já...--E tomando a cruz, que beijava fervorosamente,

proseguiu:--Levae-me, Senhor... tirae-me d'este inferno, ou fazei que eu

endoudeça! Se eu sou grande peccadora, dae-me as penas eternas da outra

vida, se lá não ha memoria das amarguras d'este mundo! Dae-me o outro

inferno por este, e eu darei sempre louvores á vossa misericordia!...

Não me escuta!--bradou Carlota com desesperada indignação, querendo

arremessar a cruz.

--Filha!

--Deixe-me acabar, minha tia... Eu não quero esperanças...

esperanças!... em que? Não quero consolações de ninguem... A maldade

d'aquelle homem não me deixa já crer no amor de ninguem... Fujam todos

de mim, que eu sou uma mulher amaldiçoada, sem ter offendido uma só

pessoa... É a maldição de meu pae que chegou ao céo. Fui enganada, tinha

fé n'aquelle homem, estou assim penando, porque o acreditei... É um

castigo maior que o meu delicto! Deus devia perdoar á pobre mulher de

dezoito annos, e castigar o traidor por quem me perdi...

--E castigou.

--Como?

--Chamando-o a contas.

--Diga, diga, minha tia... que é? chamando-o a contas!... pois elle...

--Morreu... pouco tempo depois que perjurou, Carlota. Agora crês que ha

Deus?... crês na justiça divina?

Carlota não ouvia. Os olhos pasmaram, como se a paralysia os ferisse de

subito. Os labios ficaram semiabertos, como se por elles perpassasse a

derradeira expiração. Os braços decairam com mortal quebranto.

A freira abraçara-a, sustendo a cruz entre os dois seios, e invocando

Jesus, e Carlota.

Dorothea entrara, ouvindo os gritos de Rufina. Subira ao leito, clamando

agudos ais, porque julgara morta Carlota.

--Vá ver se está algum medico dentro--disse Rufina.--Mandem-o chamar, a

toda a pressa, se não estiver. Chamem tambem o capellão... Parece-me que

a matei, cuidando que a salvava.

Dorothea saíra, levando o alvoroço e o terror, pelos dormitorios, onde

eccoavam os seus altos gemidos. Soror Rufina, desalentada, enfraquecida

de espirito, e de fé, como aquelles santos de quem o Senhor se queixou,

disse, lavada em lagrimas:

--Meu Deus! são terriveis os vossos juizos, e terriveis as vossas

intenções! Quando a innocencia assim padece, como castigareis o crime?

Fora como o morder da vibora entranhada o pungir de alma que vibrou em

dolorosissimo tremor o corpo todo da religiosa. Era a consciencia, que

recebia em si o fel da injuria que os labios cuspiram; mas não passara

d'elles. A apavorada freira, livida como o sacrilego aterrado pelo

remorso, ouviu um murmurio, que lhe recrudesceu o pavor. Era Carlota que

lhe dizia:

--Oremos pela alma do infeliz.

Correu ao leito, correram as religiosas que entraram com Dorothea. Viram

Carlota Angela com as mãos erguidas, e a face coberta de lagrimas.

Ergueram tambem as mãos, choraram tambem, ajoelharam, vendo Rufina de

joelhos.

--É um Padre nosso e uma Avè Maria por alma de Francisco--balbuciou

Carlota, soluçando, com inexprimivel afflicção.

O medico entrava n'esse conflicto, e presenciando as lagrimas de

Carlota, fez um gesto afirmativo. Dorothea interrogou-o com anciado

olhar. O medico, entreabrindo ligeiramente os labios com um sorriso,

queria dizer:

--Está salva.

IX

Mon Dieu! comme il est difficile

De courre avec de l'argent!

Théophile de Veau.

Trocando com vontade pouco experta,

Por incerta fortuna esta mais certa.

C. Pereira de Castro. (\_Lisboa edificada.\_)

Francisco Salter de Mendonça, de Lisboa ao Rio de Janeiro escrevera um

diario, em que mais se accusava a si de ingrato que aos seus cavillosos

protectores de crueis. A saudade era encruada pelo arrependimento.

Ao passo que o horizonte da patria se perdia nas orlas do mar, o

atribulado mancebo já não sentia da esperança o conforto que o alentava

no instante da partida. Afigurava-se-lhe um sonho horroroso estar elle

tão longe, cada vez mais longe, de Carlota Angela. Ideiava e desfiava

todas as consequencias que podia trazer a sua formal rejeição do encargo

e da patente.

«Se me prendessem,--escrevera elle no diario--que maior prova podia eu

dar a Carlota de que a minha liberdade, longe d'ella, seria o meu

supremo captiveiro?

«Preso debaixo do céo em que ella vive, teria a liberdade de

escrever-lhe, de animal-a, de a ver talvez um dia chegar lacrimosa aos

ferros do meu carcere, e encher-m'o de quantas alegrias podem elevar uma

alma nobre sobre astucias de miseraveis tyrannos.

«Seria grande mágoa para ella a minha prisão, a minha baixa, a minha

quéda irremediavel no principio da vida? Oh! de certo era; mas essa dor

desvanecel-a-hia a convicção de ser tão amada, tão preterida á gloria, á

honra e aos sorrisos da fortuna!

«Por que não lhe dei eu o nobre orgulho de me sacrificar, de me abater

aos olhos de todo o mundo, com tanto que me engrandecesse aos olhos

d'ella, d'ella, para quem eu queria honras, glorias, corôas, mundos,

tudo grande, tudo sublime, e tudo pequeno em confronto do coração que

lhe dei?!

«E, depois, a minha prisão seria de pouco tempo, porque os meus parentes

são poderosos, e o dinheiro do pae de Carlota exhaurir-se-hia ao mesmo

tempo que o coração de sua filha seria mil vezes multiplicado em apêgo,

em gratidão, em ternura, e coragem para affrontar commigo os obstaculos.

«Mas nem talvez eu chegasse a ser preso. Julgar-me-hia o governo em

demasia castigado com a baixa, com a desconsideração e com o desprezo.

Toda a gente me olharia como se olha um homem pobre, e de mais a mais

rebelde ao serviço da patria. Que importava isso? Carlota Angela seria o

meu talisman; as riquezas brotariam de seu coração inesgotavel; todos me

invejariam ao pé d'ella; apontar-nos-hiam como modelos de affeição, e de

honra na affeição, que tão rara se encontra. Com o tempo, eu seria

chamado a merecer o premio de calcar a intriga, e o nosso pão na

opulencia não seria mais doce que o pão da pobreza.

«Que fiz eu, homem vil, homem sem alma?

«Mascarei-me com as palavras «honra e dever», e estou deshonrado perante

Carlota! Impuz-lhe um juramento de morrer minha escrava, fiz que ella me

adjudicasse a sua vida, apontei-lhe o claustro como seu eterno carcere,

e não tive valor para me deixar perseguir por amor d'ella!

«Ó coração duro, que assim te deshonraste com tão baixo egoismo!

«Tu choravas, quando lhe escreveste um adeus, mas essas lagrimas pôde

enxugal-as a razão, tão villã como tu! Mentias n'esse pranto, abjecto,

avarento, que te sentiste sobresalteado de orgulho e alegria, quando as

dragonas de major da armada te deslumbraram a duas mil leguas distantes

de Carlota.

«Não sou digno de mais a ver, sem córar de vergonha, não! Se ella me não

escrever, se rasgar e pizar e cuspir as minhas cartas, eu devo ter o

cynismo de tragar a affronta, já que tive a villania de a merecer.»

A estas paginas da consciencia opprimida, succediam-se outras de

lagrimosa ternura. Nunca a saudade se exprimira com mais contrição de

alma, com mais doridos afagos á imagem querida que os recebe chorosa,

com devaneios de mais poesia amarga, d'essa que só sabem desentranhar do

coração os que sentem voluptuosa dor em despedaçal-o.

Francisco Salter atravessara o Atlantico sem um amigo, sem um ouvido

attento onde contasse, com attrição de penitente, as saudades e

pungimentos que o laceravam.

Eram bellas as noites, era de magia o céo estrellado, as luas-cheias no

mar parece que recolhem de mais perto, n'aquella vasta solidão, as

confidencias do amante, dando-se como espelho, para que, a milhares de

leguas, a contemplativa amada veja n'ella os olhos do que a pranteia.

Mendonça, porém, angustiava-se mais com esse espectaculo, só donoso de

extasis, e dulcissimo de espirituaes colloquios para amantes felizes.

E escreveu assim:

«O desgraçado não supporta as alegrias dos homens, nem as da natureza.

Se a sua alma está de luto, cubra-se de negro tudo que o cerca. Se sulca

os mares, refervam as vagas batidas pelo látego da tormenta; forre-se de

nuvens torvas o céo, rebôem em turbilhões, prenhes de coriscos; rua o

ultimo mastro lascado pelo raio, e espumem contra a derradeira táboa do

naufragado as fauces do dragão que abre um abysmo em cada resfôlego.

«O amanhecer não tem cantares, nem a tarde murmurios, nem a solidão

arroubamentos para esse que a natureza repelliu de si, como leproso,

chagado no coração, contagioso de pestilencial desesperança.

«Eu subi ha pouco á tolda, e vi a lua, que oito dias antes me vira no

Candal, ao pé de Carlota. Não pude fital-a. Os meus olhos caíram sobre o

dorso do mar, bem perto do navio, onde não chegava a refulgencia da lua.

Alli estive fascinado, n'aquelle ponto negro. Similhava-se-me a um

tumulo, e o fremir da onda quebrada na quilha soava-me como um gemido de

mulher que eu lançasse áquelle abysmo...

«E fugi, meu Deus, fugi, porque me não déstes um raio de esperança.

«Ó Carlota, Carlota, matar-te-hia eu?!»

Este fragmento de uma pagina, transcripto ao acaso, sirva para avaliar

que afflictivo tranzito lhe foram os cincoenta dias de viagem.

No desembarque, Francisco Salter de Mendonça sentiu vergar o corpo ás

commoções da alma. Adoeceu, e, na ardor da febre, escreveu a Carlota

essa longa carta com que o bacharel Sampayo espertou o lume do seu

fogão. Eram estas as ultimas linhas da carta:

\* \* \* \* \*

«Se eu morrer, minha querida Carlota, ouso d'aqui já pedir-te o meu

perdão. A memoria de um morto é sagrada. Todas as ingratidões e

villanias desapparecem com o miseravel corpo que os vermes desfazem.

Fica a alma no seio de Deus, ou fóra do céo. Se Deus acolher a minha, de

lá te chamarei; se me repellir este espirito, purificado no fogo da

saudade, errarei em torno de ti, pedindo-te perdão, porque tu és a unica

pessoa que eu offendi n'este mundo. A offensa, minha amiga, está

expiada. Tenho soffrido penas sobrenaturaes. Achei doçura e suavidade no

supplicio, emquanto me considerei algoz da tua felicidade, infame

vendilhão que te troquei por alguns punhados de ouro. Depois, porém, que

expelli em lagrimas a peçonha do coração, ouso dizer a Deus que este

flagello é de mais... esta quéda na sepultura, aberta no caminho de

palmas que eu de lá vira, é um acto da Providencia que assimilha um

escarneo. Não tenho forças nem vista para mais, Carlota. Compaixão, anjo

do céo! Amor... não t'o mereço: seria duplicada infamia pedil-o agora.

Adeus.»

Após uma longa enfermidade, Mendonça esperava alvoroçado o paquebote que

fazia regulares viagens entre Portugal e o Brazil.

O coração afiançava-lhe uma carta, muitas cartas de Carlota; umas

accusando-o, outras absolvendo-o.

O paquebote chegou. Salter teve muitas cartas. Examinou os

sobrescriptos, primeiro com o rosto incendido pelo giro alvorotado do

sangue; depois, á maneira que estremava as cartas, sobreveio o desmaio,

a pallidez do susto; e finalmente o turvamento, a prostração, o cair

alquebrado sobre uma cadeira, com os dedos recurvados na fronte, que

revia suores frios.

Aquietada a angustia, depois de enfurecidos impetos, Salter quiz

escrever, arrojou a penna, e levou as mãos á fronte, como a segurar uma

ideia consoladora.

--Vou a Portugal!--murmurou elle--fujo, deserto, perco-me, mas vou a

Portugal. Carlota está morta, ou atraiçoou-me!

Este projecto foi-lhe um desafôgo n'aquelle dia. Nenhum estorvo se lhe

avultava insuperavel. O governador chamara-o para lhe communicar as

ordens que recebera do governo e entregar-lhe officios do almirantado.

Dava-se pressa do reino ao capitão da real brigada em executar os

trabalhos commettidos, visto que Portugal ia ser compellido a reunir-se

com Napoleão na causa do continente. Era um prognostico da indecorosa

subserviencia com que, alguns mezes depois, a côrte portugueza rompeu

com Inglaterra, para, decorridos poucos dias, lhe pedir auxilio na

vilipendiosa e impolitica fuga.

Não invejamos a gloria do historiador portuguez d'esse tempo, pelas

nauseas e vergonhas que lhe ha de custar a narração exacta do

envilecimento a que descera a terra do marquez de Pombal. Se não fosse o

receio de enjoar o leitor, que lê um romance, cansado de ler livros com

ideias, escrevia agora aqui uns threnos plangentes sobre a patria de D.

João I e D. Manoel. Ainda me tolhe outro mêdo, e vem a ser o de me ver a

braços com difficuldades na resposta aos que me perguntarem se a patria

de D. Fernando I e Affonso VI valia mais em dignidade, primor, e

independencia que a do marido de D. Carlota Joaquina. Questões são estas

que desentoam aphonicamente da indole d'esta escriptura, mais que todas

sujeita a fazer-se ridicula, se dá ares de ser obra de quem sorve uma

conspicua pitada, para julgar depois os reis e os povos.

O que se quer é saber no que pararam os projectos de Francisco Salter de

Mendonça; se desertou, se morreu, ou transigiu com a desgraça.

Nenhuma das hypotheses.

No dia seguinte ao da intencionada fuga, o amante de Carlota Angela foi

visitado por um individuo, que disse ser natural do Porto, e ir liquidar

uma herança no Rio de Janeiro.

Mendonça acolheu-o com alegria, suppondo-o portador de carta de Carlota.

Disse o portuense que viera alli dar-lhe uma nova, talvez desagradavel

ao principio, mas estimavel, quando a reflexão desvanecesse os effeitos

da má noticia.

--Que é?--atalhou Mendonça--Estou preparado para o que for.

--Eu conheço Norberto de Meirelles, sou negociante como elle, e sei

todos os passos da sua vida. Soube que v. s.ª lhe pedira a filha em

casamento; soube que lh'a prometteu, para evitar que ella saísse

judicialmente; e tambem soube que elle roeu a corda, como costuma em

muitos outros contractos, quando o doutor Sampayo lhe participou de

Lisboa que v. s.ª era mandado para aqui. É isto verdade, ou não?

--É, pelo menos assim o creio; mas antes de mais nada, queira

responder-me a uma pergunta, para eu o ouvir com socego: D. Carlota

vive?

--Vive, e vive feliz, pois não vive!

--Feliz!... diz o senhor...

--Eu que o digo é porque o sei... Mulheres, meu amigo, mulheres! V. s.ª

espanta-se? Bem se vê que está ainda muito verde, e não conhece o

mundo... Longe da vista, longe do coração. As raparigas d'agora são como

as ventoinhas. Palavriado, e mais palavriado; novellas e mais novellas;

crendices e papagaices; e de tino e juizo nem para mandar cantar um

cego.

--Eu não entendo essa mistura de anexins com que o senhor está

retardando a nova que me traz. Tem a bondade de se explicar com a

possivel clareza?

--Lá vou, snr. Francisco Salter de Mendonça, lá vou; mas será bom que se

previna, se ainda me não adivinhou... A filha do tal snr. Norberto

confirma o dictado de que de ruim arvore, nunca bom fructo.

--Quer dizer que...--interrompeu, coriscando fogo dos olhos, o impetuoso

mancebo.

--O senhor vejo que se enfada... Estou arrependido de cá vir com

similhante...

--Com similhante commissão?!--concluiu Mendonça, erguendo-se em attitude

ameaçadora.

--Commissão!--gaguejou o interlocutor com sensiveis signaes de

surprendido.

--Sim!... diga o resto, quero ouvir o resto; mas depressa.

--V. s.ª está fóra de si!--tornou o atrapalhado homem, lançando a mão

ao chapéo e á bengala--Eu não vim aqui offendel-o, e v. s.ª recebe-me

de um modo que eu não mereço... N'esse caso retiro-me.

Mendonça, sofreando a cólera, tomou-lhe da mão urbanamente o chapéo, e

obrigou-o com branda coacção a sentar-se.

--Desculpe-me este desatino. O senhor, se alguma vez amou, deve

passar-me por esta escandecencia propria de um rapaz ardente, com o

coração ainda intacto d'essas punhaladas que, muito repetidas, chegam a

matar a sensibilidade. Estou de animo frio para escutal-o. Queira v.

s.ª continuar.

--Eu...--disse o portuense, disfarçando ineptamente o sobresalto--eu...

se aqui vim, foi para o desenganar... e mais nada...

--Pois muito lhe agradecerei o desengano, quando o senhor me disser o

engano.

--Pois não adivinhou ainda? O senhor é esperto, segundo ouvi dizer, e já

ha muito que devia entender que a tal menina não o amava.

--Entendi agora--disse serenamente Mendonça com habil artificio.--Mas,

como prova v. s.ª isso?

--Como provo?

--Sim, como prova? Eu creio tanto no amor de Carlota Angela, quanto

reputo v. s.ª um calumniador emquanto me não provar essa espantosa

novidade.

--As provas, n'este caso...

--São difficeis, bem o sei; mas o senhor ha de poder dizer-me: Carlota

não o ama, porque deu esta ou aquella prova de o não amar.

--A prova acho eu que é bastante dizer-lhe que ella, a esta hora, está

casada com outro.

--Essa é realmente a suprema das provas possiveis; mas, se lhe não

custa, conte-me os promenores d'esse casamento. Quem se diz tão

intimamente informado da vida de Norberto de Meirelles deve elucidar

melhor as cousas. Quem é o noivo de Carlota?

--O noivo...--tartamudeou o homem, enfiando de novo.

--É do Porto?

--Sim, senhor, é do Porto.

--Como se chama?

--Chama-se... esquece-me agora... v. s.ª de certo não conhece, ainda

que eu lh'o diga... é um rapaz do commercio, que mora....

--Sim, onde mora? Diga-me a rua, que eu o auxiliarei na recordação do

nome, porque sei os nomes de todos os pretendentes de Carlota. Mora na

rua de?...

--Na rua... de... ora que cabeça esta!... O senhor atrapalhou-me de tal

modo que me fez perder...

--Até a memoria das ruas! é original essa perda! Diga-me mais,

entretanto que lhe não lembra: Onde estava Carlota, quando o senhor saíu

do Porto?

--Onde havia de estar?... Estava em casa... e tinha estado no

convento...

--No convento de...

--No convento, sim, no convento de...

--Tambem perdeu a memoria dos conventos! Descanse, senhor portuense,

tome fôlego, e tranquillise-se, porque receio d'aqui a pouco, que nem do

Porto se lembre. Fallemos de outro assumpto. Como está Norberto de

Meirelles?

--Está bom, não ha mal que lhe chegue...

--Aquelle homem é rijo, sendo tão magro!

--Isso é verdade!

--E sempre tão pallido!

--Parece um defunto.

--Vejo que o senhor até perdeu a memoria do seu amigo Norberto!

Conhece-lhe os intimos segredos domesticos; mas não se recorda que elle

é gordo e vermelho! Estou maravilhado do muito que me conta! E D.

Rosalia continúa a cantar com aquella angelica voz que nós lhe

conhecemos?

O noticiador estava tolhido de mêdo. A esta ultima pergunta fez uma cara

de apiedar as feras. Salter cruzara os braços sobre o peito, cravara os

olhos nos olhos esgazeados do infeliz agente do bacharel Sampayo, e

mandara-o sentar. Á segunda vez, a offerta da cadeira era pouco urbana:

Mendonça pozera-lhe a mão no hombro direito, carregando com força

bastante para aterrar o ensoado hospede, que se julgara em perigo. Este

susto converteu-se em convicção de pancadaria certa, quando Salter

correu a lingueta da chave.

--O senhor treme como todos os miseraveis alugados para uma acção

infame. Não trema--disse Mendonça--que eu não lhe faço mal. Se o não fiz

saltar por aquella janella, quando proferiu com menos respeito o nome de

D. Carlota Angela, agora de certo o acompanharei até á porta da rua.

Mas conte-me a sua vida. Essa presença é inculcadora. O seu trajar é

limpo, e a natureza deu-lhe cara de homem de bem. Que officio tem o

senhor? Vive d'estas emprezas?

Responda com desabafo. Quem o mandou aqui trazer a noticia d'esse

casamento?

--V. s.ª... eu... obrigado pela necessidade...

--Diga; desengasgue-se d'esse nó de vergonha que tem na garganta. O

senhor está entalado! Ora vamos: dizia o senhor--forçado pela

necessidade...

--Deixei-me seduzir por um homem, que me mandou... aqui...

--Esse homem é Joaquim Antonio de Sampayo.

--O mesmo é verdade, é esse...

--Designadamente para o fim de me avisar que a snr.ª D. Carlota casava?

--Sim, senhor.

--E não o ensaiou para representar melhor o seu papel?... O senhor

executou miseravelmente a commissão do seu mandatario, e precisa de uma

leve correcção, para que ninguem mais se fie na sua destreza. O senhor

tem aqui papel e tinteiro. Escreva ahi, com clareza e verdade, o

programma que lhe deu o bacharel Joaquim Antonio de Sampayo.

--V. s.ª quer-me perder!... eu sou empregado na intendencia...

--E receia perder o emprego? Homens do seu quilate não se deslocam por

tão pouco. O senhor é um homem necessario ao Estado, e hoje mais que

nunca ao ajudante da intendencia, porque é depositario de um segredo que

o infamaria muito. Ora ande lá; escreva. Como se chama? deixe-me ver o

visto do seu passaporte.

O miserando biltre tirou do bolso uma carteira, e estendeu o braço

tremulo a Mendonça, que proseguiu, relanceando um olhar ao passaporte, e

outro furtivo ao hospede:

--Escreva lá: \_Declaro eu Luiz José Godinho...\_

A penna não escreve?!

O pallido Godinho é que não escrevia; e, se picara o papel muitas vezes

com o bico da penna, fora o tremor do pulso.

O silencio de Mendonça, esperando a tarda resposta, dera tempo a Godinho

para meditar um lance dos que a desesperação suscitam, quando ha a optar

entre dois perigos certos.

Francisco Salter, senhor de si, e ainda mais do cobarde animo do homem,

não se arreceiava do impetuoso salto que elle deu fóra da cadeira,

lançando mão da grossa bengala.

--Deixe-me sair, quando não, atravesso-o com este estoque!--exclamou o

transfigurado Godinho, desembainhando o longo ferro, e apontando-o ao

ventre de Mendonça.

O que susteve o official de marinha firme no seu posto, foi mais o

espanto que a bravura.

--Então?--bradou o amanuense da policia, livido e tartamudo como se

fosse elle o ameaçado--Abre-me a porta, ou não abre? Olhe que eu passo-o

de um lado ao outro!

Francisco Salter afastara-se; Godinho correra á porta, vendo

desapparecer o adversario; rodara a chave com feliz exito; galgava o

corredor que o devia levar á escada; mas na extremidade d'esse corredor

havia uma porta que se abriu: Godinho estacou um momento diante de

Mendonça, recuou o braço armado para impellir uma estocada porém a ponta

de um faim a duas pollegadas do peito, restaurou-lhe o juizo prudencial,

que perdera, um instante. Restava-lhe um expediente, talvez o mais legal

e propicio de quantos tinha: gritou aqui de el-rei que o matavam, a

berros de possesso, tres vezes, sem tomar fôlego.

--Cala-te, miseravel, que ninguem te mata!--disse Mendonça.

A força accumulara-se-lhe nos pulmões: era um gritar de homem que

estrebuxa quasi esganado.

--Vae escrever o que me disseste, canalha, e depois retira-te em paz.

--Aqui de el-rei que me matam!

--Então salta d'aquella janella abaixo, e diz ao bacharel Sampayo que te

recompense a fractura das pernas!

--Aqui de el-rei que me matam!

Mendonça, repuxando-o pela gola da casaca, arrojou-o para a escada, e

assentou-lhe com o salto da bota um rijo impulso no costado. Godinho

galgou oito degraus com destreza de funambulo, mas do oitavo para baixo

faltou-lhe o equilibrio, e resvalou de costas até ao patamar. Ahi, quiz

erguer-se; mas os musculos intercostaes desobedeceram á velocidade do

espirito. O primeiro amanuense da intendencia soffrera desagradavel

reforma na disposição das costellas: sem embargo, Azais notaria ahi uma

nova compensação: as cordas vocaes augmentaram de rigidez; os aqui de

el-reis eram cada vez mais estridentes.

Os visinhos e passageiros acudiram em tropel. Godinho pedia que o

levantassem e conduzissem a casa do conde dos Arcos, de quem era

hospede.

Hospede do capitão-general!

Isto inquietou Mendonça e desenvolveu a inergia caridosa dos

circumstantes. Qual d'elles mais carinhoso e diligente em saber a

offensa para depôr contra o offensor, porfiavam em conduzil-o nos

braços. Godinho dizia apenas, comprimindo as costellas, rebeldes ao

arquejar doloroso do diaphragma, que puxava por ellas:

--Sejam muito boas testimunhas que o snr. Francisco Salter de Mendonça

me quiz matar, em sua propria casa!

Conduziram-o uns, e ficaram outros, em grupo, á porta de Mendonça, e

defronte das janellas, contando aos que passavam a tentativa de

assassinio perpetrada pelo official de marinha.

Luiz José Godinho trouxera da intendencia carta de apresentação ao conde

dos Arcos, e outras confidenciaes, sobre negocios do Estado. O

governador hospedara-o com distincção, julgando-o digno da hospedagem

pela confiança que apparentava merecer a Manique, e conhecimento, que

tinha, da causa mysteriosa por que Francisco Salter devia, a todo o

custo, ser retido no Rio de Janeiro, sob qualquer pretexto.

Uma hora depois d'este successo, cujas consequencias não surprenderam o

imprudente moço, o capitão da real brigada foi chamado á presença do

governador, e interrogado ácerca dos motivos que lhe dera Luiz José

Godinho para tamanha ferocidade, em sua propria casa, que deve ser asylo

sagrado até para inimigos, quando se é cavalheiro. Mendonça, enfadado

pelo ar supercilioso do interrogatorio, respondeu que fosse inquirido em

sua presença o offendido, que era essa a praxe da lei.

O governador espinhou-se, e mandou recolher á cadeia o official, para

ser entregue aos juizes do crime.

Francisco Salter de Mendonça não grangeara amigos nem protectores no Rio

de Janeiro. O seu viver fora intimo e só, fóra do serviço. Entretinha-o,

na soledade, a amargura.

A justiça ouviu com sobrecenho a defeza do joven official, e achou a

justificação inferior ao delicto. Godinho negava ter confessado o

embuste para que viera commissionado pelo ajudante do intendente geral

da policia. Os magistrados, porém, convictos de que o offendido era

pessoa bemquista de Manique, patrono de alguns, e amigo de outros,

negaram ao preso, em ultimo recurso, o direito de se defender de um

estoque.

Mendonça escreveu para o reino; mas Godinho voltara, são e correcto das

costellas, no paquebote em que vinham as cartas: quem as viu e queimou

foi o bacharel Sampayo.

A situação do amante de Carlota Angela era extremamente infeliz.

Ao cabo de quatro mezes de carcere, sem novas do reino, nem absolvição

da culpa, perdera o animo e a esperança.

Já lhe não era lenitivo o escrever no seu diario, porque a dor, ao

encadeiar-se na desesperação, seu derradeiro elo, quebrou no coração as

cordas onde soava o gemido.

Depois veio a furia, que contorce e despedaça, o impotente raivar contra

os homens e contra Deus, a tentação do suicidio, combatida pela imagem

de Carlota, mas de novo irritada, a cada navio que chegava, sem uma nova

d'ella.

Mendonça tinha um amigo. Era um escravo alugado que o servia, um negro

que lhe passava os alimentos, e chorava encostado aos ferros, porque não

sabia consolal-o.

Era o preto quem lhe trazia as cartas dos amigos do reino, ignorantes da

sua prisão, e implorava aos juizes a liberdade do preso; alcançando

apenas para si repellões desprezadores e, muitas vezes vergoadas de

chibata sobre as lagrimas.

O escravo offerecera-se a Mendonça para vir a Portugal com cartas. Esta

vinda seria uma fuga, porque o dono do preto, sem um deposito

equivalente ao valor da cousa, não consentiria a sua saida, e Mendonça,

desprovido de meios para a sua subsistencia, não podia garantir com

dinheiro a volta do escravo...

Conspirava tudo contra o desamparado moço. O proprietario do negro,

receioso de perder o aluguer, visto que Mendonça lhe não pagara um mez,

chamou a si o escravo. Francisco vendeu o que podia merecer o preço

mensal do seu unico amigo, e continuou a ver, perto de si, aquelles

olhos reluzentes de lagrimas, lagrimas que lhe faziam bem ao coração,

porque o mais desgraçado dos homens é o que não tem sequer por si o

olhar compadecido de um cão.

Entretanto o escravo ideiara o arrojo de vir a Portugal, fugindo.

Trabalhava na difficil execução d'essa traça, quando a escuna

\_Guerra-voador\_ chegou ao Rio de Janeiro com a nova de que o principe

regente saíra de Portugal para estabelecer a côrte n'aquelle porto.

Foi o escravo quem primeiro levou esta nova ao carcere.

Francisco Salter apertou a mão do negro e disse:

--Seremos ambos livres, meu amigo.

X

Não ha coração sem amor; ou seja a Deus ou seja ao mundo, ha de

amar quem tem coração.

Fr. Antonio das Chagas. (\_Obras espirituaes.\_)

Vêde agora se ainda persistis em vossa pretenção, porque, se este

modo de viver vos não contentar, tendes liberdade para ficardes no

estado em que até agora vivestes.

(\_Ceremonial da congregação dos monges negros.\_)

E Carlota Angela?

Não dorme ainda o suspirado somno da morte sob a lagem humilde do

claustro. Vive a vida que faz compaixão, e, nas pessoas que amam, excita

o piedoso desejo de a verem alar-se para um mundo melhor.

Creram-a moribunda em frequentes accessos: Rufina, Dorothea, e todas as

religiosas de S. Bento lhe deram o beijo da despedida, na face

cadaverica, muitas vezes. Se, por instantes, tibio clarão de vida lhe

retingia o rosto, é que a labareda da febre ahi vinha emprestar-lhe uma

reanimação convulsa, á qual succedia o esvaîmento, com o suor frio do

traspasse.

As orações eram contínuas. A communidade ia do quarto de Carlota para o

côro, e do côro tornava ao quarto em ancias e esperanças que o fervor da

oração lhe dera.

De uma vez, encontraram-a tranquilla, risonha e desopprimida. Uma a uma,

Carlota chamou-as á beira do leito, apertando-lhes a mão, e murmurando

uma palavra inintelligivel.

Ás que choravam pedia que a não lastimassem, porque ella estava

consolada com a esperança de descansar. Ás mais idosas, e veneraveis por

sua santa vida, supplicava que a protegessem com os seus merecimentos,

pedindo ao Senhor que lhe descontasse nas da outra as penas d'esta vida.

Perguntava pela mãe, mas, se lhe fallavam do pae, se lhe diziam que elle

vinha todos os dias saber d'ella, Carlota franzia a testa, e dava sustos

de crescimento febril.

Soror Rufina esperava que ella lhe fallasse de Francisco Salter;

Dorothea, a carinhosa noviça, aventurava algumas palavras allusivas;

Carlota, porém, nunca permittiu á primeira, com o seu silencio, proferir

tal nome; e á segunda, debulhando-se em lagrimas, fazia com a mão um

signal de não poder ouvil-a.

Uma tarde, as duas meninas passeiavam no pomar: era a primeira vez que a

filha de Norberto de Meirelles saía do seu quarto.

--Quando professas tu, menina?--disse Carlota.

--D'aqui a tres mezes.

--Já? Vens a ser freira, mais velha do que eu nove mezes; mas ainda

temos tres mezes de companheiras de noviciado.

--Pois queres professar, Carlota?!

--Quero, Dorothea, quero; se me não valesse essa esperança, estava

morta. Já agora, o que me resta n'este mundo é o bem de me julgar perto

de outro: d'aqui até lá, quero estar vestida com a minha mortalha,

pedindo ao Senhor que... dê o céo...

Carlota, entalada por subitos soluços, não proseguiu.

--Diz, minha amiga... tu não me dizes tudo--acudiu Dorothea, abraçando-a

com estremecido amor--ias fallar n'elle?... por que foges de me dizer

que ainda o amas no céo?!

--Fugia de t'o dizer, Dorothea, porque o teu coração não póde avaliar

que amor era este que perdôa a um ingrato, e daria a vida para o

restituir ao amor de outra infeliz que o amou e o perdeu como eu o amei

e perdi. Mais desgraçada que eu ha uma só pessoa: é a mulher que o

adorava; e mais desgraçado que ella e que eu, é elle, o infeliz, a quem

tão pouco tempo o Senhor deixou gosar a mulher que o mereceu mais digna

do que eu fui, e não teria, talvez, um pae que a aviltasse aos olhos

d'elle.

--Como o teu coração é bom, Carlota!

--Bom? quem sabe! desgraçado, sim, ou diz antes, Dorothea, que já não é

coração; só sinto a minha alma, só sinto este desejo do céo; recordo

quanto amei, quanto soffri, e tudo aceito, e o mais que soffrer, com o

contentamento de uma penitente.

--Pois verás que ainda havemos de ter dias de alegria, Carlota!

Adopta-me como tua irmã; viveremos tão queridas e juntas, fallaremos

tanto do que sentirmos triste ou agradavel, que chegaremos a gosar a

existencia...

--Não penses isso, minha amiga... Eu não quero dar-te quinhão das minhas

amarguras. O meu curto viver ha de ser muito oppressivo para as pessoas

que me estimarem. Muitas vezes te fugirei, porque o chorar de uma

infeliz, como eu, precisa ser desafogado, sósinho, e aos pés de Deus.

Alegria? jámais, jámais, Dorothea... Bemdito seja o Senhor, que me dá

esta casa para acostumar a minha alma a adoral-o, e me deu aqui exemplos

de virtude, sem os quaes, fóra do convento, tinha-me tirado a vida n'um

d'aquelles frenesis de que tremo com a lembrança.

Estas palavras foram ditas com serena melancolia; porém decorrido breve

intervallo de silencio, Carlota rompeu em gemidos, lançando-se ao seio

de Dorothea.

--Que tens, Carlota? Ainda agora estavas tão socegada!...

--O que em cinco mezes se tem passado!--soluçou ella--Morto! é possivel

que elle já não viva!... que eu esteja aqui, eu, meu Deus, eu que o

adorava até á perdição! e pôde elle abandonar-me, esquecer-se da pobre

Carlota! Isto não póde ser, Dorothea!... eu nunca o vi morto nos meus

delirios, nunca, nunca o vi senão como na ultima vez que lhe fallei,

jurando-me um amor eterno... Será isto uma falsidade? Será meu pae que

prefere matar-me!? Diz, Dorothea, não te parece muito possivel esta

crueldade!

--Póde ser, Carlota!... quem sabe?! Olha, filha, tudo se ha de saber com

o tempo... Tem esperança, sim?

--Nenhuma!--replicou ella, caíndo da instantanea exaltação--não tenho

esperança nenhuma! Se elle vivesse escrevia-me. É certo, é horrivelmente

certo que não vive, que me desamparou, que foi castigado com a morte por

ter assassinado uma amiga que se perderia por elle... Está tudo acabado,

tudo, meu Deus, menos este peso de vida com que já não posso...

Carlota Angela recolheu-se taciturna ao seu quarto, e escreveu a sua mãe

uma breve carta, em que lhe pedia o consentimento de seus paes, e as

licenças necessarias para entrar no noviciado.

D. Rosalia quiz procurar Carlota; Norberto de Meirelles, receiando que

sua mulher deixasse escapar algum ligeiro indicio de viver Francisco

Salter, encarregou-se da resposta. Estas suspeitas fundavam-se nas

querelas continuadas em que andavam, por causa de Carlota. D. Rosalia,

algumas vezes, reprovara o zelo de seu irmão, e dureza do marido,

mórmente depois que a freira lhe vaticinara a morte de Carlota.

Norberto, escarnecendo, com lerdo desdem, o prognostico, impunha

grosseiramente a D. Rosalia o calar-se, até ver em que paravam os taes

fanicos da rapariga.

Depois, porém, que a viu convalescer, o arrozeiro chasqueava os

vaticinios da cunhada, e aceitava de melhor vontade a proposta da filha,

na esperança de a curar da loucura, durante o anno do noviciado, com os

recursos que o cunhado doutor promettia espiritar-lhe, consoante o

andamento do tempo, bom para tudo.

Antes, porém, de diligenciar o contracto do noviciado para a filha,

Norberto de Meirelles mandou-a chamar, e Carlota, admoestada brandamente

por soror Rufina, obedeceu.

--Vamos a ver, menina, que mania é essa de seres freira?--disse elle.

--Isto não é mania, meu pae, é aceitar com reconhecimento a consolação

unica, e a melhor que Deus me dá n'este mundo, com esperanças de outro

melhor.

--Beatices que te metteu na cabeça tua tia... Deixa-te d'isso, Carlota;

o convento é para quem é. Nunca te vi inclinação para este modo de

vida...

--A religião não é modo de vida, meu pae, é regra de vida.

--Não me dês sentenças, menina. Eu bem sei o que digo. Olha que isto

aqui é para sempre. Se professares, não tens remedio, ainda que te

arrependas; é d'aqui p'ra Christo.

--Pois d'aqui para Christo é que eu quero ir, meu pae. Saiba que é

inutil contradizer-me. A força que eu sinto em mim para ser freira é

invencivel. Não me tolha a alegria, se é alegria este santo desejo de

vestir o habito. Os obstaculos podem mortificar-me, mas não mudam o meu

proposito. É escusado embaraçar-me. Offereci-me ao Senhor, quando cuidei

de morrer de dor, pedindo-lhe allivios; senti-os, o Senhor apiedou-se de

mim; é que a misericordia divina me aceita do modo que eu mais digna me

posso fazer de morrer em paz.

--Isto passa-te, Carlota. Como tens de ser noviça um anno, veremos como

se te reviram as ideias.

--Pois sim, meu pae; se eu me não achar com forças de servir a Deus,

dir-lh'o-hei, e sairei do convento.

--É o mais certo, e verás como te ha de parecer bom isto cá de fóra. Tu

és bonita, és rica, és prendada, podes casar...

--Meu pae! por quem é não continue...

--Então que tem isso? Já cá te disseram que o casar é crime? Boa vae

ella! Ainda ha seis mezes que estavas n'outras ideias...

--Se o pae faz gosto em atormentar-me, diga o que lhe parecer, que eu

escuto-o; mas se me tornar a procurar, eu não venho aqui...

--Isso é modo de fallar a teu pae, Carlota! Cá dentro ensina-se a dizer

isso a quem te creou, e trabalha para ti ha trinta annos? Cuidadinho

commigo, menina! Eu tanto tenho de bom como de mau. Se tua tia cuida que

eu sou um mono de palha, engana-se...

--Que mal lhe fez minha tia?

--Que me fez?! Encheu-te essa cabeça de teias de aranha, lá com as suas

arengas do beaterio, e deu-te auso a responderes com poderio a teu pae!

--Eu não o offendi...--atalhou ella, chorando--Pedi-lhe que não fizesse

sangrar uma ferida de que estive á morte... Quem for meu amigo, ha de

querer que eu ache allivio em alguma cousa; se a religião m'o dá,

deixem-me ser freira, e não me fallem em casamentos impossiveis. Ora

aqui está o que eu supplico a meu pae; se isto o offende, perdôe-me; e

se é offendel-o não vir á grade para ouvir palavras que me amarguram,

virei todas as vezes que o pae quizer.

--Está bom; basta de chorar. Vae-se tratar dos arranjos para o teu

noviciado. Deus lhe ponha a virtude, e te guie para o que for melhor. Eu

ainda espero ter-te commigo, alegre e folgazã como eras antes de

conhecer esse homem que...

--Meu pae!

Carlota Angela erguera-se sobresaltada, e Norberto estacou, sopeando a

ira que lhe espertara a vehemencia, um pouco soberba, da filha. A ira

degenerou em um sorriso, cuja versão não acho no meu elucidario de

sorrisos sandios.

O arrozeiro, receioso de \_esbarrondar-se\_, como elle depois dizia a D.

Rosalia, saiu da grade, onde a filha permaneceu longo tempo enxugando as

lagrimas, para simular socegado o semblante.

Um mez depois, entrava Carlota Angela, com a mestra de noviças e a

cantora, no côro, onde se reunira a communidade.

A dona abbadessa empunhando o bago, insignia magestosa da prelazia,

estava no tôpo das duas alas de religiosas, solemnes e magnificas com

suas roçagantes cogúlas. O clarão tremente dos cirios banhava o recinto

de baço esplendor e sombras magestosas.

A tres passos distantes da prelada, que lhe sorria com maternal caricia,

Carlota prostrou-se com a face em; terra.

A humildade com que fizera a reverencia, o subito rompimento das

lagrimas, que a noviça não podera represar, a voz compungida da prelada,

proferindo o \_quid petis\_, e o soluço tremido de Carlota, respondendo

\_misericordiam\_... «a misericordia de Deus e a vossa», a terrivel

magestade do silencio, durante as genuflexões da noviça; todos estes

actos, impressivos de religiosa melancolia, tocaram o coração das

religiosas a ponto de correrem lagrimas por todas as faces, no momento

em que a prelada, commovida como todas, disse a Carlota, ainda ajoelhada

ante si: \_Surge\_, «levanta-te».

A noviça voltou-se com as duas religiosas para o altar-mór, enxugou as

lagrimas emquanto fazia as reverencias do ceremonial, ajoelhou de novo

aos pés da prelada, que proferiu uma breve pratica ácerca das

gravissimas obrigações que a noviça contrahia com o promettido esposo.

Carlota ouviu-a com as mãos erguidas, sem levantar os olhos para o rosto

venerando da abbadessa, onde a graça, ternura e o sorriso da bondade

eram um como suave encarecimento ás virtudes que aconselhava, e estimulo

para merecer no céo o galardão de as praticar.

Carlota lançou de si o sumptuoso vestido, e os enfeites da cabeça. Longa

e farta trança de cabellos negros se desenrolou até á cintura. Uma

freira tomou a tesoura, e de dois golpes lhe cerceou a trança, que depôz

em uma bandeja. A mestra de noviças cingiu-lhe a touca branca, e a

prelada lançou-lhe aos hombros o habito ou mantilha. Carlota, durante

este acto, parecia não sentir, não perceber a profunda e dolorosissima

significação que elle deve ter para a mulher expulsa dos prazeres do

mundo, onde todas as suas esperanças foram cruelmente desmentidas.

Estavam de joelhos todas as religiosas, ella, entre a mestra e a

prelada. As cantoras entoaram o hymno: \_Veni, creator spiritus\_. Era um

canto melancolico acompanhado a orgão; um mystico e lagrimoso offertorio

da alma atribulada ao supremo consolador das angustias. Cantada a

primeira estrophe, ergueram-se todas, excepto a noviça. Seguiram-se os

versiculos e orações entoadas no côro e no altar-mór. A mestra de

noviciado dissera a Carlota que se levantasse, terminada a ceremonia; a

noviça, porém, continuava ajoelhada com as mãos entrelaçadas sobre o

peito. Recommendaram-lhe de novo que se erguesse, vendo que ella

estremecia, como se já não podesse sustentar a violencia da posição.

Carlota não se erguia, até que lhe deram a mão, e encontraram frias de

neve as d'ella. Fizeram vão esforço para levantal-a, algumas freiras que

a rodearam. Carlota não respondia, apenas respirava; quiz obedecer ao

impulso que lhe davam para erguer-se, mas á pallidez, ao turvamento da

vista, seguiu-se o desmaio.

Soror Rufina, Dorothea, e as outras ergueram o alarido do susto. Na

igreja estava a mãe de Carlota, escondida na sua mantilha, chorando,

recitando Padre-nossos machinalmente, e promettendo a Deus confessar-se

da sua culpa, se era culpa ter occultado a sua filha o engano que o tio

doutor lhe urdira, arranjado com o pae.

Quando, porém, os ais do côro chegaram aos seus ouvidos, com as

exclamações afflictas de Rufina, D. Rosalia saíu da teia de um altar,

veio ás grades do côro de baixo, e rompeu em brados desentoados,

chamando a filha. O capellão-mór, vestido de sobrepeliz, estola e

pluvial, veio lembrar á lamuriante senhora, que a sua gritaria não era

propria da casa de Deus. D. Rosalia replicou, menos commedida, que

queria cá fóra sua filha, viva ou morta. E n'esta altercação estiveram

ella e os capellães, recreando uns e fazendo chorar outros dos

circumstantes, até que soror Rufina e outras freiras vieram á grade do

côro aquietar a mãe de Carlota, dizendo-lhe que o incommodo fôra um

passageiro desmaio.

E assim fora, felizmente.

Carlota voltou a si, quando a mãe gritava. Os brados fizeram-a sair do

côro vacillante e alvoroçada. Quizeram encaminhal-a á cella; mas Carlota

sabia que era costume ir a noviça, finalisada a ceremonia, visitar as

doentes.

Foi; e ás mais enfermas pedia que, se o Senhor as chamasse brevemente,

rogassem a Deus que a levasse para si.

XI

Pois ainda não ouvistes de seu valor o maior encomio.

José de Sousa (o cego). (\_Obras posthumas.\_)

Vereis amor da patria... etc.

Camões. (\_Lusiadas.\_)

Junot, a marchas forçadas, esperançoso ainda de obstar á saida da

familia real, ia sobre Lisboa. A regencia desnorteou com a imbecilidade

rara de que era dotada; a classe média, presumindo a tyrannia proxima,

ainda quiz debalde oppôr um dique á invasão; mas a populaça, sedenta de

anarchia, onde sevar temporariamente os vis instinctos, remoinhava,

alegre e enthusiastica, rugindo como o tigre que fareja o sangue.

Joaquim Antonio de Sampayo foi, n'essa época, a preexistencia dos

grandes homens, das summidades estadistas dos ultimos vinte annos.

Avaliando quanto difficil seria acertar com o caminho seguro na

encruzilhada das perspectivas politicas, não preferiu algum, e

aceitou-os todos como conducentes á prosperidade, quando a fortuna,

filha da velhacaria, vem, de puro namorada, emendar as asneiras do seu

predilecto.

Sampayo lamentava com Manique o desamparo em que ficara o reino pela

impolitica e precipitada fuga do principe regente. Incriminava com os

fidalgos a cobardia de similhante desaire para o paiz dos Pachecos e

Albuquerques. Ouvia com acquiescencia os murmurios da nobreza contra a

dynastia bragantina, murmurios timidos, que mais tarde se formularam

n'uma vilipendiosa petição, requerendo ao usurpador um rei da sua

escolha, e nomeadamente o general Junot, que comprara consciencias tão

degeneradas como a do conde da Ega, e do bispo do Porto, Antonio.

Com a classe média, Sampayo bociferava contra os francezes, e promettia

sacrificar nas hecatombas da patria a sua ultima pinga de nobre,

generoso e patriotico sangue. Todavia, exhausto o fôlego das imprecações

retumbantes, e accendida a flamma do heroismo nos peitos burguezes que

se apinhavam nas praças, Sampayo, passando da iracundia ao reflectido

exame das circumstancias, dizia que a sublevação popular seria um

desatino sem proveito, um sacrificio de vidas e fazendas intempestivo e

inglorio para as quinas lusitanas. Sobre isto, vinham os conselhos de

homem que privava no segredo dos destinos de Portugal, conselhos de

paciencia, de resignação, e, mais que tudo, de maxima prudencia na

entrada de Junot.

Relacionado com a plebe, em razão do seu ministerio na intendencia geral

da policia, o antigo advogado da rua de Santa Catharina insinuava-se nos

grupos desordeiros e respondia com impertigamento de oraculo ás

perguntas desconchavadas que lhe faziam. Napoleão, dizia elle que não

era o impio que se dizia. Napoleão, e os seus generaes, não saqueavam as

igrejas, nem arrombavam as portas dos conventos de freiras, nem

violentavam a virtude das donzellas, nem attentavam contra a liberdade

do povo. Pelo contrario--continuava elle, baixando cada vez mais a voz,

e relanceando o olho observador por sobre as physionomias suspeitas que

chegavam de novo--pelo contrario, Napoleão queria mudar a face das

cousas em favor das classes opprimidas, chamando o povo á partilha dos

regalos e direitos que a classe nobre lhes viera usurpando pouco e pouco

através dos seculos. Dito isto, o povo rompia em vivas a Napoleão, e

acclamava general o doutor Sampayo, que se esgueirava surrateiramente

pela primeira brecha que a agitação lhe proporcionasse.

D'alli, ia á intendencia dizer a Manique o fermento que azedava os

rasteiros instinctos da canalha. Alvitrava o emprego da força armada

para dispersar os bandos, com prudencia; e, compungido de patriotica

lastima, deplorava o indiscreto arbitrio dos palacianos que aconselharam

ao principe uma fuga tão calamitosa no instante em que o prestigio da

nacionalidade estava na presença do soberano.

Fora nomeada uma deputação para cumprimentar Junot. Além dos

expressamente enviados pela regencia, Joaquim Antonio de Sampayo

associou-se na deputação com alguns particulares, que se davam pressa em

depôr aos pés do invasor a porção infame do paiz que elles

representavam.

O ajudante do intendente arremedava a lingua franceza, e fazia-se

entender melhor que o deputado da regencia, o tenente-general Martinho

de Sousa e Albuquerque.

Junot, em Sacavem, chamou Sampayo a uma conferencia particular, e

informou-se de cousas que a deputação não elucidava por astucia, ou por

ignorancia da lingua. O certo é que o general francez, maravilhado do

bonapartista, ou da torpeza do informador, julgou-o necessario,

agradeceu-lhe com um aperto de mão os serviços prestados ao reformador

da Europa, e prometteu-lhe acrescental-o, quanto em si coubesse, em

honras e fazenda.

Chegados a Lisboa, as proclamações que circulavam entre a populaça eram

de Sampayo. N'ellas se aquietava o espirito publico, dizendo-se que o

excellentissimo senhor Andoche Junot, heroe de Toulon e de Nazareth, era

o emissario da paz, da ordem, e da prosperidade portugueza; que a

propriedade era sagrada para o exercito do imperador da França; que a

virtude das virgens, e das menos suspeitas d'esse respeitavel estado,

era inviolavel; que ninguem fugisse de suas casas, nem viesse para a rua

fazer assuadas, algazarras, ou outras que taes manifestações de desordem

e descontentamento.

O bacharel Sampayo ajudara, na vespera do embarque da familia real, a

encaixotar as pratas da patriarchal, que deviam acompanhar os reaes

emigrados. A celeridade, porém, do embarque, fez que os quatorze carros

de preciosos objectos ficassem no caes de Belem, e voltassem, com grande

jubilo do cabido, a serem armazenados na sacristia da igreja. Sampayo,

emquanto se encaixavam as riquissimas bandejas, castiçaes, corôas,

lampadas, etc., resistira heroicamente aos assaltos da ladroice, que lhe

estavam segredando o modo de empalmar algumas peças miudas de

preciosissimo trabalho. Pôde sopear a tentação; mas não via, sem grande

mágoa, confiar-se aos caprichos do oceano uma carga tão valiosa. Um tal

ou qual allivio o desopprimiu da sua pena, quando viu ficarem em terra

os carros, e voltarem depois a despejarem a prata sob o tecto protector

da sua igreja. Sampayo, a proposito d'isso, asseverou ás freiras de

Santa Anna, onde almoçava todos os dias, que andava alli milagre

n'aquella reconducção! Não acreditava elle, porém, que o milagre fosse

perfeito e averiguado, emquanto um bom quinhão d'aquella prata não

entrasse em casa d'elle. Convencido do «trabalha, que eu te ajudarei», o

bacharel concorreu quanto em si cabia para que o milagre se completasse.

O processo não deixa de ser engenhoso: «engenho» é a palavra com que a

civilisação, ainda então embryonaria, substituiu a palavra «ladroeira»

dos costumes, das biographias, e das acções humanas, que, por força do

progresso, hão de ir perdendo a nomenclatura aspera e illogica que lhe

davam os gothicos moralistas de carcomida memoria.

O engenhoso Sampayo (diga-se assim de um homem que merece o respeito que

se presta aos contemporaneos, apesar do seu atrazo de meio seculo), o

engenhoso bacharel pediu uma audiencia particular a Junot, e

denunciou-lhe a existencia de quarenta caixões de prata na igreja

patriarchal.

Junot chamou seu cunhado, que por signal se chamava Jufre, e

commetteu-lhe o encargo de sequestrar a prata, associado ao serviçal e

benemerito denunciante.

Os dois, com alguns operarios de confiança de Sampayo, entraram na

igreja, fecharam-se cautelosamente, e arrombaram os caixões, excepto

dois, que não foram inventariados, ou o denunciante se encarregou de os

inventariar em sua casa, para onde foram transportados, ao escurecer.

Completou-se d'esta arte o milagre, que Sampayo, em beatifico extasi,

agradeceu toda a noite, contemplando uma a uma as formosas e corpulentas

peças que tencionava fundir em baixella de seu serviço, quando melhores

dias de ordem e tranquillidade fossem concedidos ao desgraçado Portugal,

que elle continuava a prantear com as freirinhas de Santa Anna.

Dera-se, entretanto, o costumado reviramento na opinião da plebe.

Junot não sabia, não podia, nem devia esconder as suas intenções

usurpadoras.

A bandeira franceza fora arvorada no castello de S. Jorge. As armas

reaes do arsenal foram picadas. Do parapeito do seu camarote abaixo,

Junot desenrolara as aguias vencedoras. As costas populares, n'uma

desordem do Terreiro do Paço, tinham sido apalpadas pelas cronhas

francezas. Nove portuguezes tinham sido espingardeados nas Caldas.

Dissolvida, em summa, a regencia, fora inaugurado o governo de Napoleão.

A populaça, portanto, bramia, e sobretudo, porque a sua força era nulla,

o seu poder desprezado, a sua fome e sêde cada vez mais insaciavel pela

careza dos generos. Havia um só meio de entreter-lhe as sanhas, ou

captar-lhe as sympathias: era quebrar os poucos esteios da ordem,

defendidos ainda pelas armas francezas, era facilitar o saque por meio

da anarchia.

A plebe, quando lobrigava Sampayo, cercava-o, pedindo-lhe conta das

promessas que elle fizera. O expedito bacharel desfazia-se dos

importunos, recommendando-lhes paciencia, e esperança nos serenos dias

que se haviam de seguir á crise indispensavel n'uma instituição de

principios novos, creada expressamente para o bem geral.

O povo ouvia-o com escarneo, e apupava-o, quando elle abria com os

hombros passagem para escapar-se.

Uma vez, porém, passava o bacharel na rua da Amendoeira, onde, por esses

tempos, se arruava a escoria das meretrizes, e se abandoavam os

condignos hospedes. Conheceram-o, e fizeram-lhe assuada.

Um gaiato de maus figados, instigado pela celeuma, saltou ao costado do

bacharel, e enterrou-lhe, com retumbante penantada, o chapéo até aos

queixos. A gargalhada publica victoriou o garoto, incitando-o a maiores

emprezas, e aguçando o estimulo dos emulos. Outro gaiato, cioso dos

applausos, capeava-o pela frente com um lenço vermelho de uma meretriz,

emquanto um terceiro, um quarto e um quinto lhe achatavam o chapéo, que

já não podia restaurar o antigo prumo. Uma alcouceira lançava-lhe ao

tiracollo uma restea esbrugada de alhos, emquanto outra lhe mettia na

portinhola da casaca, uma couve lombarda. Esta por um tubo de lata lhe

assoprava feijões á cara, emquanto outra lhe pendurava um rabo-leva de

papel na casaca, ou lhe esguichava fetidas aspersões com a seringa

carnavalesca.

Sampayo gritava por soccorro. Alguns soldados portuguezes e hespanhoes,

que por alli estanciavam, mantinham a neutralidade, ou riam á socapa do

infeliz gêbo. O bacharel, vendo passar uma guarda de soldados francezes,

bradou ao commandante, dizendo-lhe em francez que era victima da

canalha, porque adorava Napoleão.

O francez varejou com a espada as costas dos gaiatos; porém, as

rameiras, o povo, os gaiatos, animados pelos soldados portuguezes e

hespanhoes, fizeram menção de apedrejar os francezes. Travou-se uma

sanguinolenta desordem, á qual Sampayo deveu a evasiva.

A cólera não lhe deu respiro, até entrar no palacio de Junot. Queixou-se

amargamente, dizendo que os amigos da França eram as primeiras victimas

dos inimigos do imperador, n'um paiz de que Junot brevemente seria o

monarcha.

O governador de Portugal enviou Sampayo ao intendente geral da policia

Lagarde, com especial recommendação, e poderes discricionarios.

Dos soldados portuguezes, alguns foram lançados na enxovia, outros

deportados, e as meretrizes da rua da Amendoeira, rua Suja, e

immediatas, depois de rapadas á navalha, e vergastadas no pateo da

intendencia, foram desterradas para o Alemtejo.

Parece-nos opportuna n'este logar essa pagina ridicula da biographia de

um homem, que merecia ter mais ampla chronica, em vista do tragico

desfecho que no proximo capitulo se dirá.

XII

Nous en avons les preuves irrécusables sous nos propres yeux.

Volney. (\_Leçons d'Histoire.\_)

Eis-aqui como o diabo os leva para o inferno sem appellação nem

aggravo.

S. S. da S. e Silva. (\_Governo do mundo em secco.\_)

Junot recebera do imperador a graça de duque de Abrantes. Felicitaram-o

as corporações civis e militares, e muitos particulares da alta nobreza,

mercancia que o francez fizera sem blandicias nem razões de Estado

persuasivas. A consciencia d'estes miseraveis transigira com o renegar

tradições, nome, patria, pudor, e honra, logo que as palavras

«contribuição e confisco» os ameaçou de expiarem na dureza das nobres

privações a repleção estomacal de seculos. O conde da Ega, Ayres de

Saldanha, o bispo do Porto, o principal Miranda, e outros que mais

avultam na veniaga torpe, são uma parcella no rebanho das ovelhas

tinhosas, immoladas na sua dignidade aos pés do soldado aventureiro, que

lhes cuspira na cara o preço das almas, e nas quinas portuguezas a

affronta d'elles.

Emquanto estes, envilecidos como nunca fora nação usurpada, pediam a

Napoleão um rei francez, e nomeadamente Junot I para a terra de D. João

I e D. Manoel; emquanto os fidalgos de sangue phenicio, carthaginez,

suevo e godo, sem mescla do judaico, requeriam a Junot os empregos

desamparados por outros fidalgos, que acompanharam o regente para o

Brazil, aterrados de pavor, e, como elle, acocorados ao pé das velhas

açafatas de D. Maria I; quem eram os portuguezes de consciencia e

esforço n'esta nação desmembrada, n'esta metropole de tamanha parte do

mundo, offerecida pelos netos dos que a conquistaram a um soldado

francez?

Alguns ergueram a fronte, sem o ferrete da venda, por entre a turba dos

nobres, que a devassidão herdada enfraquecera e deixara caír no tremedal

d'onde o historiador severo ha de buscal-os para os inscrever no livro

dos paroxismos vergonhosos da raça de piratas, que pouco tempo logrou o

fructo dos seus flagicios.

Esses, que levantaram o rosto sem mancha, para saudar no throno

reerguido o degenerado neto do Mestre da Aviz, eram uma classe menos

timida que a do vulgacho, a mais quieta na sua obscuridade, a que fora,

nos dois ultimos seculos, pouco e pouco espoliada dos seus antigos fóros

municipaes, a classe média, emfim, cuja importancia na cidade

delimitava-se a engrossar a veia da thesouro.

Foram esses homens, robustos de seiva e espiritos nacionaes, os unicos

que se concatenaram em reacção, surda e tenacissima na oppressão, contra

os tyrannos; foram esses os tributarios liberaes de fazenda e sangue á

restauração duvidosa do throno, que lhes pediu, depois, com que reparar

o antigo fausto; foram, para tudo dizer de um traço, foram elles os que

nunca esmoreceram no resgate da terra captiva do Encelado, que quizera

abarcar o mundo entre as duas extremidades da sua espada invencivel,

salpicada com o sangue de nações poderosas.

O bacharel Joaquim Antonio de Sampayo (é de quem o leitor supercilioso

quer que se lhe falle, e da melhor vontade me dispensa de reflexões

impertinentes, que me manda pôr de conserva para quando escrever um

livro serio, grave, e reflectido, que ninguem ha de comprar): o bacharel

Joaquim Antonio de Sampayo vestiu-se á côrte, de chapéo armado, espadim,

meia de seda, e fivelas de prata. Disseram que estas fivelas tinham

pertencido a um santo da patriarchal: isto parece-nos calumnia.

Folheamos, e esgaravatamos o agiologio europeu, e não deparamos santo

contemporaneo das fivelas. O historiador veridico rejeita, como Tacito

na biographia dos grandes scelerados de Roma, as toardas de phantasia

para infamar caracteres onde sobejam crimes provados para a execração

universal. Desculpem a intumecencia do estylo, que a materia não é tanto

de sóco, como á primeira vista parece.

O duque de Abrantes recebeu affavelmente o bacharel, e, na presença dos

fidalgos, que estendiam já a mão soberba ao ajudante do ex-intendente

Manique, entregou-lhe a nomeação de juiz para um tribunal especial

militar, creado no Porto por decreto de 9 de maio de 1808.

O fim ostensivo d'esta alçada era punir os perturbadores da segurança

publica, nos variados delictos que a legislação do reino não previra.

A sentença d'este tribunal era executada no praso de vinte e quatro

horas, sem revista ou appellação.

O bacharel agradecido caiu de joelhos aos pés do duque de Abrantes, que

se dignou levantal-o pela gola da casaca; os copos do faim, porém,

travando-se na fivela do calção, rasgaram-lhe a meia na barriga da

perna, abrindo fenda por onde regorgitou uma almofada supplementar á

tibia descarnada e cortante do atravancado palerma. Riu Junot, e os

fidalgos riram tambem. Sampayo, ligeiramente corrido, arrancou o musculo

de algodão, escorchou-o entre a mão nervuda, e pediu licença para ir

remediar os estragos do espadim, que, no dizer mansinho do conde da Ega

ao fidalgo immediato, só nas pernas postiças do seu dono faria tamanho

estrago.

O juiz do tribunal militar partiu, no dia immediato, para o Porto, onde

era preciso refrear os animos indomados dos portuenses.

Norberto de Meirelles contou de novo a seu cunhado o já dito em longa

carta, que Sampayo não lera, ácerca do noviciado de Carlota.

--Tudo se ha de remediar, que temos muito tempo--disse o bacharel.--Em

ultimo caso, nunca ella ha de alcançar licença regia para a profissão.

Agora, do que se trata, é de me pôres a bom recado estes dois caixões de

prata, que me foram confiados por um meu amigo que emigrou com o

principe para o Brazil. Cuidado com isso, que estão ahi alguns contos de

réis, e eu fiz responsavel a minha honra á entrega d'estes caixões, logo

que o meu amigo volte com o favor de uma amnistia, que trato de lhe

alcançar do meu particularissimo amigo duque de Abrantes.

--E que me diz o doutor a respeito do snr. Junot?--disse Norberto de

Meirelles--Pelos modos, ouvi dizer que elle já está despachado rei de

Portugal!

--Isso tem seus fundamentos, cunhado. Eu e os meus amigos conde da Ega e

Ayres de Saldanha trabalhamos para a sua acclamação.

--Então o cunhado é amigo d'esses governos lá da côrte? Com effeito

sempre lhe digo que o que o doutor não fizer, não o faz o deanho.

Aquella de fazer ir o pintalegrete pela barra fóra, custou carita, mas

fez-se... Andou por oito mil cruzados que eu lhe mandei, doutor!

--E acha muito? Não foi o seu dinheiro que fez o milagre, foi a minha

influencia. Não sei se sabe que Francisco Salter de Mendonça mexia na

côrte os pausinhos, e esteve por um triz a passar por cima do seu

dinheiro e da minha influencia, e vir ao Porto tirar Carlota

judicialmente!...

--Eu o arrenego! Se o berzabum morresse por lá, grande cousa era! Estou

a arreceiar que elle volte antes d'ella professar.

--Não receie, Norberto. O principe não volta mais a Portugal, e o tal

marinha cá estou eu para lhe tolher o desembarque. Cartas d'elle, está

tudo prevenido para que não chegue alguma ás mãos de Carlota, e a esta

hora está elle convencido de que ella casou.

--Homem, essa!... ó doutor, dou-lhe a minha palavra que estou pasmado da

sua agencia! O cunhado é capaz de fazer com que ella esqueça o homem, e

torne para a minha companhia! Faça isso, que lhe dou uma mula arreiada

de novo para o cunhado dar os seus passeios ao Candal.

--Nada de susto, mano. Vossê não sabe o que são mulheres. A rapariga tem

venêtas e caprichos; o acertado é deixal-a barafustar, e ella virá cá

ter ao caminho das outras. De paixão ninguem morre; e, no convento, isso

então digo-lhe eu que nunca se viu. Mulheres juntas dão tanto aos

taramelos em cousas de amor, que lançam o amor pela bôca fóra, em logar

dos figados. Deixe-a lá estar á vontade, e dê-lhe a entender que o seu

maior gosto n'este mundo é vel-a freira. Nada de contradizel-a. Mulheres

e creanças amuadas é deixal-as renhir. Se vossês começam a carpil-a,

então não fico pelo resto.

--Então o doutor não vae lá tirar-lhe a tolice do miolo?!

--Não, senhor, não vou, é escusado lá ir, e se for é para lhe dizer que

muito me agrada a sua resolução, e, ao mesmo tempo, elogiar com finura a

liberdade do mundo, e pintar-lhe com côres tristes o jugo do convento.

Assim é que se levam as mulheres, snr. Norberto, e, se ellas teem a

soberba de Carlota, então nada de disputar. A astucia manda dizer com

ellas, até as fazer passar á contradicção, porque a harmonia é

impossivel em indoles orgulhosas.

--Oh doutor! o senhor tem uma labia que revira a gente! Homem, eu estou

a dar-lhe razão! Parece-me que o melhor é isso! Está dito! deixemol-a lá

com a mania, e diga-se-lhe que faz muito bem. Vou dizer tudo isso á

minha Rosalia; mas, antes que me esqueça, cunhado, esta cousa de governo

está segura?

--Segurissima.

--É que eu tenho alguns valores, que queria acautelar para o que désse e

viesse.

--Não tenha susto; mas tanto faz ter o seu dinheiro na burra, como

debaixo da terra. Sabe o que ha de fazer? Pegue no seu dinheiro, e nos

meus caixões de prata, e vá enterral-os na adêga do Candal. Eu tenho

mais mêdo á canalha nacional que aos soldados de Napoleão. Quando correu

na capital que s. exc.ª o snr. governador ia dar a Lisboa a saque,

saíram para as praças as turbas da gentalha portugueza, esperando a hora

do assalto. D'estes é que eu tenho mêdo, e por isso sou de parecer que

se acautele o nosso precioso, com summa prudencia. O Candal é bom sitio,

porque fica arredado da estrada. Ponto está que o mano encarregue o

serviço de enterrar os caixões a pessoa fiel, que não denuncie o

escondedouro.

--Não me fio em ninguem, cunhado. Quem ha de enterrar esse todo-nada de

dinheiro que por ahi está, e mais os caixotes de prata, hei de ser eu,

se Deus quizer.

Assentiram n'isto, e, logo no dia immediato, Norberto de Meirelles pôz

mãos á obra, com o auxilio de sua mulher e cunhado. Fez-se o transporte

para o Candal com disfarce. Os caixões sairam de noite, e os

conductores, depondo-os no quinteirão da quinta, não poderiam malsinar o

local do enterro, se alguma vez, feitos com os salteadores, tentassem

esquadrinhal-o.

Norberto de Meirelles, auxiliado por D. Rosalia e o proprietario das

pratas da patriarchal, enterrou os caixotes debaixo da dorna do lagar, e

ficou assim desaffrontado dos sustos que lhe traziam o animo opprimido,

desde que Francisco Salter de Mendonça lhe presagiara um possivel

assalto ao seu dinheiro.

Sampayo, atarefado com o julgamento dos réos processados no tribunal de

que elle era juiz inconfidente, só teve ensejo de visitar Carlota, um

mez depois da sua chegada. Encontrou-a na grade com a mãe, que de

proposito preparara este encontro, porque sua filha houvera mostrado

repugnancia em receber a visita do tio.

O bacharel, conforme com os seus ardis, expostos ao cunhado, começou por

louvar e abençoar a acertada resolução de sua sobrinha, exaltando os

merecimentos de uma boa religiosa, e aconselhando-a com sãs doutrinas

preventivas contra as tentações do demonio, acerrimo inimigo dos votos

claustraes.

Carlota ouviu-o com aprazimento, e D. Rosalia com enfado. A boa senhora

não comprehendia a esperteza de seu irmão, e confrontando-a com a

estupidez de seu marido, dava tanto pela bondade de um como pela do

outro. Foi-lhe á mão com as suas razões cem vezes repetidas á filha.

Chorou copiosamente, pedindo ao irmão que desvanecesse a tenção de

Carlota; e a esta, com ternas supplicas, implorava que saísse do

convento, se não queria cêdo ficar sem mãe.

Carlota respondeu que a perda de sua mãe lhe seria muito sensivel; mas

que estava deliberada a aceitar todas as mortificações que o Senhor lhe

mandasse, com tanto que podesse offerecer o coração espedaçado ajoelhada

no altar, onde jurara votos de eterno sacrificio.

Joaquim Antonio de Sampayo, piscando o olho á irmã, louvava de novo a

devoção de Carlota, e citava-lhe, como para acorçoal-a, quatro exemplos

de santidade no convento de Santa Anna de Lisboa, onde elle almoçava, e

contava os milagres da prata da patriarchal, salvo o ultimo.

Carlota, saíndo da grade, foi pedir a Deus perdão do odio que tinha a

seu tio. Soror Rufina, confidente d'esta ruim paixão, orou com ella, e

penitenciou-a com o preceito duro de escrever a seu tio uma carta, em

que lhe agradecesse, com humildade e amor, os paternaes conselhos que

lhe dera, e o applauso com que a ajudava a defender-se das instancias de

seus paes.

O bacharel, maravilhado d'esta carta, modificou a sua opinião a respeito

da sobrinha, e planisou uma nova traça para despersuadil-a. Qual ella

fosse, não sabemos nós, porque não houve tempo para executal-a.

Sampayo exerceu as funcções do juizado quatro mezes, e foi despachado

juiz de fóra para uma pingue comarca do Minho. A causa d'esta mudança,

ingrata ao despachado, explicou-a elle como grandemente honrosa para si,

dizendo que a moderação das suas sentenças desagradara ao governo. O

governo, porém, dizia que o venal juiz riscava das denuncias os nomes

que representavam réos dinheirosos, de quem recebia, com maior ou menor

recato, avultosas quantias.

Partiu para a sua comarca o juiz de fóra, recommendando ao cunhado que

vigiasse os caixotes da prata, cujo descaminho viria a ser causa da sua

deshonra. Por essa occasião, entregou-lhe um caixãosinho supplementar

aos outros, que constava de uma duzia ou pouco mais de contos de réis,

de seus ordenados e propinas, e mercês dos beneficios que fizera

caridosamente aos réos absolvidos no terrivel tribunal.

Dispensam-nos de boa vontade a historia sabida dos decorridos successos

que expulsaram os francezes do territorio portuguez. É certo que o juiz

de fóra de \*\*\*, Joaquim Antonio de Sampayo, ingrata creatura de Junot,

pôz luminarias quando soube que o exercito francez recuava ao exercito

alliado. Proclamou aos povos comarcãos, chamando ás armas, e incitando

os frades a que prégassem o odio contra Napoleão, e promettessem

indulgencia plenaria, e salvação segura a todos os que morressem na

defeza do seu legitimo principe, e dos augustos fóros da religião

catholica-apostolica-romana.

O bispo do Porto, presidente da junta, e renegado como elle, sympathisou

com as manhas do juiz de fóra, e nomeou-o, provisoriamente, corregedor

da comarca onde estava servindo.

Entra, porém, o general Soult as mal defezas raias do reino, e chega a

Braga a artilheria de Laborde. Sampayo medita seriamente na sua

situação, e, apasiguando os animos das turbas com discursos ácerca da

inutilidade da resistencia, resolve ir ao encontro do general Lorge, que

marchava contra a villa onde elle exercia a suprema auctoridade.

Diz-lhe que intimas relações o prenderam a Junot e Lagarde, exulta com a

volta dos francezes, e faz accender o resto das torcidas das luminarias

á entrada do general francez. As guerrilhas, porém, queriam resistir, e

os chefes emprasavam o corregedor para lhes dar conta da sua apostasia,

mais tarde. Sampayo, arreceiando-se d'aquelles caudilhos, denunciou os

principaes ao seu hospede Lorge, e fez que dois fossem espingardeados

diante da sua aposentadoria, simulando, ao mesmo tempo, amargo pezar de

acontecimento tão funesto.

Retirou o general para occupar outro ponto; mas a pedido do corregedor,

deixou uma numerosa guarnição á terra.

O general Botelho estanciava nas immediações da villa, e investiu com o

presidio, que fugira rechaçado e mal ferido do encontro. Sampayo queria

fugir com elle, sobre o Porto, para onde convergiam os differentes

chefes do exercito invasor. Demorou-se, porém, um quarto de hora,

carregando os bahús da sua bagagem, onde avultavam preciosidades que

soubera esbulhar á comarca sob os mil pretextos faceis ao seu engenho.

Esta demora foi-lhe fatal. Era tarde para fugir. Reflectiu um instante,

em lance tão apertado, e saíu a lume com uma ideia, da qual esperava a

sua salvação.

Mandou tocar immediatamente os sinos das igrejas, foi elle proprio,

bradando vivas ao principe, espertar o animo perplexo dos moradores da

terra, e recrutar garotos para repicarem os sinos.

Este expediente era já um destino da desesperação, uma loucura, que

devia ter o resultado que teve. Joaquim Antonio de Sampayo viu-se

rodeado de povo, e este povo pedia a cabeça do corregedor, sobrelevando

á vozeria os gritos da parentela dos caudilhos que tinham sido

espingardeados á ordem do general Lorge.

O chefe das forças portuguezas occorreu n'este momento afflictivo. O

corregedor ajoelhou de mãos erguidas, pedindo-lhe a salvação.

Um do povo, que parecia ser o mais auctorisado, contrariou as supplicas

do corregedor, contando ao general as façanhas. Botelho ouviu com

attenção, e exclamou com serenidade:

--Enforquem-o já, que é o mais seguro.

Mais de um leitor maior de sessenta annos está recordando, n'este

momento, a cabeça de comarca, na provincia do Minho, onde foi enforcado

um corregedor.

Se se lembra, saiba que o fatal triangulo foi erguido para Joaquim

Antonio de Sampayo. Ahi perneou esse homem de grandes espiritos, que

veio cedo de mais para morrer ministro de Estado.

Rezemos-lhe por alma, mas duvide-se do aproveitamento dos suffragios. É

de fé que o thaumaturgo das pratas da patriarchal caiu da forca ao

inferno, onde o tortura a desesperação de ver como cá em cima andam

nedios e honrados alguns que o sobrepujaram em amor da patria, amor do

proximo, e abnegação do alheio.

Joaquim Antonio de Sampayo nascera em 5 de janeiro de 1752. Trapaceara o

direito e a justiça por espaço de trinta annos, nos auditorios do Porto.

Entrara com fortuna próspera na carreira das honras aos cincoenta e seis

annos.

Revelara, ainda que tardio, um espirito sobre-excellente para

engrandecer-se, e reflectir na sua familia as honras merecidas á custa

de infamias necessarias para se ser alguma cousa n'uma terra, onde

Duarte Pacheco e Camões tiveram fome. Mal tinha dado os primeiros passos

propicios, atalhou-o uma morte feia aos 23 de março de 1809.

Piamente cremos que os santos da patriarchal de Lisboa, esbulhados de

seus adornos, lhe urdiram este affrontoso traspasse.

Como quer que seja, homens taes, diz uma epigraphe d'este capitulo, que

os leva o diabo. Levará, não duvido; mas, se lanço os olhos em redor de

mim, afigura-se-me que o diabo leva uns, e traz outros.

XIII

La justicia de Dios espantosa...

Quevedo. (\_El sueño del Inferno.\_)

O noviciado de Carlota Angela terminara em abril de 1808. As licenças

impetradas para a profissão não foram concedidas, porque a

desorganisação em que se achavam as repartições governativas era

impedimento a que se deferissem requerimentos que não importavam ao bem

immediato do Estado.

Norberto de Meirelles folgava com a demora da licença, e o cunhado lá da

comarca onde lhe cortaram a previdente cabeça, socegara-o com a certeza

de que em Lisboa estavam prevenidas as cousas para que a noviça

requeresse sempre em vão a licença indispensavel.

Carlota não se impacientava com as delongas, nem se queixava de seu pae

ou tio: com tanto que a não arrancassem ao claustro, noviça ou professa,

o seu coração estava com o mesmo apêgo entranhado no suave sacrificio á

religião dos infelizes.

Quando a noticia da feia morte de seu tio lhe chegou, levada pela

aterrada mãe, Carlota perdoou-lhe, nos labios e no coração, o mal que

lhe fizera, compensando-lh'o com incessantes suffragios, da virtude dos

quaes, em alma tão apodrentada de velhacadas e perfidias, é licito

duvidar.

Norberto de Meirelles, n'este desgosto de familia, mostrou o grande

porte de seu animo, insufflando em sua mulher espirituaes doutrinas de

paciencia e conforto na vontade do Altissimo. Á socapa, porém, o

arrozeiro esfregava as mãos com jubiloso frenesi, bem sabia elle pelo

quê. Se D. Rosalia lhe perguntava que destino se devia dar aos dois

caixotes de prata, que não eram de seu irmão, Norberto dizia-lhe que

calasse o bico, e não désse á lingua ácerca de taes caixotes, que

ninguem sabia de quem eram. Os escrupulos entravam na consciencia de D.

Rosalia; o alheio dizia ella que chorava pelo seu dono. A este e outros

anexins de sã moral replicava Norberto que se alguma vez apparecesse o

dono dos caixões, munido das necessarias provas de ser o dono d'elles,

seria entregue do deposito.

Entretanto que o dono não vinha, o herdeiro do bacharel fechou-se na

adêga da granja do Candal, e exhumou os thesouros enterrados para

conhecer do conteúdo dos caixões. Este exame dizia elle á timida

consorte que era preciso para, munido de um rol, peça por peça, obrigar

o dono a dar uma relação exacta dos objectos.

Tentação diabolica fora aquella! Norberto, vendo a rica baixella do

culto divino contida no primeiro caixão que abriu, tão encantado ficou

do bem lavrado das corôas, dos resplendores, dos calices, das ambulas,

dos thuribulos, das lampadas, das bandejas, e dos ex-votos, tão

encantado, tão edificado, tão preso áquelles mysticos ornatos do templo

do Deus-vivo, que logo alli prometteu á sua consciencia guardar e

venerar aquelles sagrados objectos, de modo que mãos impias de

francezes, de portuguezes afrancezados, e ainda as do dono nunca os

profanassem. Este protesto entendia-se com o primeiro caixão: o segundo

antes de ser aberto, havia o negociante tenção de restituil-o, se o

recheio não fosse tão veneravel e digno da sua devota guarda.

Ora o segundo caixão não era menos tentador: nem mais nem menos os doze

apostolos de prata maciça, com as suas barbas venerabundas a incutirem

seraphico temor e amor! Norberto alçou nos braços um dos apostolos, não

tanto para fazer-lhe oração mental, como para calcular-lhe o peso, e,

aproximadamente, ajuizou doze arrateis, os quaes, multiplicados por

doze, davam cento e quarenta e quatro arrateis de prata. Entendeu

piedosamente o arrozeiro que o segundo caixão era thesouro não menos

credor dos seus desvelos que o primeiro, em razão de conter as imagens

dos doze primeiros santos da religião christã, e n'este presupposto de

bom juizo resolveu recommendar á sua vigilancia a guarda de tão augustas

imagens, que talvez providencialmente vieram enterrar-se na sua adêga,

para se esconderem á perseguição de Bonaparte, bem como os christãos

primitivos se escondiam nas catacumbas para fugirem á perseguição dos

Neros e Trajanos.

A escrupulosa irmã do defuncto bacharel não assistira á exhumação dos

caixões; mas, sabendo dos doze apóstolos, tal ancia lhe entrou de os

ver, que não houve remedio senão desenterral-os de novo.

D. Rosalia ficou encantada dos aspectos magestosos de S. Pedro e S.

Thiago. Quiz que seu marido rezasse emparceirado com ella uma

jaculatoria aos dois santos em particular, e a todos em geral. Norberto

annuiu com a mais fervente uncção, e edificou sua mulher, propondo a

repetição das ditas jaculatorias, para que os bemaventurados discipulos

do divino mestre não permittissem que mãos sacrilegas dos francezes

tocassem nas suas devotas imagens. Lembrou logo alli a snr.ª D. Rosalia

que, passada a guerra, se não apparecesse o dono d'aquelles objectos, se

havia de fazer uma capella na quinta do Candal, para que os santinhos

fossem adorados por toda a gente. Concordou o arrozeiro, enterrando-os

outra vez, e recommendando a sua mulher, que não dissesse a ninguem que

a sua adêga estava tendo as honras de cenaculo.

Estas scenas passavam-se oito dias antes da invasão dos francezes no

Porto.

Á noticia da aproximação de Soult nas trincheiras, Norberto de Meirelles

fechou a casa da rua das Taipas, e foi para o Candal.

D. Carlota Angela, com sua tia e a noviça Dorothea saíram do convento

para o mosteiro de Arouca. D. Rosalia instara para que a seguissem; mas

Carlota vencera a vontade condescendente de sua tia, com lagrimas e

rogos para que não aceitasse asylo que não fosse o de outro mosteiro

menos susceptivel de ser assaltado pelos francezes.

O exercito invasor derramou-se pelo Porto, no cevo do saque e da

carnagem. As portas da casa da rua das Taipas, malsinada aos francezes

como bem recheiada, não resistiram ao machado. Pouco lá havia que

saciasse a cubiça dos salteadores. O denunciante esteve em perigo de ser

acutilado, por lhes ter feito perder tempo em arrombar as portas para

saque tão mesquinho. Ora, o denunciante era um visinho de Norberto, seu

inimigo, e capaz de dar um olho para que arrancassem os dois ao

arrozeiro. Disse elle aos francezes que o seguissem além do rio, e elle

lhes promettia boa presa, porque as immensas riquezas do negociante

deviam estar na quinta.

Seguiram-o os francezes, promettendo-lhe repartir com elle da presa, ou

tirar-lhe a alma e os figados, se os enganasse, ou levasse a alguma

emboscada.

Ao avisinharem-se do Candal, deram rebate as espias de Norberto de

Meirelles. Calou-lhe na alma o mêdo, que amarellece a cara de gemma de

ovo, tapa os respiros do pulmão e promove a desordem dos intestinos

todos. D. Rosalia caíu de cocoras, e entrou a bater os queixos como em

maleitas, e a resmungar fragmentos da Salvè-rainha e do Padre-nosso.

Dois criados da quinta, que, momentos antes, tinham estado renovando a

escorva das clavinas, e apostando a qual d'elles mataria mais francezes,

apenas avistaram os penachos de dez ou doze d'aquelles, que, segundo os

seus projectos homicidas, deviam ser levados a murro, deram a fugir por

aquelles pinhaes, como envergonhados de se baterem com tão poucos

francezes. Chamava-os com desesperados berros Norberto, emquanto elles

podiam ouvil-o; mas não houve gritos nem promessas que os volvessem ao

posto da honra.

O negociante travou do braço da mulher, para que o seguisse, fiando a

salvação na fuga. D. Rosalia ainda se ergueu; mas vacillaram-lhe as

pernas frouxas, e recaíu, dizendo que morria, e queria alli morrer. O

arrozeiro cuidou que a movia, assustando-a com a ideia de que os

francezes a matariam, se ella não confessasse o escondrijo do dinheiro.

A pobre mulher, petrificada de terror, não respondia a taes estimulos, e

recalcitrava na pertinacia de se deixar matar.

Emquanto ella murmurava um acto de contrição, preparando-se para morrer

o mais catholicamente que podesse, Norberto de Meirelles seguiu a pista

dos criados, pela porta travessa da quinta, com o intuito de alarmar a

freguezia, tocando a rebate a sineta da proxima capella.

Os francezes arrombaram a primeira porta, e outras menos robustas, até

entrarem no quarto onde estava D. Rosalia de mãos erguidas, pedindo

misericordia. Um da malta, com o rosto coberto por um lenço, disse-lhe

em claro e chão portuguez que lhe não fariam mal a ella nem ao marido,

se lhe dissesse onde estava escondido o dinheiro. D. Rosalia respondeu

que não sabia. A um signal convencionado do interprete, dois refles

ameaçadores ladearam o pescoço da moribunda senhora. O homem da cara

coberta admoestou-a de novo, pedindo aos francezes que suspendessem a

morte por alguns momentos. Rosalia, revalidando tres vezes a condição de

que não matariam seu homem, disse que o dinheiro estava enterrado na

adêga; mas que tambem lá estavam dois caixões de prata, e esses pedia

que não levassem, porque não eram d'ella. Feito o juramento de

respeitarem, não os caixões, mas a vida dos depositarios, levaram em

braços D. Rosalia á adêga, para a fazerem apontar o local onde convinha

cavar.

Meia hora depois, corriam contra a quinta de Norberto de Meirelles, mais

de duzentos homens da freguezia, reunidos pelo toque guerreiro da

sineta, afóra os fugitivos do Porto, que tinham atravessado a ponte,

horas antes de lhe serem abertos os alçapões. Quando entraram na casa,

com grandes alaridos e descargas, encontraram D. Rosalia á porta da

adêga, prostrada n'um desmaio. Norberto adivinhou o successo horroroso.

Entrou, foi direito ao tonel protector do escondrijo, achou a terra

revolvida, levou as mãos á cabeça, soltou um grito cavernoso, e foi

bater com as costas nos tampos sonoros do tonel. «Roubado! roubado!»

exclamava elle, emquanto a multidão compadecida se derramava pelos

aditos da quinta, procurando os francezes, e outros tratavam de

restituir á vida a mulher do negociante, que parecia morta.

Ao mesmo tempo, embarcavam os francezes, com a opima presa, defronte de

Miragaya. No meio do rio, combinaram entre si desfazer-se do

denunciante, que os importunava lembrando-lhes a promessa de um quinhão

do roubo. A execução foi rapida como o plano. O portuguez foi arrojado

ao rio com algumas pancadas na cabeça; mergulhou, veio á tona da agua,

fincando-se na quilha do barco, á maneira de rémora, pendurou-se n'um

dos bordos, os francezes convergiram para o ponto, os caixões

escorregaram para esse lado, o barco inclinou-se tanto, e o barqueiro

com tal arte ajudou á catastrophe, que se virou o barco: francezes e

caixões tudo se sumiu nos abysmos, salvando-se, apenas, o barqueiro, por

ser grande nadador, e merecer salvar-se como instrumento que foi da

justiça providencial.

Não sabemos ao certo quantos contos de réis o Douro sepultou nos seus

reconcavos. Mais de cem, afóra o dinheiro e caixões do bacharel Sampayo,

se calcula a perda. Os haveres de Norberto de Meirelles estavam todos

alli. Restava-lhe, apenas, a granja do Candal e a casa da rua das

Taipas; mas, o arrozeiro, no mez immediato, tinha que pagar letras, que

os portadores, fiados na segurança do aceitante, não haviam apresentado

no dia do seu vencimento, rogando-lhe, por favor, o conservar em seu

poder os pagamentos até se restabelecer a ordem no giro commercial.

Era, pois, desgraçadissima a posição do pae de Carlota Angela. Via-se

pobre, e sentia-se desfallecido e velho para reconquistar o producto do

trabalho e da astucia, nem sempre legitima, de quarenta annos. Ainda

mesmo que amigos e credores o ajudassem, como de feito ajudariam, esse

balsamo não fecharia a chaga. A pena do seu dinheiro era uma angustia

infernal, que as palavras animadoras da christã e resignada esposa não

alliviavam.

--Deus o deu, Deus o tirou, Norberto,--dizia ella, convidando-o pela

religião á paciencia.

--Vae-te d'aqui com as tuas beatices!--respondia elle--Estamos pobres

por tua causa. Se fosses uma mulher amiga de teu marido e de tua filha,

não dizias onde estava o meu dinheiro, o meu dinheiro, o dinheiro da

minha alma!

E, exclamando assim com vozes que derretiam o coração, chorava como uma

creança o pobre homem, arrepellando as suissas e os cabellos.

Atalhava Rosalia:

--Não te mortifiques, Norbertinho. Eu se disse onde estava o dinheiro

foi para te salvar a ti, porque o tal homem da cara coberta disse-me que

tu estavas preso, e te matariam se eu não dissesse onde estava o

dinheiro.

--Deixasses matar; antes isso, do que ficar assim... sem nada!

--Ainda temos com que viver, meu amigo. Se eramos ricos, as nossas

despezas poucas eram. Faz de conta, Norberto, que o dinheiro está

enterrado onde estava; tanto nos serve elle debaixo da terra, como na

mão dos francezes. Sabes o que se ha de fazer? Tornemos a trabalhar como

quando nos casamos. Para comer e vestir como até aqui sempre hemos de

ter. Aos credores dá-se-lhe alguma cousa do que se deve, e vae-se

pagando o resto aos poucos. A nossa Carlota quer ser freira, e o dote

pequeno é. Eu lh'o arranjarei com as economias que poder fazer. Tenho

algumas joias que se vendem, e pouco faltará para o dote de Carlota. Não

achas que tenho razão, Norbertinho? Ora vamos, tem paciencia, e agradece

ao Senhor em nos ter deixado a vida.

--De que diabo me serve a vida! ah! o meu dinheiro, o dinheiro da minha

alma, que tanto me custou! Agora é que os outros me hão de pôr o pé no

pescoço. Como não estarão contentes os invejosos! Foram elles que me

roubaram. Esse homem que trazia o lenço pela cara era algum dos nossos

visinhos, que não podia ver como eu ia medrando! Estou roubado!

levaram-me o meu dinheiro, a minha vida, o meu suor, a minha alma. Agora

matem-me, com trinta milhões de diabos! Quero morrer, antes que me vejam

pobre! vou partir esta cabeça n'uma pedra, e tu fica para ahi a pedir

uma esmola, já que disseste onde estava tudo quanto tinhamos.

N'estas e n'outras lamentações, em que a blasphemia não faltava nunca,

curtiu, no Candal, a empeçonhada existencia o miserando arrozeiro,

durante tres semanas, até que lhe pegou uma febre, e uns frenesis de

energumeno, que o pozeram ás portas do inferno. Salvaram-o algumas

tisanas, e os confortos de dois ou tres amigos compadecidos que, rogados

por D. Rosalia, lhe foram dar esperanças de rehaver com capitaes

emprestados, senão tanto quanto perdera, ao menos mais que o necessario

para viver com decencia e satisfação. A convalescença foi morosa, e

arriscada com recaídas, procedentes de vertigens que advinham depois dos

prantos pelo seu dinheiro.

Voltando ao Porto, logo que o exercito francez saíu, fez uma honrosa

concordata com os seus credores, e retomou as redeas do seu mester,

ajudado pelos amigos e desvelos da mulher, que toda era energia,

actividade, e carinho para fazer esquecer a pobreza a seu marido,

preoccupando-o com a esperança de enriquecer outra vez.

N'aquelle tempo, porém, esta cousa a que hoje, em francez, se chama

\_fortuna\_, não se alcançava com a rapidez de agora. A perda do proveito

de quarenta annos lidados na vida commercial eram necessarios outros

quarenta annos para restaural-a. Por isso que o caminho de ferro era uma

utopia, e a celeridade do fio electrico um ideal dos contrasensos

impossiveis, a maquina de fazer dinheiro era um mytho, em que se

acreditava porque a moeda corrente era fundida e cunhada; mas nenhum

particular julgava possivel fazer em sua casa dinheiro.

A posição de Norberto era, portanto, relativamente má. Descorçoado para

as labutações do negocio, sufficientemente obtuso para chegar por

devezas e atalhos á estrada que os outros palmilham tarde e a más horas,

o negociante decaído lá sentia em si roer a desconfiança de que não

havia para elle mais readquirir a centena de contos, que tão perto

d'elle estavam encalhados entre as fendas de alguma rocha.

Esta descrença entibiava-lhe o animo, infundindo-lhe uma melancolia

taciturna e lethargica, d'onde não havia nada que o podésse divertir.

Carlota Angela, recolhida ao seu suspirado mosteiro, soube da desgraça

de sua familia. Ergueu as mãos ao Senhor, pedindo-lhe que alliviasse as

mágoas de seus paes, e lhes désse, em troca da riqueza perdida, a

esperança de maior felicidade no céo.

Quando D. Rosalia disse ao marido qual era a supplica incessante de

Carlota, Norberto respondeu:

--Ora! qual céo, nem meio céo! Diz-lhe que peça a Deus que me dê

dinheiro.

XIV

Que ansias, que deseos,

Que trabajos, conxogas, e sudores!...

P. Pedro de Salles. (\_Emblemas.\_)

Quando o corregedor Joaquim Antonio de Sampayo foi suppliciado, o

general Botelho mandou examinar os papeis do jacobino com a esperança de

encontrar algum que justificasse a violenta morte do magistrado, no caso

de lhe serem pedidas contas do estranho feito.

As leis militares não permittiam tal excesso, quando os réos não eram

encontrados com armas na mão defendendo os invasores.

No quartel general de Botelho andava um ajudante de ordens que fora

condiscipulo e amigo de Francisco Salter de Mendonça no collegio

militar. Foi esse o encarregado de examinar os papeis.

Mal tinha revolvido alguns massos de cartas sem importancia, e officios

de serviço publico, uns assignados pelo governador do reino, outros pela

junta governativa, louvando todos a energia e zelo do magistrado, quando

reparou n'um rolo de papeis atados todos com uma guita, sendo a capa

exterior um sobrescripto que dizia: \_Ao ill.mo snr. Francisco Salter de

Mendonça.--Rio de Janeiro.\_

O examinador, espantado de encontrar o nome do seu amigo entre papeis do

defuncto jacobino, receiou que algumas intelligencias desgraçadas e

deshonrosas para Francisco Salter podessem existir com os clubs

revolucionarios. Antes que alguem entrasse no escriptorio, o ajudante de

ordens do general Botelho escondeu o masso de papeis, e ancioso de

curiosidade, não tardou a examinal-os o mais escondidamente que pôde.

Viu uma, outra, e outra até vinte e tantas cartas assignadas por Carlota

Angela. Outras tantas, se mais não eram, assignadas por Francisco

Salter. Quem era esta Carlota Angela? interrogava-se o confuso leitor

das lagrimosas cartas. Como viera esta correspondencia dar á mão do

corregedor de \*\*\*? Qual seria o valor occulto de uns papeis que tão

estranhos pareciam ao funccionalismo do magistrado?

O ajudante de ordens, logo que o exercito invasor desalojou do Porto,

foi ao mosteiro de S. Bento da Avè Maria procurar Carlota Angela para

esquadrinhar o mysterio da correspondencia. Não encontrou alguem que o

informasse: no mosteiro tinham apenas ficado uma freira demente, e duas

criadas entrévadas, que apenas souberam dizer que a noviça Carlota

Angela fugira com sua tia para um convento da provincia.

Proseguia em inuteis averiguações o curioso militar, quando a junta

provisoria o nomeou para ir ao Rio de Janeiro dar parte das occorrencias

da infausta invasão, e da derrota fabulosa que os francezes iam

soffrendo na retirada.

O emissario aceitou da melhor vontade a enviatura, esperançoso de

encontrar no Rio de Janeiro o seu amigo da mocidade Francisco Salter de

Mendonça.

Apenas desembarcou, o primeiro official de marinha que lhe saiu ao

encontro foi Salter. Logo alli se aprasaram para uma conferencia de

alguma importancia, depois de entregues ao governo as participações do

reino.

--Que ha de commum entre ti, e um tal Joaquim Antonio de Sampayo, que

foi enforcado no Minho?

--Enforcado!

--Sim, garroteado por jacobino, traidor ao rei e á patria e á santa

religião, como lá se diz. Conhecial-o?

--Perfeitamente. Esse homem era tio de uma mulher que me obriga a

desertar ámanhã, para ir procural-a no Porto.

--Se o teu fim é saber onde ella está, posso dar-te algumas informações.

--Conheces Carlota Angela?!--interrompeu alvorotado o capitão de

marinha.

--Conheço pelas amarguradas cartas que te escrevia.

--Cartas! Quaes?! Eu não recebi cartas algumas de Carlota.

--Se as não recebeste, podes lel-as agora, porque eu sou o portador de

duas duzias d'ellas, que fazem chorar as pedras.

--Como te vieram essas cartas á mão? Dá-m'as.

--Lá vamos; mas primeiro quero que me expliques como estas cartas foram

á mão do tal corregedor enforcado.

--Isso é uma historia longa e atroz. Dá-me as cartas, que eu tudo te

explicarei depois.

--Pois sim: ahi vão as cartas da Carlotinha, mas tenho no outro bolso

outras tantas escriptas á tua dama.

--Por quem?

--Por um nosso condiscipulo do collegio militar, que, segundo se

deprehende do ardor da linguagem, deve amal-a como um louco.

--Quem é elle?

--Um terrivel paralta, que saíu da patria deixando por lá nos mosteiros

noviças apaixonadas.

--Quem? depressa... diz-me o nome d'esse homem.

--Francisco Salter de Mendonça é como elle assigna as lamuriantes

epistolas: eil-as aqui.

Tu me dirás agora se o corregedor era o teu alcayote para a dolorida

noviça.

Salter devorava as palavras da primeira carta de Carlota, sem entender

as ideias. De uma passava a outra, examinando nem elle sabia o quê. O

sangue subiu-lhe á flor do rosto, inflammando-lhe as pupillas

irrequietas. Era uma d'essas alegrias que chegam a doer em seu frenesi.

Ao rubor succedeu a pallidez subita, e o suor da vertigem. Não lhe cabia

o coração no peito, nem bastava ao afogo dos pulmões o ar que aspirava a

profundos haustos. Soltou uma exclamação puxada do intimo da alma, um ai

desafogado, vibrante, e das entranhas como se lhe desentalassem a

garganta quando o laço o fazia já estrebuxar em arrancos de morte.

O condiscipulo estava pasmado d'este conflicto, e tanto se lhe afigurou

respeitavel o jubilo ou a agonia de Salter, que não ousou interromper a

scena muda d'aquelle lance. Salter lançou-se-lhe aos braços, chorando

como uma creança, e proferindo afogadas exclamações, que pareciam os

gemidos que faz soltar uma dor physica incomportavel.

--Então isto é muito mais valioso do que eu suppunha!--disse o ajudante

de ordens--Que feliz eu sou, se vim tirar-te de alguma duvida

tormentosa.

--Trouxeste-me a esperança, a vida, o céo. Estas cartas são d'ella, da

minha esposa.

--Tua esposa? Pois Carlota Angela não é uma noviça?

--Não; é apenas uma secular no mosteiro de S. Bento.

--Não foi isso o que me disseram no convento.

--Pois o que te disseram?!

--Procurei-a para ver se ella me aclarava o mysterio d'essas cartas.

Disse-me uma criada que todas as religiosas tinham fugido aos francezes,

e a noviça Carlota Angela fugira com sua tia freira.

--A noviça! Isso é impossivel!

--Será; mas foi isto o que se me repetiu fóra do convento. Casualmente

me encontrei n'uma casa onde se fallava no grande roubo feito pelos

francezes a um tal Meirelles, rico negociante do Porto, que ficara

pobre. Alguem disse que esse Meirelles era o pae de uma noviça creança,

que já tinha acabado o tempo do noviciado, e se chamava Carlota Angela.

Quiz inquirir mais particularidades que me explicassem as tuas relações

com a tal menina, e nada colhi. Propunha-me procurar directamente

informações do negociante, quando fui encarregado da commissão que

trouxe. Aqui tens o que sei, e o que não sei has de tu sabel-o explicar

melhor do que eu.

--Sei tudo!--exclamou com força e precipitação Mendonça--Sei tudo...

Ámanhã vou para Portugal. Já pedi licença, e não m'a deram. Não importa.

Deserto. Julguem-me como quizerem; condemnem-me, arcabuzem-me, mas que

eu veja Carlota antes de morrer. Esta mulher é tudo quanto eu tenho na

vida. Se eu não morrer por ella, se me não sacrificar na honra, em tudo

quanto ha mais sagrado na vida, sou um infame sem rehabilitação perante

Deus e a minha consciencia. Se ella está morta, fui eu que a matei, não

foi o malvado que me roubou estas cartas, e privou a desgraçada Carlota

de ver as minhas. Já comprehendes o segredo d'estas cartas? Esse homem

que mataram, solicitou o meu desterro, para obstar ao meu casamento com

a sobrinha. Interceptou a nossa correspondencia com o fim de matar

n'ella o amor com a certeza da ingratidão. Foi elle quem me enviou aqui

um homem com a noticia de que ella se tinha casado. Eu esforço-me ha

seis mezes em vão para conseguir licença de ir a Portugal salvar este

anjo, e curar-me da desesperação que me tem levado ao extremo do

suicidio muitas vezes. Agora creio que perdi Carlota. Quando chegar ao

Porto estará ella já professa. Não importa. Quero vel-a, quero que ella

me veja morrer braçado aos ferros que a separam de mim para sempre. Esta

minha agonia não tem igual n'este mundo, meu amigo. Separam-me duas mil

leguas da mulher que eu poderia salvar, se a visse n'este momento. Por

que a não procuraste tu? por que lhe não mostraste estas cartas, que nos

salvariam ambos? Podias ter-nos feito um bem, que eu te agradeceria de

joelhos, e ella endoudeceria de jubilo... Paciencia... já agora

devorarei todas as torturas da duvida com menos angustia. Ainda tenho

uma esperança... Disseste-me que o pae de Carlota estava pobre. Talvez

que não possa dar-lhe o dote para a profissão, talvez que uma doença

retarde esse terrivel acontecimento. Talvez que Deus se compadeça de nós

ambos, e lhe inspire a esperança de tornar-me a ver. Nunca tive tanta

confiança na misericordia divina. É impossivel que Deus veja com

indifferença o terrivel resultado da profissão. Eu vou arrancal-a do

altar, vou disputal-a a Deus, vou amaldiçoar a religião cruenta que

receber uma mulher que me pertence por um juramento mais sagrado que

todos os votos do claustro.

Não cansou ainda aqui o fôlego da estirada declamação. Salter fallou

horas, e o amigo escutou-o com admiravel paciencia, até que pôde

admoestal-o que não fugisse, nem saísse do Brazil sem licença. Nem ao

menos conseguiu com as mais atiladas razões retardar um dia a deserção.

Já o amigo se offerecia para pedir ao principe regente a licença,

trocando por ella a commenda da torre e espada com que sua magestade o

agraciara, ao ouvir-lhe as novidades prósperas do reino. Salter

rejeitava conselhos e favores. O brigue saía no dia immediato, e não

estava ainda marcada a saída de outro navio. Negarem-lhe a licença era

já um capricho, senão antes uma desconfiança fomentada pelo bacharel

Sampayo. Ao lado do ministro havia alguem que lhe insinuava a suspeita

de ser Mendonça um forçado vassallo do principe, e um jacobino que

Manique soubera desterrar a tempo.

O governo não dera ao capitão de marinha satisfação alguma pelos

arbitrios do capitão-general, durante o tempo que estivera preso. O mais

que fez foi dar-lhe liberdade, reprehendendo-o por ter feito justiça com

suas proprias mãos, sobre um homem que viera ao Rio em commissão de

confiança.

Salter tragou em silencio o novo vilipendio, e protestou, não só

desertar, mas alistar-se no exercito francez, e atirar-se como

desesperado aos braços da morte, na primeira batalha que lhe deparasse a

sua negra fortuna.

Eram, pois, baldadas todas as reflexões do ajudante de ordens.

A bordo do brigue inglez havia ordem para receber um marinheiro

portuguez, e um preto marinheiro tambem. Ao anoitecer d'esse dia

Francisco Salter de Mendonça, e o escravo que lhe assistiu durante a

prisão, vestidos de marinheiros, foram recebidos no brigue. Na manhã do

dia immediato, quando o ajudante de ordens, ancioso de alegria,

procurava Salter para lhe entregar a licença que o principe assignara,

contra as suggestões do ministro, o vaso inglez já tinha saído.

O solicitador da licença foi dizer ao principe que o capitão da armada

não poderá vir beijar a mão de sua magestade antes de sair, porque o

brigue já tinha levantado ancora, quando a licença chegou.

Este expediente fez que Francisco Salter não fosse julgado desertor,

posto que as averiguações feitas pelo ministro contrariassem o

depoimento do generoso amigo, que ficara destruindo a intriga.

O romance deixa de ser impertinente e aborrecido. Vamos entrar nas

scenas tristes e sombrias.

XV

Crescei, mágoas, crescei, e crescei, dores;

Quebrai o vagaroso e triste fio

Que alonga a cruel Parca...

Ferreira. (\_Eleg. 5.ª\_)

As freiras dispersas recolheram ao seu convento da Avè Maria, um mez

depois da entrada do exercito anglo-luso no Porto.

Carlota Angela acompanhara sua tia, com quanto jubilo podia caber-lhe no

ambito da alma. Considerando a grandeza das penas que a flagellavam, só

á religião deve conceder-se o mystico poder de allivios, e alegrias para

a pobre, que tão infeliz era, e mais infeliz seria, se não tivesse a

táboa da religião em naufragio tão procelloso.

Apenas entrou no convento, quiz ver seus paes, dizendo que talvez elles,

na desgraça, precisassem de que lhes fallasse a linguagem da paciencia,

e da esperança nas riquezas do céo. D. Rosalia, foi chorar ao pé da

filha, e retirou-se consolada. Norberto de Meirelles contou-lhe tres

vezes a horrivel historia do roubo, e chorou outras tantas lagrimas como

punhos. Acudia Carlota com as uncções piedosas da paciencia,

promettendo-lhe alcançar de Deus com orações e penitencias a

prosperidade do negocio que seu pae recomeçara. O arrozeiro dava como

impossivel a restauração dos haveres perdidos, e afiançava que não

viveria muito tempo, porque a paixão do seu peculio, adquirido com tanta

honra e trabalho, o levaria á cova. No tocante ao auxilio que os santos

podiam dar-lhe para repôr o seu commercio no antigo pé, Norberto era um

iconoclasta requintado; não fiava nada dos santos, nem das jaculatorias,

antiphonas, e responsos de sua filha.

Teimoso e cabeçudo como um philosopho, argumentava contra a religião,

allegando em favor da sua heratica parvidade que se houvesse céo e

inferno não estava elle arrozeiro sem o seu peculio, porque tinha sido

sempre bom christão, e fora roubado por hereges.

Este argumento não é de certo o mais stolido que se tem envidado contra

a religião christã, por parte da philosophia; d'onde se conclue que

detraz de qualquer balcão se póde erguer um Ario, um Luthero, um

Calvino, um Voltaire de tamancos, e arrojar ao seio da sociedade uma

bomba recheiada de argumentos incendiarios como aquelle.

Assim como nós não sabemos que responder de repente ao atheismo de

Norberto de Meirelles, Carlota Angela não se nos avantajava em

promptidão de dialectica theologica, do que resultou sair o pae duas ou

tres vezes, da grade incredulo como entrara.

Uma vez lhe disse elle que perdesse a esperança de ser freira, porque

não tinha dote, nem pedia emprestados cinco mil cruzados para empatar

n'um modo de vida que não rendia sequer o juro da lei.

Carlota sabia de mais as circumstancias de seu pae, quando esta esperada

revelação lhe foi feita. Serena e carinhosa, como sempre o fora, desde

que a desgraça entrara em sua casa, respondeu-lhe que não tivesse elle

cuidado com a sua profissão, porque a prelada a recebia pela prenda da

musica, em que ella estudava continuamente, e a tia Rufina lhe fazia as

pequenas despezas necessarias para a profissão.

Estavam as cousas n'este pé, quando Antonio José da Silva, mercador de

pannos que foi na rua das Flores, pessoa a todos os respeitos digna de

larga chronica (como de feito a teve na Filha do arcediago) e um dos

maiores credores de Norberto, se apresentou pedindo em casamento Carlota

Angela, estipulando as seguintes clausulas:

1.ª Pagaria todas as dividas do sogro, e adiantaria dez contos de réis

para casco de novo negocio, a juro de quatro e meio por cento.

2.ª Compraria a quinta do Candal, já traspassada para pagamento de

dividas, e daria o usofructo d'ella a seus sogros, reservando para si a

hortaliça necessaria ao consumo da casa, dois gigos de maçã camoeza, dez

alqueires de feijão branco, e os pastios necessarios para quatro

cevados.

\_Item.\_ Daria aos paes de Carlota paga e quitação das quantias que lhe

estivessem devendo no acto de se lavrarem as escripturas de casamento.

\_Item.\_ Sua mulher iria viver na rua das Flores, e não tornaria a ir aos

\_balancés\_ por onde costumava andar em solteira, nem trajaria vestidos

como as fidalgas, nem andaria de corpo bem feito sem mantilha, quando

fosse á missa, ou désse, aos domingos de tarde, um passeio até Campanhã,

ou Valbom.

Estes artigos depôl-os sobre a mesa Antonio José da Silva, em seguida á

proposta de casamento, a que Norberto, embrutecido pela fortuna de

similhante proposta, respondeu logo que o negocio se havia de arranjar.

E sem perda de tempo, entrou o arrozeiro no pateo de S. Bento com uma

cara tão festiva e gozosa, que deu nos olhos á madre porteira.

Mandou chamar a filha, e rompeu assim o dialogo, com assomos de boçal

jucundidade:

--Estamos outra vez ricos, rapariga!

--Ricos?!

--Sim, ricos! alegra-te, Carlota.

--Pois que foi, meu pae? Appareceu-lhe o seu dinheiro?

--Quem dera isso! É cá outra cousa, menina! Estamos ricos, porque tu

vaes ser muito rica.

--Eu!? De que maneira?

--O Antonio da rua das Flores pediu-te em casamento.

Carlota engasgou-se, quando soltava uma palavra ou exclamação

imperceptivel.

--Não conheces o Antonio José da Silva? Aquelle rapaz que está podre de

rico? aquelle que herdou a casa do patrão, aqui ha tres annos? Ora essa!

não conheces?!

--Não conheço, nem quero conhecer, meu pae.

--Tu que dizes, Carlota!? Pois tu não queres casar com elle?!

--Não, senhor.

--Ó pobretaina de uma figa! pois tu vês que não tens nada, que teus paes

estão pobres como Job, e não queres valer aos auctores de teus dias?

--Não, meu pae, eu dou a minha vida aos auctores d'ella, se a quizerem;

mas o coração, que já dei a Deus, não póde ser de mais alguem. O pae não

é tão innocente como parece. Devia suppôr que a minha resposta era esta.

Quando entrei n'esta casa, disse-lhe francamente as minhas tenções. Como

ellas não estavam dependentes dos thesouros de meu pae, a perda d'esses

thesouros não as alterou na minima cousa. Sou a mesma que era, e

brevemente serei o que já não posso deixar de ser: uma freira pobre sem

precisão de ser rica, com muito mais do que me é necessario para ir

amparando a minha curta vida no serviço de Deus, e na penitencia dos

meus peccados, e dos peccados alheios.

--Não quero sermões, com mil diabos! vociferou o arrozeiro, batendo um

retumbante punhado sobre a banqueta--Não venho ouvir prédicas! És minha

filha, e has de fazer o que eu quizer. Não te dou o consentimento para

seres freira!

--Paciencia: sel-o-hei na intenção; mas não sairei do convento.

--Has de sair por justiça.

--Morta, póde ser.

--Viva, e muito viva, eu t'o juro por esta luz que nos alumia!

--Não jure, pae, que se engana. Ninguem será capaz de me arrancar com

vida para fóra d'esta casa. Quando eu não tiver forças com que me

agarrar a estes ferros, nada se me dá que me levem para fóra, porque a

minha alma já terá subido d'aqui á presença de Deus.

--Conta-me lônas, que eu te ensinarei. Filha maldita, que viste teu pae

pobre e desgraçado, e não lhe valeste! Filha cruel, eu te amaldiçôo em

nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo. \_Amen.\_

--Meu Deus!--exclamou Carlota--Ó meu pae, não profira similhantes

palavras! Não augmente a triste vida que eu tenho. Eu lhe prometto de

trabalhar toda a minha vida para que em sua casa nunca haja a menor

privação. Pedirei esmolas ás senhoras religiosas ricas, para lhe mandar,

meu pae. Não me amaldiçôe, que eu não lhe mereço esse castigo, nem é

possivel que Deus consinta que a sua maldição seja valiosa. Pelas chagas

de Christo, arrependa-se d'essas amargas palavras que disse...

A pobre menina, banhada em lagrimas, supplicava ainda de joelhos, quando

Norberto de Meirelles saíu da grade esbaforido, resfolegando vapores do

interior vulcanico do peito.

Ao passar por Antonio José da Silva, que o esperava á porta da loja, na

rua das Flores, disse-lhe:

--Nada feito.

--Venha cá, snr. Norberto, conte lá isso. Com que então não é o mel p'ra

bôca do asno; aqui calha melhor dizer \_da asna\_, digo bem, snr.

Norberto?

--V. m. é pouco cortez, snr. Antonio. Se vamos a pôr as cousas no

direito, ninguem póde ser asno sem sua licença. Lá por que a minha filha

me desobedece não dou ousio a v. m. de lhe chamar nomes, que é o mesmo

que chamarm'os a mim. Se é rico, snr. Antonio, eu tambem já o fui, e não

tratava ninguem de asno, porque aprendi a cortezia com as pessoas de bem

com quem sempre tratei.

--Não se enfade, homem,--replicou o irmão da snr.ª Angelica

(honrosamente mencionada na Filha do arcediago) pondo-lhe as mãos

vermelhas, como dois mólhos de rábanos, sobre os hombros--não vá a

Vallongo por tão pouco, snr. Norberto. Isto que eu lhe disse foi assim

um modo de fallar, sem aquella de injuriar a sua filha, nem a v. m., que

tem os figados, como lá diz o dictado, muito ao pé da bôca. Entre cá,

sente-se, desabafe, e veja se quer tomar um copo do da instituição da

Companhia, e uma cavaca de Arouca pare lhe dar animo.

--Obrigado; não quero nada; passe v. m. muito bem, e rasgue quando

quizer o tal papelucho das condições que me deu... Aqui o tem. Emquanto

ao que lhe devo, se v. m. não quizer esperar que eu lhe possa pagar,

mande tomar conta do que eu tiver, e fica d'aqui já arrumada esta

pendencia.

--Espere, homem, que ainda não chegaram as cousas a esse ponto. Eu quero

fallar com a sua filha, e mau é se ella me não dá o sim. Uma cousa é ir,

outra mandar.

--Não faz nada, snr. Antonio, digo-lh'o eu. A rapariga não falla como

nós, e tem lá na cabeça um palavriado da breca, que não sei onde ella o

foi aprender. Dizia-me o meu cunhado doutor (Deus lhe falle n'alma), que

a cabeça de Carlota era um vulcão. V. m. sabe o que é um vulcão?

--\_Vulcão\_, pelos modos, é... é o mesmo que \_balcão\_...

--Bem no digo eu! Vulcão é uma cousa de lume que sáe debaixo da terra.

--Ah!--interrompeu o snr. Antonio, abrindo a bôca como em testimunho da

sua admiração--Já entendo... Quer dizer que ella tem grandes fumaças de

ser bonita!... Olha o milagre! bonita é, mas ha-as por ahi tão bonitas

como ella, que tomaram que eu as quizesse. Emfim, eu sempre lá quero ir,

dê no que der. Assim como assim, nada se perde. O que for soará.

Appareça por aqui ámanhã, snr. Norberto.

Afoutado por tão estupida esperança, Antonio José da Silva teve a

audacia de procurar Carlota Angela. Vae ler-se o texto d'esta visita,

porque foi ella uma das maiores affrontas que a desgraça fez á pobre

menina. Todas as outras, confrontadas com esta, eram favores da fortuna.

O snr. Antonio ignorava a pratica dos conventos, ao tocante a

locutorios. Quando o introduziram, pela primeira vez de sua vida, em uma

grade, o alapuzado moço achou-se affrontado com a vista dos ferros.

Carlota appareceu com sua tia, meia hora depois que a esperavam. Esse

espaço de tempo fora necessario á freira para convencer a sobrinha de

que não era civil nem bonito deixar de receber a visita, qualquer que

fosse a intenção da pessoa que a visitava.

--Bons dias, minhas senhoras--disse Antonio, avançando e recuando, tres

vezes, uma assaralhopada cortezia.--Não me conhecem?

--Já soubemos que era o snr. Antonio José da Silva que procurava minha

sobrinha--disse soror Rufina.

--Já sabem ao que vim, pelos modos.

--Ignoramos.

--Venho a troco do que se passou com o snr. Norberto.

--Parece impossivel!--acudiu Carlota--Eu creio que disse claramente a

meu pae o que é escusado repetir ao snr. Silva.

--A menina ha de fazer favor de me ouvir um bocadinho, se não tem muito

que fazer.

--Pois não! queira fallar--disse Rufina.

--Eu sympathiso com a snr.ª D. Carlotinha desde que a vi nas endoenças

da Misericordia faz agora cinco annos. Já então me deu na venêta de a

pedir ao snr. seu pae; mas rosnava-se por ahi que a menina não gostava

de rapazes do negocio, e tinha lá suas tendencias para a farda. Metti a

falla no bucho, e esperei até ver no que paravam as cousas. Depois

aconteceu em sua casa a desgraça d'aquelle grande roubo, o snr. Norberto

ficou mal arranjado de fortuna, e eu, como o outro que diz, fiquei sendo

o mesmo homem a respeito da menina. Fui pedil-a a seu pae em casamento,

e elle ficou a pular de contente, porque, a fallar-lhe a verdade, não é

por me gabar, mas seu pae não endireita mais a cabeça se eu não casar

com a menina. Em primeiro logar, rasgo as letras que se vencem contra o

snr. Norberto no mez que vem, depois empresto-lhe quasi sem juro o

capital necessario para elle montar o negocio no pé em que estava antes

da quebra; depois, arremato a quinta do Candal em nome da snr.ª D.

Carlotinha, porque já ouvi dizer que a menina gosta muito da aldeia, e

eu tambem não desgosto, porque lá cômo muito melhor, e as aguas são mais

leves. Pois é verdade: eu venho para este fim. Agora veja lá a menina o

que decide. Se quer ser minha esposa, trato de arranjar os papeis,

botam-se os banhos, e vamos a isto. Então que diz?

--Já respondi a meu pae--disse, com mal disfarçada cólera, Carlota

Angela.--Não me queixo do snr. por aqui vir com similhante fim; creio

que meu pae, por delicadeza, lhe não diria sem rebuço a minha resposta.

Eu não caso com o snr. Silva, nem com alguem. Resolvi ser religiosa. O

meu tempo de noviciado acabou. Estou esperando a licença regia para

professar.

--Deixe-se de asneiras--atalhou Antonio José, soltando um boçal frouxo

de riso que indignou Rufina e enojou Carlota--Pois a menina quer-se vir

aqui metter n'esta espelunca, podendo ser rica e viver regaladamente

como pouca gente! Tenha juizo, creaturinha! Isto de convento é bom para

quem não tem, como o outro que diz, um marido que lhe dê tudo o que for

necessario para o augmento da sua pessoa, e que a traga nas pontinhas.

Carlota erguera-se para sair. Rufina seguira o exemplo da sobrinha.

Antonio José da Silva permanecera refestellado na cadeira, até que se

ergueu, forçado pela silenciosa mesura das duas senhoras, exclamando:

--Então que diz?!

--Minha sobrinha já respondeu ao snr. Antonio--disse a freira

affavelmente.

--Com que então, nada feito?--redarguiu o lêrdo aspirante ao matrimonio,

que, dez annos depois, lhe empeçonhou a existencia, segundo reza a

chronica já citada, da qual entendemos que a leitora deve prover-se, se

a zanga que lhe faz o bronco mercador de pannos requer uma vingança

superior ao delicto--Pois sabe que mais, snr.ª D. Carlota?--proseguiu,

erguendo-se, com modos colericos, e brutalmente canhotos--Eu entendo o

que isso é, e bem sei por que a menina anda a fingir que quer ser freira

p'ra dar tempo a que elle volte lá do Brazil.

--Elle! quem?!--exclamou Carlota com assomos de indignação, que o só

olhar da tia sofreou.

--Faça-se de novas! pois não sabe quem?! o da marinha, aquelle que lhe

caiu lá no gôto, porque trazia a cintura arrochada no fardalhão, que

sabe Deus a quem elle o ficou devendo, quando foi para Lisboa...

Carlota Angela saiu precipitadamente da grade; soror Rufina ficou para

explicar ao sandeu a descortezia da sobrinha; aconteceu, porém, que elle

não se julgou affrontado pelo impeto da saida.

--Snr. Antonio--disse a freira--v. m. está ahi fallando n'uma pessoa que

morreu. Minha sobrinha não espera alguem.

--Eu não sabia que elle morreu! Isso agora é outro caso... Acho que fiz

uma asneira em lembral-o á pobre moça! Faça favor de lhe dizer que me

desculpe. Ora olhem quem havia de dizer que o tal rapaz dera á casca lá

no Brazil! Pois eu cuidava que ella estava, como diz lá o outro,

encantada por elle, como a doninha com o sapo. Ainda bem que ella lhe

não caíu nas mãos, porque pelos modos o homem era jacobino, e melhor foi

assim, não lhe parece, senhora Madre?

A freira não pôde deixar de sorrir ao titulo de \_Madre\_ que pela

primeira vez lhe fora dado.

--An?--tornou elle--está-se a rir?! então que quer dizer lá essa

risadita?! Isto parece-me casa de doudos, por mais que me digam.

--Não deve aqui voltar, snr. Antonio,--replicou a freira com muita

brandura e graça--porque seria pena que o seu juizo perigasse n'esta

casa de doudos.

--E olhe que a fallar a verdade já me lembrou isso, e essa cousa que a

senhora Madre acaba de propôr não me cáe em cesto roto. Isso leva agua

no bico. A senhora Madre lá lhe parece que a sua sobrinha é capaz de me

fazer dar volta ó miôlo? Não tenha pena do rapaz, que eu tambem a não

tenho! (O snr. Antonio José da Silva tinha por esse tempo os seus

quarenta annos.) Quem chegou á idade adultera (emende \_adulta\_) sem dar

com as ventas no sedeiro, tambem já não cáe na arriola de se apaixonar

por quem lhe não sabe agradecer os affectos do seu peito; é como lhe

digo, senhora Madre, e póde dizel-o tal e qual á sua sobrinha, que não

vá ella cuidar que eu perco a vontade de comer. De tolas como ella está

cheio o Porto. Tomara eu boa vontade de casar, que mulheres andam-se-me

a metter pelos olhos com um palmo de cara soffrivel, e bons dotes...

cuida que não, senhora freira!?

--Cuido que sim, snr. Antonio,--disse com a mais comica paciencia soror

Rufina--cuido que v. m. merece uma menina de merecimentos muito

superiores aos da minha pobre sobrinha. Se ella o não sabe avaliar ao

justo, é porque está inclinada para a religião, onde nem todas as

pessoas são doudas, snr. Antonio. Vá v. m. na graça de Deus, escolha

entre tantas meninas que se lhe offerecem a melhor, e seja muito feliz.

As minhas obrigações não consentem que eu me demore.

--Sempre lhe quero dizer mais uma palavra, se está para isso, snr.ª

Madre.

--Com tanto que seja breve...

--Olhe lá... A senhora quer fazer um contracto commigo?

--Um contracto! Nós as religiosas não podemos fazer contractos, nem

supponho que genero de contracto possamos fazer.

--Eu lhe digo. Se a senhora fizer com que sua sobrinha queira casar

commigo, eu obrigo-me a dar á senhora cem mil réis cada anno emquanto a

snr.ª Madre for viva...

--Emquanto eu for viva?--atalhou a freira, sustendo com difficuldade o

impeto do riso.

--Sim, senhora--tem cem mil réis em metal, pagos no principio do anno,

emquanto a senhora for viva.

--Não aceito.

--Então quanto quer? diga lá, que me pilha em boa maré!

--Se me dá os cem mil réis por mais alguns annos...

--Que é? não entendo isso.

--V. m. diz que me dá cem mil réis annuaes; mas tira a condição de m'os

não dar logo que eu morra, não é assim?

--Podera não! Dou-lh'os emquanto a snr.ª Madre for viva.

--Pois eu quero que m'os continue a pagar por mais alguns annos.

--A senhora por mais que me digam está a mangar commigo! Então é douda

ou não é?! E o caso é que já pegou á moça a toleima...

Soror Rufina arquejava em gargalhadas indomitas, quando o lôrpa lhe

dirigia os ultimos insultos.

Não podendo mais sustentar-se na grade, a freira deixou o mercador a

resmungar, e lançou-se a rir nos braços de Carlota, que a esperava

chorando.

Acabou-se o ignobil episodio de Antonio José da Silva.

Aos que não conhecem esta raça inextinguivel no Porto, aos que reputam

desnaturada a linguagem que o romancista saccou da lingua d'este

Antonio, emprasamos para que estudem, e observem, hoje, n'este anno de

1858, já passado quasi meio seculo, os Antonios existentes, se é

possivel encontrar-se um Antonio assim que não seja um lustre da nobreza

coeva do gaz e do telegrapho electrico.

XVI

Quem quizer saber quantos são ao todo os filhos de Adão, conte

primeiro quantos são os afflictos e atribulados.

Bernardes. (\_Nova Floresta\_.)

A filha de Norberto de Meirelles esperava em vão que sua mãe com

supplicas incessantes alcançasse do marido o dote para a profissão. O

negociante poderia com algum sacrificio acceder ás instancias de D.

Rosalia; mas a pertinacia de Carlota em rejeitar a proposta de Antonio

José da Silva irritou-o de tal modo, que não houve convencel-o a

aceitar, a titulo de emprestimo, a dadiva do patrimonio que os paes da

noviça Dorothea queriam dar á intima amiga de sua filha. Ia mais por

diante a brutalidade do arrozeiro, negando-lhe o consentimento. Ora,

contra esta tyrannia nova, entre as tyrannias de paes crueis e barbaros

tutores, como se diz nos romances não menos barbaros e crueis, contra

esta nova tyrannia trabalhavam na côrte pessoas empenhadas a favor da

noviça por intervenção de algumas freiras.

Obtida a licença regia, graças á pouca actividade de Norberto, e talvez

á diversão em que o traziam os cuidados e afflicções de pagar as letras

do snr. Antonio José da rua das Flores, Carlota Angela soube que seria

freira sem dote, freira de prenda, como se chamam as meninas que tocam

ou cantam, e dão a sua habilidade como equivalente de patrimonio.

Foi um dia de jubilo no mosteiro de S. Bento da Avè Maria o da chegada

da licença. A profissão de Carlota era uma festa, em que todas as

freiras tomavam parte. Os fartos meios, que lhes sobejavam, permittiam

solemnisar com todas as galas e magestade o acto augusto, que a noviça

anciava, chorando de alegria, e esperando com susto, como se temesse

algum imprevisto obstaculo á sua felicidade. Chegou o fausto dia.

Se entendem que não é impertinencia descriptiva debuxar á pressa os

promenores da profissão de uma religiosa benedictina, acompanharemos

Carlota Angela desde que a mestra, avisada pelo dobre do sino, a foi

buscar da casa do noviciado para o côro. A noviça ajoelhou aos pés da

prelada, proferindo as palavras do rito, que são uma supplica de

misericordia a Deus e á abbadessa, que a interroga ácerca do que

pretende. Entre as mãos de Carlota estava a regra do patriarcha S.

Bento, e n'essa postura devota e humilhada profere os votos. Á grade do

côro, onde se passa esta scena quasi silenciosa, chega um sacerdote com

a cruz processional entre dois candelabros, e após elle os paramentos.

A noviça cantou com a voz tremida a carta da sua profissão. As ultimas

palavras mais as dissereis gemidos desatados de uma suffocante angustia.

Lida a carta, o som melancolico do orgão parecia chorar com ella, cuja

voz, em terceto com a da cantora e da mestra de noviças, entoou, tres

vezes, o seguinte verso:

\_Suscipe, Domine, secundum eloquium tuum, et vivam, et non confundas me

ab expectatione mea.\_

Carlota foi ajoelhar ante o altar da Virgem, e depôz no respaldo do

altar a carta da profissão. O côro cantava, entretanto, um \_Gloria\_ de

tristissima toada.

D'alli, foi ao meio do côro a professante, e ajoelhou sobre uma alcatifa

entre quatro candelabros; ajoelharam todos, e entoaram uma ladainha,

acompanhada a orgão, e instrumental.

As freiras assistentes ergueram nos braços a noviça, emquanto se cantava

o \_Veni, creator Spiritus\_, invocação de tanta religiosidade e

compunção, que as lagrimas saltaram a um tempo de todos os olhos.

Carlota foi prostrar-se diante da abbadessa, que a despiu, ao passo que

a trança dos cabellos era deposta n'uma salva de prata. Cingiram-lhe

depois a touca e o véo, que o celebrante aspergira e incensara, e

ajoelharam com ella. «Recebe, donzella, o véo sagrado--disse a

abbadessa, impondo-lh'o na cabeça--para que chegues sem mácula ao

tribunal de nosso Senhor Jesus Christo, ao qual se dobram os joelhos no

céo, na terra, e no inferno por toda a eternidade.» Sobre o hombro

direito lhe collocaram em seguida umas disciplinas, acompanhando a acção

com estas palavras: «Recebe, ó cara irmã, as armas da tua milicia».

O celebrante entoou uma oração, durante a qual as lagrimas da

professante manavam copiosamente sobre as mãos de soror Rufina, que lhe

amparava o rosto.

A prelada proferia as ultimas palavras da benção final, o orgão

acompanhava \_Benedictio Dei Patris\_, esse hymno de acção de graças, que

os anjos parecia sublimarem em accordes de celestial melodia, quando

entrou na igreja um mancebo com tal impeto, que se fez reparado ás

pessoas por entre as quaes rompeu com precipitada vehemencia.

--Já professou?--perguntou o individuo machinalmente a um rosto

conhecido que proferira o seu nome,

--Agora mesmo.

--Professa!--exclamou Francisco Salter de Mendonça, correndo para as

grades do côro--Professa! Tudo perdido, tudo perdido!

Encostado aos ferros do côro, com a fronte banhada de suor frio, e a luz

dos olhos turvada, Francisco Salter estava já amparado entre os braços

das pessoas que o reconheceram.

Fez-se um grande reboliço na igreja. A multidão agglomerava-se em redor

do official de marinha, sem poder averiguar a causa dos gemidos que se

ouviam no côro.

Não eram de Carlota Angela esses gemidos. A infeliz dirieis que

adivinhou a entrada de Salter na igreja, porque, erguendo-se de repente,

antes que a prelada pronunciasse as ultimas palavras da benção final,

correu á grade, soltou um ai suffocado, como se outro não podésse já

soltar do coração expirante, e caiu desmaiada nos braços de algumas

freiras, que lhe tinham seguido o movimento arrebatado.

Soror Carlota foi transportada á sua cella, sem sentidos. Francisco

Salter de Mendonça recobrou alento e razão, quando se viu espectaculo de

tanta gente, e pediu licença para sair.

A serenidade que de repente lhe assomou ao rosto causava novo espanto

aos amigos ou conhecidos que se empenhavam em o levar d'alli. Entre

esses havia um que tinha o segredo d'aquella grande desventura, e lhe

pediu mui encarecidamente que o acompanhasse para sua casa. Mendonça

rejeitou com tranquilla urbanidade os offerecimentos, e parecia surdo ás

consolações. O sorriso contrafeito, com que desmentia as lagrimas que

lhe aguavam os olhos, presagiava alguma grande desgraça. Um suicidio foi

o receio das pessoas a quem o mysterioso acontecimento foi de bôca em

bôca revelado.

Por fim, Mendonça desopprimido do concurso que o rodeava ainda no adro

da igreja, entrou no pateo do mosteiro, foi com sereno aspecto á

portaria, e pediu á madre porteira o favor de o annunciar á senhora

religiosa que acabava de professar. Concorreram algumas freiras a ouvir

este recado, e todas á uma balbuciaram não sabemos que palavras de

consolação religiosa que Francisco Salter parecia não ouvir.

Immovel permanecia elle, esperando a apparição de Carlota, quando lhe

indicaram a grade onde elle devia esperar que lhe fallassem.

--É a snr.ª D. Carlota Angela que eu procuro--disse elle com

imperturbavel firmeza.

--Pois suba para a grade, que o estão lá esperando.

--Mas quem é que me espera, senhoras?

--Alguem é...--responderam as freiras.

--Quem eu procuro, e com quem preciso fallar, é a senhora que professou

ha pouco. Não conheço mais alguem n'esta casa.

--Pois queira subir...--disse o padre capellão do mosteiro, que n'este

momento viera collocar-se ao pé de Francisco Salter--Eu acompanho v.

s.ª á grade onde o esperam--continuou o padre, dando-lhe o braço, e

guiando-o automaticamente para a grade, onde o estavam esperando.

Mendonça encontrou na grade uma freira desconhecida: era soror Rufina.

--Creio que não lhe será desagradavel--disse ella--encontrar uma tia de

Carlota.

--Quizera antes, minha senhora, encontrar sua sobrinha.

--É impossivel; minha sobrinha não dá accordo de si, nem dará tão cêdo.

V. s.ª devia presumir isto mesmo, antes que lh'o dissessem.

--Por que, minha senhora?!

--Porque minha pobre sobrinha o julgava morto, todas nós as amigas da

infeliz o julgavamos como ella: eu mesmo agradeço a Deus as forças que

me dispensa para poder vir a esta grade rogar de mãos erguidas ao snr.

Mendonça que não diga á desgraçada uma palavra que a póde matar; não lhe

lance em rosto a falta de palavra, que seria affrontal-a e dar-lhe o

ultimo empurrão para a sepultura.

--E disse eu já que vinha lançar em rosto a Carlota alguma falta? Não

venho, minha senhora, não. Eu vim a querer enxugar-lhe as lagrimas que a

minha apparição lhe fez chorar.

--Carlota por ora não póde chorar, snr. Mendonça. Para tamanha dor não

ha tal desafôgo por emquanto, e Deus sabe se alguma vez o haverá... Eu

não conto já com a vida de minha sobrinha. Vamos ser n'este convento

testimunhas de uma agonia muito atribulada. Deus lh'a dê curta, ou me

leve a mim primeiro, por misericordia. Duas horas antes, snr. Mendonça,

têl-a-hia talvez matado de alegria com a sua presença. Assim, matou-a,

ha de matal-a de pena, de desespero, de dores infernaes, que não hão de

obedecer aos confortos da religião.

--Que são confortos da religião?!--interrompeu Mendonça, carregando o

sobre-olho com a turvação da blasphemia.

--Aterra-me essa pergunta, snr. Mendonça!

--Não se aterre, minha senhora: responda-me antes a uma pergunta: o Deus

que ha de consolar Carlota é o mesmo que viu impassivel até este momento

a minha desgraça e a d'ella?

--Altos juizos do Senhor! Por quem é não lhe falle essa linguagem á

pobre Carlota! Ajude-a a supportar o peso da sua dor, com os olhos

postos no céo. A impiedade não serve de nada, snr. Mendonça. A

respiração da blasphemia traz para o interior do coração o fogo do

desespero. Se a vir succumbida, dê-lhe animo para a paciencia, venha

aqui todos os dias, dê-lhe a felicidade que a religião dos infelizes não

condemna; amigo, seja o irmão extremoso da minha pobre sobrinha.

Prometta-me isto, que eu vou prevenil-a pouco e pouco, até que ella

possa encaral-o com firmeza e confiança. Se a accusar de inconstante,

snr. Mendonça, olhe que a calumnia cruelmente. Ha de saber da bôca de

Carlota que dois annos de martyrio ella tem amargurado n'este convento.

--Sei, senhora.

--Que desenganos, que torturas, que repetidas luctas com a desesperação,

e que ferventes supplicas ella fazia a Deus para que a levasse, desde

que lhe deram como certa a sua morte!

--Tudo sei, minha senhora. Já vê que a não posso condemnar. Eu venho

pedir-lhe consolações, venho aprender a paciencia, venho pedir-lhe

coragem para não tentar contra a minha vida.

--Peça, peça, e verá que a minha santa sobrinha lhe ensina a consolação

do soffrimento, o bálsamo divino da paciencia, e o segredo de achar a

alegria na vida que tão desgraçada lhe parece. Hoje não, snr. Mendonça;

Carlota a esta hora precisa de que a animem, se é que Deus não quer que

este golpe seja o ultimo no debil fio da sua existencia. Eu vou para

junto d'ella, parece-me que a estou ouvindo pronunciar o seu nome, e eu

corro a dizer-lhe que encontrei no snr. Mendonça o irmão, o amigo

carinhoso da nossa Carlota. Deixa-me dizer-lhe isto, snr. Mendonça?

--Diga, diga, que é preciso salvarmol-a, ainda mesmo que ella me não

torne a ver.

--Por que não ha de ella tornar a vel-o?! Então quer que a infeliz morra

atormentada? Tenha compaixão de nós, snr. Mendonça! Outra freira d'esta

casa talvez lhe pedisse que não voltasse aqui mais. Eu, pelo contrario,

lhe rogo que venha todos os dias, que seja testimunha de todas as

lagrimas salvadoras que ella chorar, que lhe prometta uma affeição pura

sem manchar a santidade das obrigações religiosas de Carlota. Pois a

amizade immaculada não é o reflexo do amor divino? O Altissimo não

condemna o coração de minha sobrinha, cheio de um amor que ha de entrar

com a alma na bemaventurança. Eu tenho presenciado n'esta casa affeições

de muitos annos, de longas vidas dedicadas ao amor do coração, sem

comtudo macularem a religiosidade dos deveres. Todo o mundo tem

obrigação de respeitar o amor de minha sobrinha ao homem que ella chorou

dois annos, chorava ainda no instante em que lhe appareceu. Venha, snr.

Mendonça, venha aqui todos os dias, e verá como o tempo amacia os

espinhos que o mortificam. Ha de chegar a esquecer-se das dores que

soffre n'este momento, e a sentir as lagrimas de uma amizade santa e

pura.

O dialogo foi cortado por uma pressurosa chamada a soror Rufina. Carlota

recuperando os sentidos, chamava Francisco Salter de Mendonça, e

forcejava por evadir-se dos braços que a sustinham. Algumas religiosas

estavam passadas de religioso terror, vendo-a, ainda vestida com os

hábitos da profissão, invocar tão afflicta e descomposta o nome profano

de um homem que, no entender das servas de Deus, devia considerar-se de

direito morto, quando o não estivesse de facto. Algumas escrupulisaram

de assistirem ao debate da professa nos braços das mais novas, e

congregaram-se na cella da escrivã para decidirem que o demonio entrara

no corpo de Carlota. O voto da mais auctorisada era que se chamasse o

capellão para exorcismar a energumena. Outra acrescentava que, no caso

infausto de contumacia diabolica, seria util e piedoso dar parte do

successo ao bispo, para que este obrigasse Francisco Salter a sair do

Porto, como perturbador d'aquella casa.

Entretanto, soror Rufina, chamada da grade, onde deixara Mendonça

esperando saber o estado de Carlota, pedira ás amigas menos escrupulosas

de sua sobrinha que a deixassem só com ella.

--Francisco desejava ver-te--disse Rufina.--Logo que tenhas força e

vontade irás ver o que é um amigo do coração, um anjo de paz que Deus te

envia, assegurando-te que a felicidade do espirito não destroe a

felicidade do claustro, que a esposa do Senhor póde ser a irmã estremosa

do homem a quem amou.

Carlota cravava os seus grandes olhos no rosto risonho da tia, como se

não comprehendesse. A freira continuou:

--Esperavas que Mendonça te viesse lançar em rosto a tua impersistencia,

minha filha? Não, Carlota. Mendonça sabe tudo. Diz que vem procurar as

tuas consolações, a fim de não tentar contra a propria vida. Vês tu,

menina, que sublime encargo Deus te confia no momento em que as tuas

angustias tocam o extremo? Tens de amparar a vida do nobre moço, de lhe

dares consolações...

--Eu, meu Deusl eu consolal-o!--exclamou Carlota, arrancando

impetuosamente o véo--Ha uma só consolação possivel para nós.

Annullem-me os votos que fiz. Não posso ser freira, não quero ser

freira. Deus sabe que fui atraiçoada, que professei, porque me mentiram,

e eu não minto a Deus. Minha querida tia, eu sou agora mais desgraçada

que nunca. Morro impenitente, se me não dizem que é possivel annullar um

juramento falso que me obrigaram a dar.

--Carlota! tu não comprehendes a felicidade n'este mundo sem o crime?

--Crime! qual foi o meu crime? que fiz eu para merecer este castigo?

Onde está Deus, que me não amparou antes d'este desgraçado passo que dei

hoje, e me não mata agora, se não posso remedial-o?

--Isso é uma blasphemia, filha! o demonio da tentação não quer deixar-te

gosar as alegrias puras que Deus te permitte.

--Alegrias, minha tia! Pois cuida que se engana assim a afflicção?

Alegrias para mim, que estou condemnada a um carcere perpetuo, que hei

de ver sempre entre mim e o esposo da minha alma uma barreira de ferro,

que nem posso sequer esperar que elle venha recolher o meu ultimo

suspiro?! Vel-o todos os dias... oh! esse é o mais horrivel de quantos

padecimentos podia antever a minha imaginação! Antes acabar no

desespero, sem vel-o! Antes morrer aqui abafada sem que elle seja a

desgraçada testimunha das minhas agonias! Que hei de eu dizer-lhe, ou

que ha de elle dizer-me a mim? Se elle me pedir contas dos meus

juramentos, se me lançar na rosto a minha falta de fé, se me perguntar

como pude eu sobreviver á certeza de que elle tinha morrido, que hei de

eu responder?

--Diz-lhe que vestiste o habito de eterna viuvez, que escolheste a vida

mais pura, para que as orações por alma d'elle fossem mais gratas ao

Senhor. Diz-lhe antes que escolheste o mais longo paroxismo de uma morte

atribulada; que podeste acreditar que elle violara o seu juramento;

conta-lhe tudo quanto a traição inventou em teu damno; diz-lhe que ainda

convencida de que elle morrera, depois de atraiçoar-te, lhe perdoaste, e

caíste de joelhos aos pés da cruz, pedindo á misericordia infinita que

lhe perdoasse o perjurio. Que mulher houve n'este mundo tão forte da sua

innocencia como tu para poder apresentar-se com o rosto immaculado na

presença do homem que lhe vem pedir contas? Qual é o teu crime, infeliz?

Não te disseram a ti que Francisco esposara outra mulher no Rio de

Janeiro? Não te affirmaram que elle morrera depois? O silencio de dois

annos não estava sempre confirmando o cruel desengano das tuas

esperanças? Quem te ha de accusar, Carlota?

--Elle, minha tia. Eu tinha obrigação de não acreditar a calumnia! Eu

fui mais vil e miseravel que os infames que urdiram a minha desgraça!

Não tenho animo de lhe apparecer, não sei como possa defender-se a minha

fraqueza, nem quero defender-me, porque sou eu a que me accuso de

indigna do perdão d'este homem, que eu fiz tão infeliz... Ha um só

remedio, minha tia... Se m'o não dão, nem quero mais vel-o, nem prometto

respeitar a religião que nos manda supportar com paciencia o peso da

vida... e que vida, meu Deus!... que vida de inferno me seria esta, se

eu não podesse arrancar do coração esta braza viva que me está

atormentando!

--Pois que queres tu, Carlota! Valha-me a Virgem Santissima! que se ha

de fazer, infeliz creatura?

--Annullem-me os votos, deixem-me ir lançar aos pés de quem póde

restituir-me a minha liberdade. Não posso ser freira, declaro bem alto

para que todos me ouçam n'esta casa, e me desculpem do mal que eu fizer;

não posso ser freira, sem dar grandes escandalos, sem insultar a virtude

das pessoas que me rodeiam, sem amaldiçoar a hora em que professei, e a

religião que me manda morrer sem desabafo.

--Carlota! pelo amor de Deus!--exclamou soror Rufina, tapando-lhe a

bôca, e abraçando-a com convulsivo terror. Teme o castigo do céo, minha

filha. Arrepende-te d'essas blasphemias, e Deus não permittirá que tu

comeces a expial-as n'este mundo com a deshonra... Tu não sabes o que

disseste, Carlota. Foi a desesperação que a fez assim fallar, minha Mãe

Santissima; não consintaes que ella seja castigada! Alcançae de vosso

Filho um bocadinho de refrigerio para esta desgraçada que a dor

enlouqueceu.

A freira continuou uma supplica assim afflictiva diante da imagem da Mãe

de Deus. Carlota Angela correra impetuosamente para o mais escuro da

casa, e lá prorompera, sósinha, em prantos, que não eram de contrição,

nem sequer de desafôgo á sua grande angustia. Apertavam-a ainda os

frenesis da desesperação enraivecida e impia. Rebatia com gestos

furiosos as timidas consolações da tia e da meiga Dorothea, cujas

palavras mais suavemente lhe deviam fallar ao coração, se a quasi

demencia a não tivesse assaltado com vertigens de quarto em quarto de

hora.

Francisco Salter recebeu, ainda na grade, a triste informação do estado

de Carlota. Perguntou elle a soror Rufina, se teria duvida em

entregar-lhe uma carta. A freira hesitou emquanto Mendonça lhe não disse

que a carta seria um lenitivo para Carlota, e talvez um balsamo de

completa cura.

Qual deva ser a efficacia d'esse balsamo infere-se da carta que se copia

textualmente no capitulo immediato.

XVII

Dans le monde tout est confondu. Les juges ne sont plus que des

bourreaux, qui offrent des victimes humaines á ce Dieu mensonger

qu'on appelle le Droit et la Justice. L'homme sans foi devient un

sage et le sage une dupe. Le héros qui donne sa vie pour la vérité

n'est qu'un malheureux fou, qui s'est sacrifié pour une chimère.

Qu'il meure désespéré sur les pavés sanglants, objet de

l'indifférence de Dieu et de la raillerie des hommes!

Jules Simon. (\_Le Devoir.\_)

«Carlota.

«O destino esmaga-nos, se succumbirmos. Coragem, intrepidez de

desesperados, é a nossa salvação... A sociedade pôz-nos um pé sobre o

peito: o coração geme nas agonias da morte violenta; mas não morrerá.

Affrontemos os assassinos. Vamos direitos ao encontro da infamia. A

nossa vingança é viver. A nossa vingança é enxugar as lagrimas, e

suffocar os gemidos. A nossa vingança é fazer a sociedade responsavel

perante a sua propria consciencia do crime que ella propria ha de

condemnar, depois que nos queimou na alma o germen da virtude.

«És freira, Carlota Angela. Forçaram-te a violar a palavra jurada, cujo

cumprimento vinha pedir. Disseram-te que eu te atraiçoara e morrera.

Tinhas obrigação de defender a minha honra, emquanto eu não viesse da

sepultura pedir-te perdão da perfidia. Não te condemno, nem sequer me

queixo. Entre a perversidade dos que te rodearam e a tua innocencia, a

lucta era desigual. Fraqueaste, porque a desgraça exigia que eu bebesse

o ultimo trago do meu calix. Eu não podia deixar de ser infeliz até á

extrema d'este inferno. Aqui deve ser o termo final da minha

condemnação. Não se póde ir mais além. Suicidar-me seria desmentir a

fortaleza com que tenho arrostado a desventura até hoje. Chorar comtigo,

devorar em silencio um dia e outro dia, na escuridade da desesperação, o

resto de duas vidas tão miseraveis como as nossas, seria escolher a

peior das mortes, o paroxismo prolongado, sem desafôgo nas crenças, sem

refugio na esperança de outro mundo.

«Não creio, nem espero nada além d'esta vida, Carlota.

«Se te sentes arrebatada para a grandeza do Creador, repara na miseria

das creaturas. D'este asqueroso lamaçal de sangue e lagrimas, para onde

nos empurrou a mão humana, como queres tu que o espirito possa

levantar-se para Deus?! Não ha justiça na terra, nem providencia no céo.

O summo bem é um sonho dos corações opprimidos, quando a oppressão não

estala os ultimos filamentos da fé, quando a angustia não é tamanha que

cerre todos os respiradouros da alma. Se ha Deus, a sua inercia, á vista

das atrocidades que soffremos, é igual á indifferença, á impotencia, ao

nada. Nas minhas e nas tuas dores, a justiça eterna permaneceu

insensivel, como se temesse ou approvasse a infamia dos homens.

«Não baixou do céo um anjo que te dissesse:

«Aquelle que te ama, vive em torturas, arcou já triumphante com a morte,

esmagará por fim o preconceito da honra, e virá buscar-te. Não dês a

Deus um coração que não podes dar. Não jures ante o altar um voto que

implica a morte do homem que a estas horas, sobre o mar, me está pedindo

que te dê forças para o soffrimento, que te illumine com um clarão de

esperança, que te povôe os sonhos com a imagem d'elle.»

«Fallou-te assim um anjo, Carlota? Não. Em redor de ti estava o terror

do desconforto, o silencio da desesperação, o desamparo, e as piedosas

lamentações de algumas almas boas que te mostravam o céo, porque a vida

se te havia convertido em inferno.

«Eu gemi n'um carcere longos mezes. Visitou-me a fome, a sêde, o frenesi

da loucura, o terrivel \_nunca mais\_, essas duas palavras malditas que

encerram todo o fel das amarguras humanas. E, no tumultuar de tantas

penas injustas, nunca a justiça divina me disse que esperasse o dia do

resgate, a corôa do martyrio immerecido, a vista da mulher chorada que

me vinha consolar nos instantes do lethargo, e fazer suave a pedra em

que eu encostava a cabeça abrasada. Nunca. Gemi no desamparo, como o

malfeitor repulsivo, que a sociedade lançou de si maldito, e maldito de

Deus nem sequer podia esperar a purificação do remorso.

«Que mal fizeras tu, pobre mulher? Por que te mortificaram os homens, e

como consentiu um Deus justiceiro o tormento que te deram?

«Que mal fizera eu, homem de consciencia pura, que passei os annos da

minha mocidade estudando os raros exemplos de virtude que me encantavam

o coração?

«Padecemos, porque fomos escravos da honra, Carlota Angela.

«Se eu passasse por cima dos respeitos humanos, terias sido minha

amante, serias hoje minha esposa, e a sociedade apontar-nos-hia como

modelo de amor fiel e devotado a todos os sacrificios. Faltou a culpa,

para que a fortuna nos não ludibriasse. Era necessario o crime para

sermos hoje felizes. A virtude o que é?

«A minha honra reduziu-me a isto que eu sou. Sacrifiquei-te aos deveres

que a minha probidade me impunha, e fiz-te a desgraçada que hoje és.

«Quero salvar-te, Carlota, e quero que me salves.

«Apparece-me, filha da minha alma; vem ouvir-me, porque a nossa época de

felicidade começa hoje. Não ha para nós n'este mundo mais que nós

mesmos. Tudo que se oppozer ao destino que vamos seguir, é mentira, é

perfidia, é uma nova traição que te armam, Carlota.

«Sorri á esperança, martyr! Irradie em volta de ti o sol de esperança

que me está abrilhantando o futuro. O coração delira-me de alegria no

peito, onde não cabe. Agora conheço que me pertences, que te não perdi,

que és mais minha por um direito de torturas, que valem mais que todos

os juramentos. Sacode as algemas que a hypocrisia te encadeiou nos

pulsos. Deixa voar o coração, que um voto sacrilego ou impostor te

assellou ao nada da uma esperança estupida ou fementida. És livre,

Carlota. A tua alma não podia obedecer ás suggestões de malvados, porque

era minha.

«Agora te digo que venho pedir contas do teu juramento.

«Carlota Angela, estou aqui! Pertences-me.»

A freira acabava de ler esta carta, e correra á grade, onde a esperava

Mendonça.

Não dizem os nossos apontamentos o que se passou na grade. Se

escrevessemos de imaginação, dava-se aqui um dialogo plangente, travado

de exclamações, umas de expansão maviosa, outras de frenesi insano. O

mais natural, na situação dos dois infelizes, é chorarem longo tempo

silenciosos. Devia a sua dor ser uma das que suffocam e entalam na

garganta o gemido. A desesperação mataria n'elles o jubilo de se verem:

a freira não poderia dizer a Mendonça: «sou tua». N'aquellas grades,

duras e inflexiveis como o «cumpra-se» terrivel do destino, estava

escripto o impossivel. Entalal-as, espedaçal-as, só a mão sacrilega do

crime poderia. Carlota ha de rasgar o véo, ha de calcar o habito, ha de

passar por cima da sua virtude, da sua religião, do seu esposo

celestial, se quizer dizer a Mendonça: «sou tua».

Devia, pois, ser melancolico além do exprimivel o que ahi se passou

n'essa grade; triste, e desgraçado direi, a julgal-o pelas

consequencias, que se vão descrever, com um certo pezar em que esperamos

tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aquelles

que não dão nada pela felicidade da terra, quando ella implica offensa

ao Senhor do céo.

Se as calamidades que promanarem d'esse encontro não forem das que matam

os agentes da sua propria desgraça, e, ao mesmo tempo, escandalisam a

moral, a quem ha de a moral condemnar? em que ponto d'esta escabrosa

senda da vida quereis que se levante o signal de aviso para acautelar os

ignorantes do abysmo que as flores escondem?

Nao sabemos, não o sabem os que teem a experiencia das quédas, e vão

caíndo sempre no golfão, para onde os allicia com blandicias uma

attracção satanica. Estamos fartos até ao tedio de ouvir dizer que o

homem é bom, que o homem é mau. O homem não é bom nem mau de seu

natural: é aquillo que o fazem ser; é o que realmente deve ser n'este

mundo, segundo a organisação d'este mundo, organisação viciosa,

aleijada, falsa, peccaminosa, quer o defeito começasse no paraizo

terreal, quer nos multiplicados infernos que as idades se foram

inventando através das civilisações.

O leitor tem o juizo necessario para se não dar á canceira de

interpretar essas linhas assim com assomos de dogmaticas. Este romance

pecca por acaso em divagações philosophicas, e n'isso está cifrado o

merito não vulgar de um livro que sustenta o caracter singelo e lhano

desde a primeira pagina, para que aos mais myopes se não esconda a luz

debaixo do alqueire.

Reparou soror Rufina em sua sobrinha, na volta da grade; achou-a serena

de mais, risonha até; um lampejo de alegria interior que lhe reaccendia

nos olhos a luz que as lagrimas haviam apagado. A velha freira, já

apalpada por infortunios de amor, não conjecturou d'aquella inesperada

alegria tão innocentemente como Carlota cuidava. O temor que a

sobresaltou presagiava a verdade, mas tão desgraçada era a verdade, que

a freira antes quiz desmentir o proprio presentimento, do que interrogar

a sobrinha, innocente talvez.

--Como vens alegre, Carlota!--disse ella.

--Fiquei mais desopprimida, minha tia; o muito chorar faz bem... estou

muito melhor, e agora espero vencer o infortunio.

--Com que armas, filha?

--Com que armas?... Com as da resignação... A maldade, a guerra que o

mundo faz a fracas mulheres como eu, só com a paciencia se sustenta.

--E Mendonça aconselhou-te a resignação?--disse a freira com suspeitoso

intento.

--Elle? tomara o infeliz quem lhe ensinasse o remedio das suas

afflicções... Nenhum de nós é forte; somos ambos por igual desgraçados e

fracos para luctar com as perfidias que nos fazem, ou que nos fizeram. O

remedio unico é gemer até á morte, dar á sociedade o regalo de nos

esmagar, soffrer-lhe na garganta o pé com evangelica submissão.

Entende-o assim, minha tia?

--Que modo de perguntar é esse, Carlota?! Eu estranho-te...

--Estranha-me!? Pois queria que eu voltasse da grade mais afflicta do

que fui?

--Não; esperava que as tuas palavras fossem mais sinceras, filha.

--Pois não são?!

--Ha ironia n'esse elogio que fazes á tua paciencia. O coração de uma

mulher não é assim. Concilias-te muito depressa com o sacrificio. A

virtude não se alcança assim tão rapida, e essa paciencia, que te

impões, é a virtude suprema. Não, Carlota, não. Tu... Tremo dizer-t'o...

--Diga, minha tia.

--Tu, filha, meditas um desatino.

--Um desatino!...

--Sim, Carlota; tu intentas fugir do convento--disse a freira com pavor.

--Não, tia...--balbuciou a trémula religiosa, mudando subitamente do

semblante sereno para os gestos alvoroçados da surpreza, do mêdo,

reflexivos da agitação interior que fizera n'ella o ar assombrado da

tia.

--Não balbucies, desgraçada. O teu rosto está confessando o desvario do

coração. Diz com animo, filha, confia á tua amiga essa resolução

funesta, que não executarás, sem que as minhas lagrimas te demovam de

tal desgraça. Oh! não faças tal, infeliz, que te deshonras para o mundo,

e te perdes para Deus.

--Minha tia!--exclamou Carlota, abraçando-a, e soluçando palavras

inarticuladas.

--É pois certo?--tornou a freira.

--É certo, minha tia, é certo que ou Deus me mata, ou eu fujo.

--Jesus! Maria Santissima! Que dizes, Carlota!

--Não posso desdizer-me, minha querida tia. Eu sou do homem que amo. Não

vejo nada n'este mundo senão elle, e as suas lagrimas. Mas as suas

lagrimas são-me menos preciosas que a vida de Francisco. Soffreu muito o

meu desgraçado amigo, soffreu muito; é preciso que eu o indemnise com a

minha reputação, com a vida, com os soffrimentos de todas as pessoas que

me estimam. Eu hei de ser menos infeliz, e elle será feliz quanto se

póde ser...

--Á custa de um crime... Carlota!

--De um crime que é o resultado de muitas infamias urdidas contra a

nossa felicidade. É um crime só o nosso, um só; Deus perdôa, e, se não

perdôa, aceito o inferno, se ha inferno, aceito...

--Cala-te, desgraçada, que insultas a religião; cala-te ahi, que

enlouqueceste, Carlota, e Deus bem sabe que a tua razão desvaria!

--Não, minha tia. Eu sinto-me no meu perfeito juizo: a desesperação

enlouquecia-me de antes algumas vezes; mas a esperança restituiu-me hoje

o vigor da minha antiga razão; com a differença que de antes

assustal-a-hiam os juizos do mundo, que a subornavam, e hoje a minha

razão vê tudo como tudo é, sente-se livre, e capaz de destruir todos os

obstaculos que uma falsa piedade me pozer.

--Mas tu não és já senhora de tuas acções, Carlota!--bradou a tia com

azedume.

--Sou. Emancipou-me o infortunio. Se me cortarem todos os meios da fuga,

resta-me o recurso do suicidio; apparecerei morta no pateo do convento.

Soror Rufina ficou tranzida. Carlota contemplou-a com pezar n'aquelle

quietismo terrivel. Estava a pobre senhora com a face apoiada sobre os

joelhos, e as mãos erguidas. A filha de Norberto quiz divertil-a da

lethargia; mas a gélida face da freira parecia de pedra, apenas as

lagrimas borbulhavam incessantes nas mãos da sobrinha.

Ao lado, porém, da consternada anciã estava a imagem de Francisco

Salter. Carlota queria consolar, promettendo o impossivel; mas o coração

recusava-se á mentira.

A freira benedictina promettera fugir n'aquelle dia. Se não soubera

esconder a traição, tambem não seria capaz de revogal-a, ou differil-a

para mais tarde.

XVIII

\_Venite ad me omnes qui laboratis, et onerati estis, et ego

reficiam vos.\_

Jesus Christo.

Soror Rufina comprehendeu mal a exaltação de Carlota. No conceito da

ingenua religiosa, sua sobrinha, posto que tentada pelo espirito das

trevas a dar um passo de desesperada, um passo do altar para o abysmo,

do limbo de esperanças celestiaes para o inferno das eternas dores, não

chegaria a deixar-se vencer, caíria contrita aos pés da cruz antes de

infamar-se e infamar o mosteiro com a fuga.

Carlota, por sua parte, não desmentiu a conjectura da freira, por isso

que, por espaço de dois dias, esteve reclusa na sua cella, orando e

chorando, quasi sempre sósinha, porque tanto a Cecilia como a Rufina

pedia que a deixassem desafogar a sua angustia a sós com a imagem do

Senhor, sua consolação extrema e unica.

Não podemos, porém, asseverar que as lagrimas e orações fossem o

constante exercicio da freira benedictina. Duas ou tres cartas, que

Francisco Salter de Mendonça recebeu, foram de certo escriptas em

intervallos pouco edificantes d'esses dois dias, se devemos, do que

aconteceu ao terceiro dia, avaliar o conteúdo d'ellas.

Ás tres horas da madrugada d'esse terceiro dia, que era o setimo do mez

de setembro de 1811, Francisco Salter de Mendonça estava já desde a meia

noite, encostado ao muro da cêrca do mosteiro, n'aquelle angulo que

confina com a ultima casa da rua do Loureiro, hoje bem conhecida pela

«Estalagem do Cantinho». Não averiguamos como elle conseguiu do

locatario d'essa casa, que devia ser um sujeito de maus costumes,

licença para engatinhar através do telhado, até alcançar o muro na parte

onde é facil o salto para a cêrca.

Ao dar das tres horas no campanario do mosteiro, branquejou rente com o

angulo do muro, que fórma a especie de fortim de ameias sobranceira á

Porta de Carros, um vulto que desceu ao pomar, e ahi se sumiu por alguns

minutos á vista do anciado Francisco Salter.

Era Carlota Angela, a professa benedictina, que fugira do thalamo do

divino esposo, e a cada passo que dava comprimia no peito o coração que

o phantasma do seu crime apavorava. Os minutos que se demorou no pomar,

cerrado, por cuja copa o clarão da lua, já desmaiado pelos alvores

matutinos, se coava, traçando sombras movediças, foram uma demora

causada por uma syncope.

Francisco Salter, suspeitando isto mesmo, ou receiando o arrependimento,

saltou o muro, deixando içada a escada de corda por onde Carlota devia

subir, e foi direito ao pomar. A freira soltou um grito de terror quando

viu ao pé de si um vulto. Salter proferiu o nome d'ella com amorosa

angustia.

Mendonça tremia.

Não ha coragem de homem que vença a commoção d'estes lances. O silencio

religioso que reinava alli; os trajos da religiosa, ainda os mesmos com

que horas antes assistira á sua ultima oração em communidade, excepto a

touca e o escapulario; esse intimo abalo com que a Providencia se

denuncia nos corações mais endurecidos pela negação da falsa consciencia

do irreligioso; e, sobretudo, a lucta de todos esses sentimentos com a

paixão imperiosa, e o plano irrevogavel d'esses dois infelizes, fora,

talvez, a causa do quebranto, e quasi desfalecimento de espirito em que

ficou Mendonça ao apertar nos braços, pela primeira vez, Carlota Angela.

--Não posso!--exclamou ella--não posso dar um passo... Começo a sentir o

castigo do céo... Receio morrer aqui.

--Não morrerás, Carlota...--acudiu Mendonça, apertando-a ao seio com

vehemente ternura misturada de supersticioso sobresalto--Deus só castiga

o crime das que abjuram os votos que faz o coração. Vem, Carlota, mais

alguns passos, pouco nos falta já; d'aqui a momentos verás fugir esse

terror, que me está opprimindo tambem a mim. Vem, amiga da minha alma...

--Não posso, Francisco... não posso...--tornou ella, soluçando,

pendurando-se-lhe dos hombros com afflictivo modo, e olhando em redor

com a vista assombrada de visões medonhas--Vae tu, que eu torno para o

meu supplicio... Vae, meu amigo, que não póde haver felicidade sem Deus.

Não queiras ser cumplice do meu crime, porque o has de expiar commigo. O

melhor, na minha desgraça, é morrer, Francisco; morrer martyr, morrer

digna de pedir ao Senhor por ti...

Francisco Salter balbuciava apenas monosyllabos. As palavras da freira

calaram-lhe na alma um spasmo atribulado. Carlota sentia-o tremer como

ella, ou mais ainda: o seu terror augmentava, com o silencio de

Mendonça, com aquella especie de assentimento que elle dava aos

presagios d'ella.

Por um momento se afigurou ao amante da religiosa que a desgraça era

inevitavel. Calara-se o coração. Era o espirito religioso que

sobrepujava o animo robusto do capitão de marinha. Tinham-o, talvez,

debilitado os infortunios. Fizera-o, talvez, supersticioso a desgraça,

se não quereis que possa chamar-se influxo providencial este mêdo. Por

que não dizemos antes que a desgraça o fizera crente? Por que não

estaria entre ambos o anjo do Senhor, o anjo Custodio que pedira ao

Altissimo um raio da sua divina graça com que alumiar, a dois corações

que se despenhavam, a profundeza do abysmo?

Carlota parecia banhada d'esse raio celestial, quando se lançou aos pés

de Mendonça de mãos erguidas, orando, póde dizer-se, orando assim:

--Não me leves d'aqui, meu amigo. Não me queiras fóra do amparo divino

que me deu esperanças de te encontrar no céo. Guardemos para lá os

nossos amores felizes, amores bemaventurados por uma eternidade. Temos

merecido tanto com os nossos martyrios, Francisco... deviamos de ser tão

caros á piedade de Deus... não sejamos agora indignos da sua

misericordia, e crueis para comnosco... A minha vida será curta no

convento, e fóra do convento. Deixa-me morrer aqui; serás menos infeliz.

Eu não me importa a deshonra do mundo: a infamação não poderia matar-me;

mas, lá fóra, espera-me uma dor maior que todas, a do remorso, a da

contrição impossivel sem a emenda.

Carlota proseguiu soluçando no seio do amante palavras inarticuladas, ás

quaes responderam por fim as lagrimas copiosas de Mendonça, as primeiras

que elle chorava doces e suavissimas, quaes se o Senhor lh'as désse como

prelibação aprazivel das alegrias que sua alma teria em galardão do

sacrificio.

Era já quasi dia claro, quando a freira benedictina, encostada ao braço

de Mendonça, foi sentar-se no degrau da porta por onde uma hora antes

saíra com a resolução de não mais entrar. Ahi, d'esse abraço derradeiro

que se deram silenciosos, arquejantes, convulsivos, não saberemos dizer

qual fosse a infinita angustia.

É certo que Francisco Salter, ao desapertal-a dos braços estremecidos em

que ella proferia n'um gemido o ultimo adeus, cruzou os braços e disse:

--Vae, Carlota, que eu não posso disputar-te a Deus. Vae, filha da minha

alma, que eu alimentei com lagrimas, que eu mereci a preço dos tormentos

que nenhum homem supportou, para finalmente te ceder a um phantasma que

me diz que não pódes ser minha. Recorda-te... olha para mim, Carlota, e

assombra-te da grandeza da minha angustia e da minha paciencia. O homem

que tanto padeceu para merecer-te, vae, sem ti, procurar a morte do

corpo onde Deus quer que ella o espere depois da morte da alma, do

assassinio lento de um coração que se teria salvado se ha tres annos te

arrancasse aos braços de teu pae. Fui demasiadamente honrado para este

mundo e para esta sociedade. Não quiz respirar este ar corrompido em que

vivem os felizes... devia morrer. Por fim, devias ser tu a que me

apontasses o teu remorso como estorvo a pertenceres-me. Fica, minha

amiga, com a tranquillidade do teu espirito. Por ti soffri muito; mas

não era o teu soffrimento o premio que eu vinha pedir-te agora. Quiz

dar-te a felicidade, e cuidei que t'a dava. Quiz levar-te commigo aos

pés do representante do Eterno na terra, para lhe supplicarmos que

houvesse de Deus perdão para ti, que não poderas ser o que a desgraça te

aconselhara que fosses. Diz-te o coração que o teu crime não póde ter

reparação: é Deus que t'o segreda, Carlota, e eu não ouso argumentar

contra as inspirações que te baixam do céo. Vae, pois, esposa de

Christo, vae para o teu santuario, e chora-me ahi, chora-me emquanto eu

viver; depois, ora por mim, porque a minha alma só as tuas orações podem

purifical-a, e erguel-a á presença do divino Juiz. Adeus, Carlota.

A freira, do limiar da porta estendera ainda os braços para Mendonça,

exclamando:

--Vem cá, Francisco, vem cá... escuta-me, por piedade!

--Carlota! Carlota!--disse uma voz, que os fizera estremecer a ambos.

Era soror Rufina, que surgira no angulo do muro, entre as ameias que

cercam o terraço por onde a freira conseguira evadir-se.

Francisco Salter de Mendonça, admiravel de dignidade, retrocedeu,

aproximou-se de Rufina, baixou ligeiramente a cabeça, e tomando Carlota

pela mão, disse:

--Deus sabe que ella é cada vez mais digna d'elle. Assista com piedade

ás agonias d'este anjo. Sua sobrinha, senhora, veio aqui buscar coragem

para a morte, e ensinar-me a morrer com honra. A vida honrada já ella

m'a tinha ensinado: faltava-me a morte, que devia ser de desesperança

impia, se esta santa me ensinasse o segredo de expirar abençoando a

desgraça.

Foram as ultimas palavras de Salter, palavras que a joven freira já não

ouvira, porque os braços de sua tia lhe estavam sendo amparo na perda

dos sentidos.

XIX

As religiões no meio do seculo, são como as ilhas no meio do mar,

que ás vezes por invasões do mesmo mar se vão comendo, e

soçobrando, e padecem suas injurias da visinhança deste poderoso

adversario. Mas se nas ilhas ha tempestades, que será no coração

dos mares? Oh! alegrem-se as ilhas, e multipliquem-se! que ainda

com a communicação tão visinha dos mares, estão muito mais firmes

e seguras que elles.

P. Manoel Bernardes. (\_Floresta.\_)

Decorreram alguns mezes, tres seriam, depois do terrivel combate

d'aquellas duas grandes almas comsigo mesmas.

Os succedimentos d'este lapso de tempo chegaram ao meu conhecimento

contados de diversas maneiras.

Dizem informações do mosteiro, que a religiosa Carlota Angela,

recobrando o vigor que o susto religioso lhe quebrantara, tentou de novo

evadir-se, n'um impeto de delirio, pela porta de serventia dos carros

que abre para o largo de S. Bento: tentação diabolica de que a

energumena pôde salvar-se por intercessão do patriarcha, o qual n'esse

momento lhe empeceu a fuga com o baculo, que a cegou com sua vivida

refulgencia. Isto, pelos modos, não está bem averiguado, nem

canonicamente se encampa, como milagre, á crendice dos leitores.

Outras informações mais racionaes dizem que Francisco Salter de Mendonça

fora, no decurso d'esses tres mezes, com pontualidade quotidiana ao

mosteiro, onde passava horas e horas na grade, com Carlota Angela, e com

sua tia, algumas vezes.

A tradição, porém, mais corrente, e sustentada por pessoas coevas de

grande auctoridade, é que Francisco Salter não voltara ao convento

depois d'aquella fuga mallograda, senão anno e meio mais tarde, já

vestido com o habito da ordem benedictina.

Foi-me, portanto, necessario pedir informações a um conventual de frei

Francisco da Soledade, que assim se chamou na religião o capitão de

marinha. Queria eu que me contasse qual foi o viver d'esse desventurado

no mosteiro; que assombrosas pelejas se deram n'aquelle seio, antes que

o habito o amortalhasse; quantas vezes a luz da graça divina alumiou o

coração blasphemo do noviço; quantas vezes a mão glacial da morte lhe

esfriou na fronte os estos afogueados da desesperação.

Colleccionei das vagas lembranças do egresso que fora seu companheiro de

noviciado em Tibães, as seguintes miudezas, que apenas satisfizeram a

minha curiosidade:

Francisco Salter apparecera na manhã do dia seguinte áquella noite do

anterior capitulo, no mosteiro de S. Bento da Victoria pedindo ao dom

abbade que o admittisse a noviciado. Mendonça era alli conhecido como

sobrinho do afamado monge, que ajuntava ao lustre do nascimento e ao das

lettras a santidade sufficiente para que o mundo lhe perdoasse uma

velleidade de moço, da qual velleidade procedera Francisco Salter.

O abbade acolhera-o de bom animo, suspeitando, porém, passageiro

desgosto de coração. Teve-o em sua casa alguns dias, esperando o

conselho do tempo, até que, senhor das mágoas do mancebo, acreditou na

firmeza da resolução e na efficacia do balsamo.

Decorrido um mez de prova, Francisco foi fazer noviciado para a casa de

Tibães, e ahi é que o meu informador o tratou com intimidade mediana,

porque o noviço vivia tão taciturno e triste, que os seus companheiros,

por pena, o não importunavam com frivolos allivios.

Sem embargo da pouca convivencia, notou o egresso que as noites do

noviço deviam de ser atribuladas, porque nunca de manhã lhe vira os

olhos sem raios de sangue, e como que ainda crystallinos dos residuos de

lagrimas regeladas pelo frio das manhãs.

Observara elle mais que, nas obrigações do côro, Francisco era pontual,

mas os seus labios, nem sequer murmuravam as orações do breviario. E,

posto que para os companheiros houvesse censuras do mestre por motivos

identicos, Francisco nunca fora reprehendido, nem ainda procurado na

cella, se alguma vez faltava ao côro. D'isto inferiam os demais noviços

que o seu companheiro trouxera do Porto especiaes recommendações do dom

abbade.

Acrescenta que Francisco, ás horas em que os noviços passeiavam na

cêrca, não saía do seu cubiculo, ou ia sentar-se no claustro lendo a

\_Imitação de Christo\_, livro que nunca lhe esquecia; ou lia um por um os

singelos epitaphios das lagens que formam o pavimento do claustro.

Notava-se que durante um anno o mysterioso noviço apenas recebera uma

carta do dom abbade, em que lhe era dada a nova de que todos os seus

papeis estavam legalisados canonicamente para poder professar, concluido

que fosse o tempo do noviciado.

N'este pouco se resume o que pude alcançar do egresso indifferente ou

desmemoriado.

Quem nos dirá, pois, as angustias do amante de Carlota Angela? O

coração.

Consultemos o coração aquelles que o tivermos.

Revivamos algum tormento da alma, se o tivemos na vida, e teremos

inducções remotas do que seria aquelle demorado paroxismo, aquelle lento

suicidar-se em presença de homens que não lhe entendiam as lagrimas, nem

saberiam nem poderiam enxugar-lh'as, se as entendessem.

A imagem de Carlota devia de estar sempre entre elle e o Christo. A luz

da graça divina devia de ser muitas vezes deslumbrada pelo reflexo da

labareda que o abrasava no intimo.

A phrase blasphema prenderia muitas vezes á consolação do Kempis. As

mãos convulsas deviam travar do habito para rasgal-o sobre o seio onde

batia o coração amante, do bravo, do homem de amor e batalhas, do que a

sociedade fizera atheu, antes que a desgraça fizesse religioso.

E, se assim não acontecia, abençoada seja a religião de Jesus, que tanto

póde! Abençoadas sejam as angustias, que levam pela mão o filho da

desventura ao pé de uma cruz, e o hasteam n'ella como holocausto, que se

consola por saber que ha um Deus compassivo a vel-o em suas torturas.

É o que necessitam os grandes infelizes, e esse olhar misericordioso do

Senhor, que reanima e salva do inferno dos homens aquelle que os homens

desampararam mutilado em todos os affectos, espedaçado em todas as

cordas do coração, que não coube na terra, repellido da communhão dos

innocentes prazeres d'esta vida, condemnado a expiar no flagicio da sua

dor immerecida as culpas que os grandes perversos não expiam, á vista de

suas victimas.

Se, pois, Francisco Salter caía de joelhos, paciente e consolado, aos

pés do crucificado, abençoada seja a religião de Jesus, que tanto póde!

Desde o dia em que frei Francisco da Soledade professou, a freira

benedictina recebeu regularmente novas d'elle, escriptas de Tibães, onde

o frade prolongou a sua residencia.

Faziam-lhe saudades os sitios onde tanto chorou.

Aviventara com a sua angustia as arvores seculares, os penhascos, e as

cruzes que lhe ouviram os gemidos.

Essas existencias insensiveis viviam-lhe na alma, e custava-lhe o

desprender-se d'ellas.

O coração affeiçôa-se aos logares onde soffreu ou gosou, quando o goso

não é crime, nem o soffrimento a desesperação da alma corrompida. As

alegrias do impio, e as tristezas do perverso, essas não deixam traços

indeleveis de suavissima saudade ou branda mágoa no coração.

Frei Francisco sabia que morrera para o mundo, e o ermo de S. Martinho

de Tibães era-lhe um sepulchro grato, uma lousa amiga sua, já polida dos

prantos d'elle. Impetos ainda de coração mal domado o impelliam para

Carlota. Mas quem era n'este mundo a professa benedictina? Era um

cadaver como elle, uma existencia passada, uma vaga imagem que esvoaçava

entre a cruz e o monge, e parava um momento para lhe verter nas mãos

erguidas uma lagrima.

Que importavam as visões da noite, esse fitar de olhos lagrimosos na

lua, e nas estrellas, nas nuvens encapelladas, e no clarão do relampago?

Que valia ao pobre coração do frade estrebuxar ainda nas agonias do

amor, no paroxismo horrivel d'esse suicidio de tantas vidas?

Que conforto lhe seria baixar do céo os olhos sobre si, e ver-se

amortalhado?

Não recorramos ao milagre para explicarmos a tranquillidade do espirito

que de repente abjura o mundo, e se lança desesperado ás misericordias

divinas.

Terrivel deve de ser o preço da tranquillidade, quando não é a morte que

a traz. A morte, sim: essa será sempre a bem-vinda dos desgraçados,

porque Deus lhe fez de gêlo a mão que ella põe no seio abrasado do

afflicto.

As cartas de Carlota Angela eram um adeus repetido ao seu amigo, um

convite festival para a eternidade. Nem uma só reminiscencia do passado

escurecia a linguagem lucida da prophetisa que descrevia as alegrias do

céo. Era tudo porvir, tudo paragens do vôo que ella ia desferir da

margem da sepultura para além. Dos seus soffrimentos nada lhe dizia: os

da alma abençoava-os, os do corpo chamava-lhes o doce pungimento dos

espinhos da sua corôa gloriosa.

Soror Rufina, amiga do monge benedictino, escrevia-lhe menos enlevada em

extasis. Fallando-lhe da sobrinha, contava-lhe os rapidos progressos de

uma tisica irremediavel, e da paciencia christã com que ella via

aproximar-se o termo de suas dores. A ultima carta que lhe escreveu,

revelava-lhe o desejo que sua sobrinha mostrara de ver o seu amigo, o

seu esposo celestial, uma vez, uma só vez antes de morrer.

Frei Francisco mediu as suas forças, e pediu a Deus que lhe aniquilasse

as que elle sentia para encarar Carlota, se eram peccaminosas.

Seis mezes depois de professo, o monge foi ao Porto, e recolheu-se ao

mosteiro de S. Bento da Victoria. D'ahi consultou soror Rufina sobre a

sua ida ao convento, porque entrara n'elle o presagio de que a infeliz

succumbiria ao vel-o desfigurado, encanecido, e triste como o espectro

de uma felicidade morta, que os vermes roazes da desventura tornaram

pavorosa.

Rufina sondou sua sobrinha, e Carlota, antes de responder, sentiu uma

convulsão estranha, que lhe fez espirrar do seio borbotões de sangue.

Passada a crise, que julgaram derradeira, Carlota disse anciosamente que

aceitava a visita do seu irmão, e quanto mais depressa, mais grata lhe

seria.

Cuidavam as amigas da moribunda que similhante impressão lhe seria

salutar.

Os medicos, com a sua costumada innocencia, conjecturavam que a presença

do monge faria uma grande revolução nos elementos desorganisados da vida

de Carlota, e agouravam a possibilidade de uma cura por meios todos

moraes.

N'esta esperança, que fazia sorrir a freira, frei Francisco foi avisado

para encontrar Carlota n'uma grade.

Espectaculo indescriptivel!

Frei Francisco entrara na grade onde dezoito mezes antes concertara a

fuga de Carlota. Alli se trocaram, em phrases cortadas de suspiros,

queixumes contra o destino; porém, as esperanças deslumbrantes acudiam

logo com as promessas de uma vida cheia de prazeres, prazeres embora

criminosos no tribunal dos homens, porém perdoaveis, talvez, aos olhos

de Deus. D'alli saíra Francisco Salter de Mendonça, o capitão de

marinha, com o coração fremente de aspirações, e até de soberba por ter

calcado, ao cabo de tantas desventuras, a inexoravel desgraça.

Oh! quão mudado agora! Como elle se estava examinando diante do seu

passado! O que se passaria n'aquella alma, e n'aquella fronte inclinada

para as mãos cruzadas sobre o seio! Porque não deu o Senhor duas

lagrimas áquelle infeliz!

Carlota Angela appareceu, encostada ao braço de sua tia. O monge

erguera-se, e voltado para ellas baixara a cabeça, e não mais erguera do

chão os olhos. Encostando uma das mãos á banqueta da grade, sentia-se o

tremor d'este movel sob a pressão convulsa. Apenas a madre Rufina

proferira alguns monosyllabos, Carlota fitara os olhos lucidos de um

brilho sinistro no habito do monge, e, voltando-os, silenciosa, para sua

tia, parecia perguntar-lhe se era aquelle Francisco Salter.

--Francisco!--balbuciou ella.

O frade estremeceu a esta voz, e encarou a freira.

--Francisco!--repetiu ella com a voz quasi desfallecida--és tu?

--Não vol-o disse, minha irmã, que me não conhecerieis?--disse o

benedictino com um violento sorriso.

--Conheço, conheço...--tornou ella, sentando-se, ou caíndo na cadeira

aonde a tia se esforçara em sental-a.--Era assim que eu o via nos meus

delirios, irmão da minha alma. Cá o sentia no coração morrendo assim...

Faltava-me ouvir este som de finados que me está cortando os ultimos

fios... É por mim, ou por ti, Francisco?... por ambos...

De feito, soava um dobre a finados na torre do mosteiro. Expirara

momentos antes uma religiosa d'aquella casa, a quem Carlota pedira que

intercedesse ao Senhor por ella, a fim de que a chamasse a si antes que

se apagassem os cirios do funeral da agonisante. Esta fizera um gesto

affirmativo, e expirara com os olhos fitos na freira.

Carlota proferira aquellas palavras, e pedira uma gotta de agua.

Emquanto soror Rufina descera á portaria a buscal-a, a freira introduziu

a custo o braço pela grade e disse:

--Francisco! dá-me a tua mão.

O monge tomou a mão de Carlota, e, ao apertal-a, sentiu a frialdade

humida da mão de um cadaver. A posição da religiosa era violenta, com o

peito encostado aos ferros, e a tosse suffocava-a. Frei Francisco fez

esforço para afastar o braço, mas debalde. Aquella mão apertava como a

do naufrago em trances de morte. Um frouxo de tosse salpicou de sangue o

braço do monge, e em seguida, já quando Rufina entrava na grade com o

copo, a mão de Carlota decaíu com o braço ao longo da grade, a fronte

pendeu para as costas da cadeira, o outro braço já se não ergueu para

tomar o copo da agua que lhe roçava os labios humidos de sangue.

--Minha filha!--exclamou a atribulada freira. Carlota descerrou as

palpebras, relanceou a vista quasi apagada para o monge, e fechou-as de

novo, murmurando:

--Ouviu-me Deus!

Rufina soltou um ai vibrante, e caiu de joelhos aos pés da sobrinha.

Frei Francisco ajoelhou tambem, e disse com terrivel serenidade:

--Oremos por ella. Meu Deus! recebei a martyr em vosso seio!

CONCLUSÃO

Cinco annos depois, vivia ainda no mosteiro de S. Martinho de Tibães

frei Francisco da Soledade.

Os leitores de mais rija e invulneravel organisação admiram-se de que

tal homem podesse viver tanto.

A mim custar-me-hia tambem a crel-o, se m'o não fizessem acreditar pela

data da lousa que vi na claustra d'aquelle mosteiro, com os meus

proprios olhos.

Viveu cinco annos para purificar-se e fazer-se digno da esposa que o

esperava no céo.

Quereis saber a purificação qual foi?

Norberto de Meirelles e sua mulher, quando a filha expirava, luctavam

com as extremas perseguições da fortuna infausta.

Mezes depois, estavam pobres, pobres até á indigencia.

Frei Francisco chamou estes infelizes para a visinhança do mosteiro, e

dava-lhes tres partes do seu pão. A communidade, quando conheceu tamanha

virtude, repartia tambem do seu por elles. A mãe de Carlota expirou nos

braços do monge, o velho sobreviveu-lhe um anno, e expirou quinze dias

antes de frei Francisco.

Francisco Salter saíu d'este mundo, quando já não tinha a quem perdoar

em nome de Carlota Angela.

Vêde-me do céo a mim, e a todos os infelizes, almas bemaventuradas!

Não foi a minha imaginação que vos creou! Logo que eu me senti soffrer

em vós, a vossa passagem na terra deixou vestigios.

FIM.

End of the Project Gutenberg EBook of Carlota Angela, by Camilo Castelo Branco

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK CARLOTA ANGELA \*\*\*

\*\*\*\*\* This file should be named 26025-8.txt or 26025-8.zip \*\*\*\*\*

This and all associated files of various formats will be found in:

http://www.gutenberg.org/2/6/0/2/26025/

Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed

Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This book was

produced from scanned images of public domain material

from the Google Print project.)

Updated editions will replace the previous one--the old editions

will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no

one owns a United States copyright in these works, so the Foundation

(and you!) can copy and distribute it in the United States without

permission and without paying copyright royalties. Special rules,

set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to

copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to

protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project

Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you

charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you

do not charge anything for copies of this eBook, complying with the

rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose

such as creation of derivative works, reports, performances and

research. They may be modified and printed and given away--you may do

practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is

subject to the trademark license, especially commercial

redistribution.

\*\*\* START: FULL LICENSE \*\*\*

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free

distribution of electronic works, by using or distributing this work

(or any other work associated in any way with the phrase "Project

Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project

Gutenberg-tm License (available with this file or online at

http://gutenberg.net/license).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm

electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm

electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to

and accept all the terms of this license and intellectual property

(trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all

the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy

all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession.

If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project

Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the

terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or

entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be

used on or associated in any way with an electronic work by people who

agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few

things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works

even without complying with the full terms of this agreement. See

paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project

Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement

and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic

works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation"

or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project

Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the

collection are in the public domain in the United States. If an

individual work is in the public domain in the United States and you are

located in the United States, we do not claim a right to prevent you from

copying, distributing, performing, displaying or creating derivative

works based on the work as long as all references to Project Gutenberg

are removed. Of course, we hope that you will support the Project

Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by

freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of

this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with

the work. You can easily comply with the terms of this agreement by

keeping this work in the same format with its attached full Project

Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern

what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in

a constant state of change. If you are outside the United States, check

the laws of your country in addition to the terms of this agreement

before downloading, copying, displaying, performing, distributing or

creating derivative works based on this work or any other Project

Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning

the copyright status of any work in any country outside the United

States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate

access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently

whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the

phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project

Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed,

copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.net

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived

from the public domain (does not contain a notice indicating that it is

posted with permission of the copyright holder), the work can be copied

and distributed to anyone in the United States without paying any fees

or charges. If you are redistributing or providing access to a work

with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the

work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1

through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the

Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or

1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted

with the permission of the copyright holder, your use and distribution

must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional

terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked

to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the

permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm

License terms from this work, or any files containing a part of this

work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this

electronic work, or any part of this electronic work, without

prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project

Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary,

compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any

word processing or hypertext form. However, if you provide access to or

distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than

"Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version

posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.net),

you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a

copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon

request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other

form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm

License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying,

performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works

unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing

access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided

that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from

the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method

you already use to calculate your applicable taxes. The fee is

owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he

has agreed to donate royalties under this paragraph to the

Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments

must be paid within 60 days following each date on which you

prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax

returns. Royalty payments should be clearly marked as such and

sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the

address specified in Section 4, "Information about donations to

the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies

you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he

does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm

License. You must require such a user to return or

destroy all copies of the works possessed in a physical medium

and discontinue all use of and all access to other copies of

Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any

money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the

electronic work is discovered and reported to you within 90 days

of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free

distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm

electronic work or group of works on different terms than are set

forth in this agreement, you must obtain permission in writing from

both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael

Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the

Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable

effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread

public domain works in creating the Project Gutenberg-tm

collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic

works, and the medium on which they may be stored, may contain

"Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or

corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual

property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a

computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by

your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right

of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project

Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project

Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all

liability to you for damages, costs and expenses, including legal

fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT

LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE

PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE

LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH

DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a

defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can

receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a

written explanation to the person you received the work from. If you

received the work on a physical medium, you must return the medium with

your written explanation. The person or entity that provided you with

the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a

refund. If you received the work electronically, the person or entity

providing it to you may choose to give you a second opportunity to

receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy

is also defective, you may demand a refund in writing without further

opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth

in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER

WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO

WARRANTIES OF MERCHANTIBILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied

warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages.

If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the

law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be

interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by

the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any

provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the

trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone

providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production,

promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works,

harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees,

that arise directly or indirectly from any of the following which you do

or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm

work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any

Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of

electronic works in formats readable by the widest variety of computers

including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists

because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from

people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the

assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's

goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will

remain freely available for generations to come. In 2001, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure

and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations.

To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4

and the Foundation web page at http://www.pglaf.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive

Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit

501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the

state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal

Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification

number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at

http://pglaf.org/fundraising. Contributions to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent

permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S.

Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered

throughout numerous locations. Its business office is located at

809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email

business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact

information can be found at the Foundation's web site and official

page at http://pglaf.org

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby

Chief Executive and Director

gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide

spread public support and donations to carry out its mission of

increasing the number of public domain and licensed works that can be

freely distributed in machine readable form accessible by the widest

array of equipment including outdated equipment. Many small donations

($1 to $5,000) are particularly important to maintaining tax exempt

status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating

charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a

considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up

with these requirements. We do not solicit donations in locations

where we have not received written confirmation of compliance. To

SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any

particular state visit http://pglaf.org

While we cannot and do not solicit contributions from states where we

have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition

against accepting unsolicited donations from donors in such states who

approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make

any statements concerning tax treatment of donations received from

outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation

methods and addresses. Donations are accepted in a number of other

ways including including checks, online payments and credit card

donations. To donate, please visit: http://pglaf.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic

works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm

concept of a library of electronic works that could be freely shared

with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project

Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed

editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S.

unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily

keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

http://www.gutenberg.net

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm,

including how to make donations to the Project Gutenberg Literary

Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to

subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.